

VIDA DE UM HOMEM:

Francisco de ASSIS


COMPANHIA DAS LETRAS

Chiara Frugoni



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



CHIARA FRUGONI

Vida de um homem: Francisco de Assis

Prefácio

Jacques Le Goff

Tradução

Federico Carotti



*À mãe e avó Pia,
perto de um pequeno lago.*

Sumário

Prefácio — *Jacques Le Goff*

1. Infância e juventude
2. O afastamento
3. É isso que quero! É isso que peço!
4. Os companheiros, as primeiras regras, Clara
5. Damietta e Greccio
6. Os estigmas: descoberta autêntica, relato piedoso ou invenção ousada?
7. O adeus

Nota bibliográfica

Prefácio

Jacques Le Goff

No século XIII e depois, desde o final do século XIX, Francisco de Assis fascinou homens e mulheres; e continua a fazê-lo ainda hoje, até mais do que antes. Já há alguns anos o santo tem inspirado diversas biografias, algumas excelentes. A de Chiara Frugoni, porém, revela um personagem, se não realmente desconhecido, pelo menos mal conhecido.

História de um homem milagroso, este pequeno livro parece um milagre. O milagre é, antes de mais nada, mostrar um homem imerso no seu tempo, ressuscitado por uma informação e doutrina sem falhas e por uma excepcional sensibilidade histórica, ao mesmo tempo revelando-o como homem do nosso tempo.

Sem dúvidas, o atual florescimento de obras sobre Francisco se alimenta de situações, paixões e problemas contemporâneos: a reação à pobreza, isto é, ao dinheiro, à dor e às misérias do corpo, o agravamento repulsivo e ao mesmo tempo vitorioso dos processos de marginalização, o desejo de respeitar e integrar a natureza na sensibilidade humana, o impulso, numa sociedade ainda dominada pelas tradições cristãs, de afirmar o papel dos laicos e das mulheres, a aspiração a um retorno de religiosidade mesclada a certa desconfiança em relação às Igrejas e religiões constituídas, a atitude em relação ao outro e ao diferente (como Francisco perante o herege e o muçulmano), o esforço para restringir a violência dos belicosos.

Como sabemos, Francisco se oculta por trás de uma multiplicidade de testemunhos que amiúde parecem irreconciliáveis: é o problema das fontes franciscanas, assim definido tradicionalmente. Essas fontes deram origem a vários Franciscos: algumas o apresentam quase como herege, outras — sejam as versões posteriores à biografia oficial de Tomás de Celano ou a oficialíssima versão redigida por são Boaventura após a destruição (felizmente não total) das biografias anteriores — como homem domesticado, adocicado, inofensivo para a Igreja. De todos esses Franciscos, Chiara Frugoni compôs um único Francisco, que não é a

soma nem a média dos demais, mas integra (sem calar as contradições, as incertezas, as tentações de outros percursos) todas as informações autênticas para constituir um ser extraordinariamente vivo, um verdadeiro “homem”: daí o título do livro.

Este homem humano, tão humano, todavia é um santo, um autêntico santo do século XIII (mesmo que os estigmas, tema de um magnífico estudo anterior de Chiara Frugoni, lhe confirmam uma dimensão extraordinária e extrema), suficientemente exemplar, excepcional e totalmente cristão para ainda continuar a ser um santo atual.

Chiara Frugoni quer libertar Francisco de todo o páthos que, voluntária ou involuntariamente, poderia desnaturá-lo e sufocá-lo, mas ela não é movida por um desejo iconoclasta. O homem Francisco que a autora encontra e redescobre não é anacrônico, nem descristianizado, nem dessacralizado. Em Francisco, o santo e o homem são uma coisa só, com “suas fraquezas e defeitos de caráter”.

Mas o santo não surge de súbito em toda a sua completude. A cronologia estrutura esta biografia, porque já não é o simples escorrer do tempo, mas se torna a própria matéria da construção – por parte de Francisco e de sua vida — de um homem que se torna santo sem deixar de ser homem. Tal gênese diacrônica, mesmo que valorize uma continuidade, um caminho constante para a realização de si, não ignora rupturas nem crises de consciência nascidas do choque dos eventos externos, que põem em questão, e por vezes até agridem, o difícil caminho de Francisco: o lento amadurecimento da “conversão” finalmente eclode não como “lugar-comum” hagiográfico, e sim como progressivo despojamento. Podemos acompanhar nas fontes a gênese e a evolução desse gradual despojamento, ao longo de uma vida humana concreta: viagens a Roma e diálogo conflituoso com a cúpula da Igreja, viagens à África e à Terra Santa e elaboração de uma resposta cristã ao infiel, inédita, não militar, não agressiva, diferente da adotada pelas Cruzadas; problemas e tormentos diante da transformação da irmandade, por evolução interna e por vontade da Igreja, em ordem religiosa; crises culminando nos estigmas. Sem se limitar apenas aos *Fioretti*,¹ como fez Rossellini, Chiara Frugoni recorre às primeiras fontes da vida de Francisco e alcança aquele tom propriamente evangélico que faz do filme do grande diretor uma das obras-primas do cinema.

* * *

Mais do que qualquer outro biógrafo anterior, Chiara Frugoni, detendo-se longamente na literatura cortesã da França da qual se alimentara Francisco, revela a profunda marca de um amor cortês que confere admirável expressão aos sentimentos do santo por sua “dama”, a

Senhora Pobreza, e ao seu “amor intenso e genuíno pelo próximo”, sem falar da “cortesia” fraterna em relação a toda a criação, inclusive “nossa irmã Morte corporal”, dádiva graciosa de um senhor em quem se encarna um ideal feudal interiorizado em termos de família, pai, mãe, irmão, irmã... E Chiara Frugoni lembra ainda que Francisco teria composto uma música de acompanhamento para o “Cântico das criaturas”, que entoaria como “menestrel de Deus”.

Naturalmente o Francisco com música é também um Francisco com imagens, dada a grande sensibilidade de Chiara Frugoni para a linguagem das figuras, ainda que, na obra aqui presente, tendo previamente consagrado um grande volume à iconografia do santo, apoie-se principalmente nos textos. Segundo a autora, porém (e isso deveria valer para todos os historiadores), texto e imagem são inseparáveis. Desse duplo interesse nasce uma análise de profundidade realmente notável. O leitor ficará fascinado com as páginas sobre a pregação de Francisco aos pássaros. Chiara Frugoni faz uma profunda e reveladora observação sobre o tema (e, ao que eu saiba, foi a primeira a fazê-la): se a Igreja autorizou o laico Francisco a pregar, a iconografia do século XIII jamais o representa pregando a homens ou mulheres. Nas imagens, a única audiência possível da pregação do santo são os pássaros.

Detendo-se no Francisco homem, Chiara Frugoni soube lançar luz sobre os aspectos de conduta com que ele se dissocia do modelo tradicional do santo, e até do devoto. Francisco é um homem (e portanto um santo) alegre, que recomenda a alegria aos companheiros e que ama “a pobreza, nunca separada do regozijo” (como escreve a autora). Francisco está muito distante daqueles rostos tristes da espiritualidade monástica tradicional, segundo a qual o monge é “aquele que chora” (*is qui luget*): o monge chora, mas o frade ri.

Pouco tempo depois de Francisco, um outro santo laico do século XIII também apreciará o riso: o rei da França Luís IX, futuro São Luís (a quem os franciscanos doaram, em 1226, quando este ainda era um jovem rei, o travesseiro sobre o qual Francisco moribundo descansara a cabeça). A alegria de Francisco faz parte de seu temperamento, de sua vitalidade e também de sua espiritualidade. E o que Chiara Frugoni louva, além do “insólito espírito de tolerância diante de uma Igreja em armas”, é exatamente “sua grande liberdade mental”. Liberdade alimentada pela espontaneidade e humildade, que fez com que “recusasse uma morte edificante”. Francisco pediu à amiga Jacoba de Settesoli — Chiara Frugoni não esquece as mulheres cujos relacionamentos com Francisco foram apresentados por Jacques Dalarun sob uma nova luz² — que lhe trouxesse de Roma não só “velas e pano cru cinzento para coser a mortalha”, mas também aqueles docinhos que tanto amava: “os *mostaccioli*, feitos de avelã, farinha e mel”.

O último milagre deste pequeno livro é mostrar este homem, o homem inteiro, o homem santo inteiro, com um estilo simples e límpido, muito franciscano, com que Chiara Frugoni fala “aos jovens” distantes de suas lembranças escolares e aos adultos que não frequentam as peregrinações a Assis nem os seminários eruditos sobre o santo.

Enquanto eu lia, fiz a mim mesmo a clássica pergunta: “Se pudesse levar para uma ilha deserta um único livro, entre todas as excelentes obras sobre Francisco, qual escolheria?”. E respondi: “O livro de Chiara Frugoni, porque faz reviver de maneira extraordinária um homem simples e fascinante”.

1 *I fioretti* é uma reelaboração livre e de autoria anônima do *Actus beati Francisci et sociorum eius* [Atos do bem-aventurado Francisco e de seus companheiros], de Ugolino de Montegiorgio, c. 1328-37. (N. T.)

2 Jacques Dalarun, *La malavventura di Francesco d’Assisi*, Edizioni Biblioteca Francescana, Milão, 1996: um excelente estudo sobre a “questão franciscana”.

1. Infância e juventude

“Havia em Assis, no vale de Spoleto, um homem chamado Francisco”: assim começa a narrativa de Tomás de Celano, o primeiro biógrafo do santo. O que para nós parece um início ao estilo “era uma vez” pretendia ser, muito pelo contrário, uma referência erudita; Tomás era um frade muito culto e, na verdade, quis lançar mão de um belo início, reproduzindo da Bíblia o começo do livro de Jó: “Havia na terra de Hus um homem chamado Jó”.

Francisco morreu na madrugada do dia 3 para o dia 4 de outubro de 1226. Tomás de Celano recebeu do pontífice Gregório IX o encargo de escrever sem demora a *Vida*, que deveria estar pronta para a cerimônia de canonização em 16 de julho de 1228, quando Francisco foi oficialmente santificado. O papa, junto com os cardeais, terminou o exame de todos os milagres ocorridos durante a vida do santo e após sua morte (“testemunham-se, discutem-se, verificam-se e aprovam-se!”), foi a Assis e proclamou, no cumprimento de sua grandiosa função: “Em louvor e glória de Deus onipotente, Pai e Filho e Espírito Santo, e em honra da Igreja romana, enquanto veneramos na terra o beatíssimo padre Francisco, que o Senhor glorificou nos céus, depois de reunir o parecer de nossos irmãos [os cardeais] e dos outros preladados, decretamos que seu nome seja inscrito no catálogo dos santos e se celebre a festa no dia do aniversário de sua morte”. Tomás conseguiu concluir o trabalho com um pequeno atraso ou, mais provavelmente, acrescentou a segunda e a terceira partes, curtíssimas, após assistir em Assis à solene festa de canonização de Francisco.

Nosso biógrafo apresenta Francisco quando está com cerca de 25 anos, isto é, já próximo da conversão, pois é a partir desse momento que, para os admiradores devotos, interessa conhecer os detalhes e informações: com efeito, Tomás não narrou uma vida completa, mas apenas sua segunda metade, a do jovem homem preparando-se para se tornar santo e tendo se tornado santo: imediatamente famoso, discutido e inquietante.

Assim, nada sabemos sobre o menino e o rapaz: podemos recolher aqui e ali alguns detalhes que o autor ou, depois dele, outros autores nos deixaram; conseguimos entrever o pequeno morador de Assis em alguns traços, em certas escolhas e atitudes mentais do santo adulto, mas para esses primeiros anos temos de recorrer, vez por outra, a um grau razoável de imaginação. Começamos, porém, pelas informações.

Na *Legenda trium sociorum* [Legenda dos três companheiros], isto é, Ângelo, Rufino e Leão, alguns de seus melhores amigos (na Idade Média, *lenda* ou *legenda* significa apenas o que está literalmente contido na palavra: narrativa escrita destinada à leitura), vimos a saber que Francisco, nascido quando o pai, comerciante de tecidos, estava na França, recebera da

mãe o nome de João; o pai, porém, tendo voltado nesse meio-tempo, começou a chamar o filho de “o Francisco”, isto é, “o francês”. Evidentemente foi um apelido bem oportuno, e o filho, mesmo crescido, aceitou que todos o chamassem de tal maneira; assim, este poderia ser o primeiro indicador de uma certa atitude ousada e provocadora de Francisco, consciente de estar destinado a sobressair e se distinguir entre os contemporâneos e, portanto, plenamente de acordo a que lhe coubesse um apelido.

Apenas as fontes tardias e não muito seguras afirmam que a mãe (Pica?, Giovanna?, nem mesmo seu nome é absolutamente certo) era uma nobre de origem francesa. O marido, Pietro de Bernardone, teria pretendido, num gesto de afeição, evocar o país da esposa no nome do filho; assim, seria possível compreender com clareza por que Francisco gostava tanto de se expressar em francês, se tal era de fato a língua materna de sua infância. É uma boa explicação para um nome que, naquela época, ainda era muito raro (“singular e insólito”, observa Tomás de Celano), mas, embora preferida pelos diretores de cinema que tantas vezes narraram a história de Francisco, não tem bases sólidas. Depois aventou-se que a intenção do pai, com aquele nome, seria agourar ao filho um futuro risonho e fartos lucros, mediante a lembrança dos bons negócios feitos nas terras da França enquanto o recém-nascido vinha à luz. Ou pode-se pensar que Pietro, por um complexo de inferioridade em relação aos nobres de antiga linhagem, quis distinguir o filho com uma denominação especial e única em sua família de mercador humilde e enriquecido.

Mas pode ser que o apelido tenha sido dado a Francisco já em idade adulta, devido ao entusiasmo com que lia, naquela época necessariamente em francês, as canções de gesta, os romances de Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda. Tais relatos que enalteciam o valor dos combatentes, o amor desinteressado pela bela dama, a lealdade, a generosidade, a cortesia, as virtudes que, então, pertenciam idealmente aos nobres e aos cavaleiros, exerceram sobre o jovem Francisco uma profunda impressão — como veremos, duradoura —, e logo o faziam considerar sufocante o armazém repleto de tecidos, além de mesquinhos os discursos do pai e do irmão Ângelo, com suas atenções concentradas em contas e lucros. Existiam, para além da pequena Assis, imensas florestas cheias de sombras e de aventuras, castelos de reis e rainhas, e principalmente a liberdade dos cavaleiros errantes, à vontade para seguirem seus próprios sonhos.

Quando pequeno, Francisco foi mandado a uma escola próxima de casa, junto à igreja de San Giorgio, a mesma igreja onde seria provisoriamente sepultado algumas décadas mais tarde; ela foi destruída (resta uma lembrança no claustro de Santa Chiara), depois reconstruída e posteriormente transformada na atual capela do Santíssimo Sacramento, sempre na basílica de Santa Chiara.

Como livro de leitura usava-se o saltério, isto é, a coletânea em latim de alguns salmos e orações (como *Pater*, *Ave* e *Gloria*) que as crianças decoravam: aprender a ler sob a severíssima orientação do professor — a vara estava sempre à mão — significava aprender

também uma outra língua, o latim, e começar a receber uma instrução religiosa. Francisco provavelmente brincava na pracinha do átrio em frente. De fato, as crianças e os adultos daquela época passavam muito tempo na rua, pois as casas eram pequenas e oprimidas pelo cinturão dos muros, o que os obrigava a considerar o espaço como algo muito precioso.

Devia ser bom ficar ao ar livre e gozar, mesmo sem o saber, da paisagem em torno de Assis. O verde dos prados, dos bosques e dos olivais se mesclava no verão aos campos de trigo maduro, às manchas coloridas das flores. No ar, o forte som dos sinos se sobrepunha às vozes e gritos dos homens, marcando o tempo da oração e do trabalho. Os arautos com as trompas passavam de vez em quando para anunciar as decisões das autoridades; havia apresentações esporádicas de saltimbancos e menestréis com pífaros, violas e tambores. Esses não eram os únicos sons da cidade; o ranger das rodas das carroças e os cascos dos cavalos golpeando as pedras se misturavam às vozes de diversos animais: gansos, galinhas, ovelhas, cabras, porcos e vacas. Os cavalos, ao olhar de um menino, são animais gigantescos, e justamente por isso é ainda mais bonito conseguir domá-los: Francisco os via passar montados por nobres com vestes preciosas e cores vibrantes, que à sua imaginação deviam parecer heróis e paladinos. Provavelmente ele também devia brincar de cavaleiro com um cabo de vassoura. Talvez tenha construído um cavalo de rodas para levar ao torneio (fig. 2), e à noite, ao fazer suas orações, em vez de rezar para ser um menino melhor, quem sabe não pedia a Deus um lindo cavalo de verdade (fig. 1).

Em 1160, cerca de vinte anos antes do nascimento de Francisco, em 1181 ou 1182 (só podemos calcular a data de seu nascimento a partir da época de sua conversão, que nos é indicada pelas fontes de maneira aproximada), o imperador Frederico I — o Barba-Ruiva —, não podendo contar plenamente com a lealdade do tio, Guelfo VI da Bavária, duque de Spoleto e da Tuscia, decidira subtrair de seu poder uma localidade estrategicamente importante como Assis e os territórios do entorno. A cidade, de fato, constituía a ponta daquele ducado que se estendia em direção a Perúgia, porém era protegida pela Igreja. Delimitou-se um condado, que foi confiado à própria Assis, a qual, dessa forma, viu-se em condições de gozar de autonomia no interior do ducado, logo conseguindo lançar as bases de suas instituições comunais. No entanto, o império continuou a ter em Assis uma presença visivelmente ameaçadora, a saber, a grande fortaleza que a protegia — por antonomásia, “a Cidadela” —, onde morou Barba-Ruiva entre 1177 e 1186, como sabemos por três documentos escritos.

Não nos deteremos nas contínuas lutas que, num imbróglio de autoridades e direitos, travaram os imperadores suevos, as cidades italianas incipientes e depois consolidadas, e o papado, que, a partir de Inocêncio III (papa desde 1198, morto em 1216), iniciara uma enérgica política de recuperação das terras e liberdades eclesiásticas.

Em 1197, com a morte inesperada de Henrique VI, filho de Barba-Ruiva, o poder imperial na Itália central se desagregou. Em Assis a intenção foi derrotá-lo por completo, e

em 1198 a Cidadela onde se alojava a guarnição alemã foi atacada e destruída. Explodiram também as tensões entre as camadas sociais da cidade nascente. Foram, de fato, os *homines populi*, a plebe e a nova burguesia mercantil, que se insurgiram contra os *boni homines*, os “homens de bem” e os cavaleiros descendentes da velha nobreza feudal, provavelmente a serviço do imperador e, portanto, leais a ele, que tinham residências fortificadas no interior da cidade e castelos no lado de fora. Parte dos *boni homines* foi morta, outra parte precisou fugir, e os fugitivos tiveram de se abrigar nos castelos do condado, enquanto suas casas/torres em Assis eram derrubadas e incendiadas. Ao mesmo tempo, organizou-se a defesa, construindo-se a toda pressa os fortins ao redor da cidade. Nesta altura, o jovem Francisco, então com dezessete anos, já pode ter combatido ao lado do “povo”, conhecendo ao vivo — não mais apenas nas miniaturas coloridas — a violência e o horror das feridas e das mutilações, vendo a morte de amigos, crianças, homens e mulheres de sua Assis. Mas também pode ter aprendido a construir muros e erguer paredes, adquirindo a habilidade manual e as técnicas de construção que lhe seriam úteis mais tarde, ao se dedicar, no início da conversão, à restauração de igrejas e capelas em ruínas.

Após essas batalhas, algumas famílias nobres foram se refugiar na inimiga Perúgia, a qual, por ódio a Assis, acolheu-as de bom grado (entre elas a família de Clara, a futura santa). A guerra extrapola a cidade e torna-se uma contenda entre Assis e Perúgia. A batalha de 1203, travada na ponte San Giovanni sobre o Tibre, terminou mal para Francisco e os habitantes de Assis: capturado com vários concidadãos, ele acabou nos cárceres inimigos, onde permaneceu por mais de um ano. No entanto, este insólito prisioneiro, “sendo senhorial de modos e costumes, foi trancafiado junto com os nobres”.

Se Francisco aprendera a manejar armas, a combater a pé ou a cavalo, não podia, no entanto, dedicar seu tempo a tais atividades, ao contrário dos jovens nobres de Assis, que nelas encontravam sua principal ocupação e exercício. Ele tinha de trabalhar na loja, para obviamente tornar-se um bom comerciante, mas aspirava a mudar de vida e de classe social pelos méritos conquistados em combate e, por que não?, por meio do casamento com uma nobre de nascença.

Segundo os *Três companheiros*,

quando ficou adulto, de inteligência muito vivaz, exerceu a arte paterna ao vender tecidos, mas com um estilo completamente diferente, porque era muito mais alegre e generoso do que o pai. Gostava de cantar e se divertir, de passear durante o dia e à noite com um grupo de amigos: mão aberta, gastava em banquetes todo o dinheiro que ganhava ou conseguia arranjar. Os pais o censuravam com frequência: gastava tanto consigo mesmo e com os amigos que nem mais parecia filho deles, e sim de algum grande príncipe. Contudo, como eram ricos e o amavam com muita ternura, eram indulgentes e acabavam deixando-no agir assim por não querer desagradá-lo. Não só Francisco era pródigo em festas e divertimentos, aliás, mais que pródigo, seria melhor dizer perdulário, como também ultrapassava todos os limites ao vestir-se de modo excessivo, com tecidos mais caros e suntuosos do que seria conveniente para alguém de sua condição social. Gostava tanto de parecer excêntrico e original que mandava costurar numa mesma roupa tecidos preciosos junto com outros de nenhum valor.

Aos comentários dos vizinhos surpresos e espantados com tanta prodigalidade, a mãe respondia ressabiada, tomando a defesa do filho, que era o seu predileto.

Cortesia e liberalidade, as virtudes da aristocracia, são as que Francisco decide cultivar e tomar como modelo, adotando para si a ideologia cavaleiresca. São virtudes que não lhe pertencem de berço “e, no entanto, era por natureza gentil nos modos e no conversar; tinha determinado a si mesmo jamais dirigir a ninguém injúrias ou palavras vulgares; mesmo sendo um jovem brilhante e que amava as mulheres, estabeleceu para si jamais responder a quem lhe falasse de modo grosseiro ou lascivo. Assim sua fama se difundiu dentro e fora de Assis, e de tal maneira se consolidou que muitos amigos ou conhecidos tinham a certeza de que o aguardava um grande futuro”. Além do mais, sendo comerciante, tinha um fraco por dilapidar seus bens; doava aos pobres com gosto e generosidade. Nessa fase da vida, Francisco é movido não pela compaixão pelos mais fracos, e sim pelo código social dos amigos nobres, modelo meticulosamente adotado como se fosse uma lição a decorar.

Um dia, apareceu na loja um mendigo pedindo caridade pelo amor de Deus, num momento em que Francisco estava muito ocupado vendendo tecidos. O rapaz negou-lhe a esmola, tomado pelo desejo de lucro e pelo negócio que estava em vias de finalizar. Mas imediatamente, como que tocado pela graça divina, arrependeu-se daquele gesto rude dizendo a si mesmo: “Se aquele pobrezinho tivesse me pedido auxílio em nome de um grande conde ou barão, certamente eu o teria atendido. Com maior razão deveria tê-lo atendido, por respeito ao Rei dos reis e ao Senhor de todos!

Em quantas canções de gesta, o catecismo dos laicos de alta linhagem, Francisco não teria lido que é preciso praticar a *largesse*, isto é, a liberalidade e a generosidade, ou conselhos como os que, em *Garin le Lorrain* (século XIII), são dispensados ao jovem Fromont, filho de duque: “Agora cumpre esporear, e honrar os nobres cavaleiros. Doar aos pobres peles de raposa e arminho: é ao doar que um homem de valor se eleva”. Em *Le Roman des eles* [O romance das asas], de Raoul de Houdenc (c. 1170-1230), explica-se que, para voar alto, o “Valor” deve se prover de duas asas, justamente a “Liberalidade” e a “Cortesia”.

Durante a longa crise que antecedeu sua conversão, Francisco cumpriu uma peregrinação a Roma. Entrando em São Pedro e parecendo-lhe demasiado modestas as esmolas, em trocados e moedinhas, doadas ao Príncipe dos Apóstolos, que, segundo ele, devia ser “adorado com magnificência”, lançou com ímpeto um punhado de moedas ao chão; com o estardalhaço, elas despertaram o assombro dos presentes. Mais um gesto exagerado para provocar admiração, mesmo que no campo da devoção religiosa, porém com a ideia de honrar um santo por ser um grande príncipe: era justamente este o ideal de Francisco, como amiúde lhe censuravam os pais.

O jovem comerciante pretendia transformar a nobreza dos modos em nobreza de posição social, e nunca deixou de sofrer com sua origem, como se carregasse uma marca indelével. Quase no final da vida, doente e coberto de chagas, ele desceria de um asno, tendo adivinhado os pensamentos do companheiro que o seguia a pé: “Não é justo, irmão,

que eu vá a cavalo em vez de ti, porque, quando vivias no mundo, eras muito mais *nobre* e poderoso do que eu”. Até a ostentação na vestimenta, imitando a moda do *mi-parti*, a roupa com a frente dividida no meio, feita com tecidos finos de duas cores, possui um toque de atrevimento e provocação. Francisco manda remendar tecidos preciosos com outros baratos e grosseiros: uma forma de se distanciar dos hábitos familiares sem ousar renegá-los totalmente. Uma excentricidade duradoura: mais tarde, já líder de uma comunidade, ele iria prescrever que o hábito dos frades fosse feito com remendos de todos os tipos de tecidos; em seu burel iria sobressair também uma pele de raposa, para mostrar *do lado de fora* sua irmã, costurada no interior para aliviar a dor do baço doente.

Prisioneiro em Perúgia, mostra-se gentil e afável com um certo *miles*, isto é, um cavaleiro, embora o homem fosse temperamental e injurioso: devia ser um daqueles nobres do condado ou das cidades aliadas convocado por Assis para a desastrosa batalha da ponte San Giovanni. O sujeito possuía duas razões para o desgosto: estava na prisão e em companhia daquela gente de pouco valor, mercadores e artesãos enriquecidos que nem eram seus pares! Mesmo assim, esse pequeno episódio também é um indicador das escolhas de Francisco, que seleciona cuidadosamente as pessoas com quem faz amizade. Enquanto os companheiros de prisão se entristeciam e se deprimiam, Francisco, contente e jovial por natureza, não deixava se abater pela depressão e até se mostrava alegre, parecendo gostar de estar naquelas condições. Um dos prisioneiros, que evidentemente não aguentava mais passar os dias entre tantos desconfortos, perdeu as estribeiras e disse que ele era um louco e demente por exibir tal comportamento. Então Francisco lhe respondeu em tom vibrante: “O que achas que me tornarei na vida? Serei adorado no mundo todo!”.

A alegria também é um traço típico de Francisco: os *Três companheiros* dizem que é um componente próprio de seu caráter. Difícil saber: se era uma qualidade inata, certamente Francisco a aperfeiçoou com um cuidadoso autocontrole, decidido a sublimar todas as dores e sofrimentos do corpo e da alma com uma sólida superioridade interior. Quando ainda pensava em se tornar príncipe, ele mostrava as virtudes da coragem e da resistência física, fortalecidas no exercício das armas por um longo treino nos perigos e nas dores dos ferimentos. Mais tarde, quando tomar a firme decisão de seguir o exemplo de Cristo, irá recorrer à virtude da serena paciência para suportar a vontade alheia e à virtude da alegre obediência que domina e dobra tanto a ambição quanto a soberba de se julgar melhor do que os outros.

Mas, por ora, o longo período de prisão não dobra os sonhos daquele rapaz de vinte anos, decidido a fazer seu caminho manejando a espada. Depois de um ano, as portas do cárcere de Perúgia se abrem. Francisco e seus companheiros voltam para Assis, talvez justamente depois da *carta de paz* estipulada em 1203, ano que também registrou o retorno dos *boni homines* à cidade e um acordo oneroso para os homens do “povo”, obrigados a reconstruir as casas/torres dos exilados e a honrar os *hominities*, isto é, continuarem

submetidos a uma série de serviços pessoais, sem poderem dispor dos próprios bens: em suma, um retorno à situação anterior a 1198.

É um Francisco gravemente doente que abraça os familiares ao voltar: se a vontade resistiu à terrível experiência de Perúgia, o físico sentiu suas provações; por muito tempo, Francisco não passa de um pobre enfermo.

Depois, melhora gradualmente; apoiando-se num cajado, ensaia alguns passos dentro de casa. Em seguida, um pouco mais animado, sai; lento e com os movimentos tolhidos, é obrigado a refletir: “Observa com mais atenção os campos ao redor, mas a beleza dos gramados, a amenidade dos vinhedos e tudo o que é agradável à vista não lhe davam mais nenhum prazer. Ficou surpreso com essa mudança repentina e viu-se a pensar que os que apreciavam tais espetáculos eram todos tolos”. Tomás de Celano faz coincidir esse longo intervalo de inatividade com o início de uma profunda crise, permeada de muitas reflexões e decisões tomadas, e logo a seguir abandonadas; ele pretende sugerir que tal reação não era apenas uma apatia superficial da convalescença, e sim o início, almejado pelos Céus, de uma total reviravolta interior. Depois de descobrir que a paisagem ao redor não lhe exercia mais nenhuma atração, Francisco “começou a pensar que não valia nada e a se desprezar, a não ter qualquer apreço por tudo o que antes amara e admirara. Mas não exatamente tudo, pois ainda não havia desfeito todos os laços com a vaidade”. Depois o biógrafo se entrega a um longo comentário moralizante sobre o poder dos vícios, em verdade convertidos numa segunda natureza. Tomás força um pouco a interpretação, mas é muito perspicaz ao apresentar os campos circundantes como um eco da infelicidade de Francisco, pintando um retrato plenamente coerente do ponto de vista psicológico. Era como se tivesse sido o próprio Francisco a inventar a paisagem, por ser capaz de vê-la e amá-la. Mais tarde, quando já vivia com seus companheiros, recomendava ao frade hortelão: “Não preenchas todo o espaço com verduras comestíveis, mas deixa livre uma parte de terra para que cresçam ervas espontâneas que, no devido momento, produzirão as irmãs flores”. Segundo o biógrafo, Francisco “costumava dizer que o frade hortelão também devia reservar uma bela hortinha, em algum lugar, para plantar todas as ervas aromáticas e todas as plantas que dão belas flores. De fato, depois de desabrochar, as corolas, com sua beleza, convidariam todos os que as olhassem a louvar a Deus”.

Francisco, na prisão, tinha ansiado em rever sua Assis, os amigos, os pais, a família. Agora, no entanto, tudo lhe era estranho e indiferente. Mas, acima de tudo, parecia-lhe não mais possuir um objetivo de vida. Orientar-se exclusivamente para ganhar dinheiro, como o pai e o irmão Ângelo, não lhe agradava e não bastaria para preencher sua existência. Adquirir fama no combate: ainda seria possível, tendo constatado sua fragilidade física? Ou talvez melhor seria ter paciência, esperar voltar o gosto pelos divertimentos anteriores,

recobrar as forças, retomar os exercícios a cavalo e o treino com as armas?

São mais ou menos esses os pensamentos que atribuímos a Francisco na convalescença. Os *Três companheiros* dizem apenas que depois que voltou a Assis passaram alguns anos antes que lhe surgisse novamente a grande ocasião para realizar seus sonhos de glória. Assim prossegue o relato:

“Um nobre de Assis se preparava para tomar armas e ir combater em Perúgia, com o desejo de ganhar dinheiro ou talvez aumentar sua fama.” Cabe lembrar que o papa Inocêncio III havia lutado no sul da Itália contra tropas imperiais comandadas por Markward von Annweiler por duas questões especialmente delicadas e importantes: a recuperação do patrimônio da Igreja e a tutela do pequeno filho de Henrique VI, o futuro Frederico II. O pontífice decidira pedir apoio a um desenvolto homem de armas, Walter de Brienne. Este, tendo desposado a filha de Tancredo de Lecce, pretendia obter os grandes feudos da Puglia: de bom grado começou a reunir um exército montado às pressas com todos os que quisessem participar da expedição; entre eles estava o “nobre de Assis” mencionado pelos *Três companheiros*.

Quando soube do assunto, Francisco pensou imediatamente em se unir a seu conterrâneo; “na esperança de ser nomeado cavaleiro por aquele conde gentil, dedica-se a preparar um cabedal dos mais preciosos tecidos, pois, embora menos rico, ao gastar era bem mais pródigo do que aquele nobre”. Assim se comportavam os cavaleiros nos romances: o filho do imperador da Grécia pede autorização ao pai — no *Cligès* de Chrétien de Troyes — dizendo: “Quero que me concedais grande abundância de ouro e prata, e companheiros de vosso povo que eu escolher: pois pretendo sair de vosso império; irei oferecer os meus serviços ao rei [Artur] que exerce sua jurisdição sobre a Bretanha, para que me faça cavaleiro”. A contragosto, o pai lhe concede a permissão, acrescentando insistentes recomendações. “Filho querido”, diz, “como vejo que aspiras à honra, não posso deixar de atender a teu desejo. Podes tomar de meu tesouro dois navios repletos de ouro e prata; mas procura te conduzir com grande liberalidade, cortesia e bons modos [...], procura doar e gastar com largueza.”

Francisco se empenha de corpo e alma nos preparativos em ebulição. Arde de desejo de se pôr a caminho, e certa noite tem um sonho: alguém o chama pelo nome e o leva até um esplêndido palácio, onde há uma belíssima esposa, um palácio repleto de armas, escudos esplendorosos pendurados nas paredes, e tudo o que é necessário para um cavaleiro se aprestar da melhor maneira. Encantado, tomado de felicidade e de silencioso assombro — Tomás de Celano comenta que Francisco fica surpreso, pois estava acostumado a ver em casa apenas rolos de tecidos —, decide enfim perguntar a quem pertencem aquelas armas reluzentes e aquele palácio maravilhoso. Respondem-lhe que o palácio é seu — logo, a esposa também é sua — e de seus cavaleiros. Ao acordar, transbordando de entusiasmo, ele toma o sonho como ótimo presságio, e crê que lhe está reservada uma sorte excepcional; aos

que se espantam em vê-lo tão alegre e radiante, ele responde: “Estou certo de que me tornarei um grande príncipe”. Sem hesitar, decide partir para a Puglia. Obviamente, absorvido em seus projetos mundanos, não pensa em nenhum momento que a visão foi enviada por Deus — como consideram os *Três companheiros* — e que poderia, portanto, possuir um significado simbólico muito diferente. No dia anterior ao sonho do palácio e das armas, em sua ansiedade febril para partir, ele havia doado a um cavaleiro pobre todas as caríssimas roupas novas, luxuosas e vistosas, que preparara. No entender dos *Três companheiros*, que evidentemente conhecem muito bem Francisco (e intuindo o conceito de sonho como “resíduo diurno”), com certeza foi aquele presente que provocou o sonho.

O jovem comerciante pensa em grandes feitos: já se vê cavaleiro e assim se porta de acordo com o futuro almejado, prostrando-se magnanimamente para vestir o cavaleiro caído em miséria, como se pertencesse a um nível inferior ao deste. “Querido filho”, recomendava sempre o pai de *Cligès*, “escuta-me quando te digo que a liberalidade é a senhora e rainha que ilustra todas as virtudes, como não é difícil demonstrar. Onde podemos encontrar alguém que, por mais poderoso e valente que seja, não é censurado se for avarento? [...] A liberalidade confere valor por sua própria virtude, o que não é capaz de fazer a nobreza de grau, [...] nem a nobreza de nascimento, [...] nem os títulos senhoriais, nem a beleza, nem nada mais.”

A dádiva de Francisco associa-se perfeitamente às distantes reflexões daquele dia em que, arrependido por ter expulsado um pobre da loja, censurou-se por não ter sido coerente com a imagem do perfeito cavaleiro a que tanto aspirava. Começamos a entender que essas provas tão surpreendentes de cortesia e nobreza de alma são os sinais premonitórios da santidade.

Mas Francisco não sabe disso, e por enquanto fica satisfeito em despertar admiração. O sonho preenche todos os seus desejos, ou melhor, concede-lhe mais do que jamais esperara conscientemente: vê-se não só cavaleiro, mas príncipe, e não só companheiro à altura de outros cavaleiros, mas chefe deles. E, pelos grandes méritos conquistados na guerra, acredita já ter desposado uma linda mulher, que apenas aguarda seu retorno.

Francisco partiu, mas não foi muito longe. Em Spoleto, começou a passar mal. Evidentemente, estava muito preocupado com a viagem que tinha pela frente. Decidiu descansar; em estado de semivigília, teve a impressão de que lhe indagavam para onde pretendia ir. Tendo respondido, a voz lhe disse:

— Quem julgas que pode te fazer um bem maior, um senhor ou seu servo?

— O senhor.

— E então por que deixas o senhor para seguir o servo, e o príncipe por seu subordinado?

— Senhor, o que quereis que eu faça?

— Volta para tua cidade e lá te será dito o que deves fazer, porque aquela visão deve ser interpretada de outra maneira.

É de se notar a ótica totalmente vassalar de Francisco, que pensa num cavaleiro a serviço de seu senhor: Deus é para ele um grande príncipe. Plenamente desperto, reflete por um longo tempo. Se o primeiro sonho quase o enlouquecera de alegria, essa nova visão “o obriga a se recolher em si mesmo”. Não consegue fechar os olhos a noite toda, continuando a ruminar o que deve fazer. Ao amanhecer, está de decisão tomada: monta o cavalo e volta a Assis. Mudou totalmente seus projetos, a expedição a Puglia não lhe importa mais. Agora quer apenas conhecer e seguir a vontade de Deus.

2. O afastamento

Francisco retorna a Assis. Aos olhos da família, dos amigos, aquela volta repentina devia parecer um fracasso. Onde estavam todas as proezas na guerra que teriam transformado o comerciante em cavaleiro? Bravatas que se desvaneceram como bolhas de sabão.

Talvez justamente para recuperar uma imagem empanada, para evitar as perguntas indiscretas e ocultar o desconforto interior, Francisco multiplicou os festejos com os amigos. Numa dessas ocasiões foi eleito “rei do banquete”, com cetro e tudo (na verdade, um bastão, mas o papel do *rex convivii*, rei do banquete, era conhecido desde a Antiguidade romana). Segundo o costume em Assis, cabia a ele, como *rei*, escolher quem arcaria com as despesas da festa e estabelecer o preço. Os amigos, conhecendo a prodigalidade de Francisco, tinham certeza de que seria o próprio *rei* a oferecer o lauto banquete. E assim foi; por isso, o “monarca” continuou a reinar por muito tempo. Uma noite, terminada a festa, o grupo percorria a altos brados e cantorias as ruas silenciosas e escuras de Assis. Durante esse passeio noturno, Francisco se afasta dos companheiros, absorto em suas reflexões; chega a parar, por vontade divina. Perguntam os amigos: “No que estavas pensando quando te perdemos? Em se casar?”. Francisco, em uma de suas afirmações hiperbólicas, responde de impulso: “Sim, é verdade. Estava pensando em me casar com uma moça, a mais nobre, rica e bela que jamais vistes!”.

Todos desataram a rir e a conversa terminou por ali, embora a *Legenda* acrescenta que Francisco deu tal resposta por inspiração divina, visto que sua esposa viria a ser a vida religiosa: é o tipo de comentário inevitável na biografia de um santo. A reação, porém, está em plena conformidade com os ideais do mercador impaciente; ele quer se casar com uma mulher nobre, antes de mais nada: isto é, ele pensa em subir de nível mesmo que seja pelo matrimônio, escolhendo uma mulher que lhe permita dar um salto de classe social. Talvez Francisco, imóvel e absorto, ainda pensasse no palácio e nas armas, nas misteriosas palavras do sonho de Spoleto. O caminho de sua conversão foi longo e tortuoso, e a *Legenda dos três companheiros* registra o lento e difícil abandono dos antigos hábitos.

O futuro santo continua trabalhando na loja, mas se tornou mais piedoso, multiplica as esmolas, presenteia até a camisa que veste se está sem dinheiro; depois doa a sacerdotes pobres a mobília de que necessitam as igrejas. Se antes ficava ansioso para se juntar aos amigos e abandonava os pais no meio das refeições, agora se tornou caseiro; na ausência do pai, a quem teme muito, serve na mesa um número de pães maior do que o número de comensais — naquela época, os pães eram usados como pratos —, a fim de ter mais sobras para distribuir aos necessitados. A mãe, que tem predileção por ele, sorri e deixa passar.

O pai, Pietro de Bernardone, além de vender tecidos, provavelmente também era agiota.

Francisco devia ficar muito impressionado com as reviravoltas da sorte que a vertiginosa circulação do dinheiro propiciava, somando aos antigos pobres (camponeses, assalariados, doentes, solitários) outros novos pobres (lembramos o cavaleiro a quem Francisco doara um guarda-roupa completo). Às terríveis desigualdades sociais uniam-se as recém-criadas: podia-se empobrecer de muitas maneiras; para ir à ruína, bastava não conseguir pagar uma dívida a tempo, uma insurreição, uma casa queimada num dos frequentes incêndios (usava-se muita madeira nas construções), um braço quebrado: sim, bastava apenas um defeito físico — naquela época não havia talas nem gesso! — e a pessoa, sem poder trabalhar, passava a integrar a categoria dos aleijados que pedem caridade. Além dos cidadãos trabalhadores, circulava por Assis uma multidão andrajosa e imunda de mendigos, que Francisco encontrava diariamente com uma mistura de asco e compaixão; junto a eles erravam os loucos e dementes, sumariamente chamados de endemoniados, obrigados a engrossar as fileiras dos indigentes.

Ele também sabia de outros horrores que tentava evitar, nem sempre com sucesso. Nos arredores de Assis, dois leprosários (de Santa Maria Maddalena e de San Salvatore) hospedavam os homens e mulheres de visão repugnante escorraçados por todos: considerava-se que os leprosos eram assim por castigo de Deus, por causa dos pecados cometidos, ou porque tinham sido concebidos em pecado. Por isso, ao se movimentarem, eram obrigados a bater certas castanholas, para que os sãos pudessem evitá-los, fugindo a tempo. Em seus passeios solitários, Francisco sempre tentava manter distância de suas moradas, esporeava o cavalo para não ver, para não lembrar, fugia tampando o nariz.

Durante o longo período de incerteza e crise em que se encontra, Francisco procura auxílio. Abre-se com um amigo — infelizmente não sabemos seu nome —, pede conselhos frequentes ao bispo Guido, retira-se a uma gruta para rezar e meditar, vacila e hesita. Ainda não está pronto para esquecer o passado; ama a vida, o conforto, o luxo em que vive. Sabe que não está bem de saúde e que precisa de muitas coisas. Além disso, já é homem feito, quase com 25 anos: nessa idade, poderia ter seu próprio comércio, se o pai lhe permitisse sair de sua tutela.

Na gruta onde se recolhe, o demônio lhe traz à memória, obsessivamente, “uma mulher de Assis corcunda e disforme”. Ele também teria ficado assim, torto e recurvado, se tivesse persistido em seus propósitos. Francisco não sabe aceitar a degradação física, pois ainda tem muito amor por si próprio.

Que longo caminho nosso Francisco ainda tinha pela frente, antes de conseguir pensar na pobreza como uma amiga idealizada, a “Senhora Pobreza”!

Durante a peregrinação a Roma que mencionamos, o jovem comerciante tinha, de um lado, distribuído fartas esmolas, e de outro tentara se fazer de pobre, trocando de roupa com

um mendigo por algumas horas; depois sentara nos degraus de São Pedro a pedir caridade, em meio a outros mendigos presentes.

Francisco, miserável no aspecto, certamente não o é em seu íntimo; assim, suplica e pede esmolas não em língua vulgar, mas em francês. As ocasiões em que se exprime num registro linguístico diferente do habitual são sempre especiais — a seguir veremos outras; ele recorre à língua dos paladinos e dos cavaleiros quando precisa do modelo deles, quando quer superar impetuosamente o medo e a vergonha em nome da generosidade, da lealdade, da coragem desinteressada.

Então, um dia, enquanto cavalga pelas redondezas de Assis, ele encontra um leproso; consegue se dominar, apeia do cavalo, dá-lhe dinheiro, beija-lhe a mão, aceita ser abraçado. Poucos dias depois, é ele próprio quem decide se encontrar novamente com os leprosos; junta grande quantidade de dinheiro e vai visitá-los no leprosário, novamente beija as mãos em chagas, dá esmolas e permite que o abracem.

É uma mudança radical. Vinte anos depois, à beira da morte, ele iniciaria seu *Testamento* sintetizando aquela experiência, o princípio de uma nova vida, em poucas e densas palavras: “O Senhor concedeu a mim, frei Francisco, começar assim a fazer penitência, pois, estando eu em pecado, parecia-me demasiado amargo ver os leprosos; e o próprio Senhor me conduziu a eles e tive misericórdia para com eles. E, afastando-me deles, o que me parecia amargo se transformou em doçura de alma e corpo. E depois permaneci um pouco, e saí do mundo”.

Quem sabe se nessas belas palavras não ressoava a distante lembrança daquilo que a maga Thessala dirigiu a Isolda, apaixonada por Tristão (uma possível leitura de juventude, precisamente o *Cligès* de Chrétien de Troyes): “Todos os outros males são amargos, exceto o que provém do amor: este, pelo contrário, converte seu amargor em doçura e suavidade”. E quem sabe se, antes, Francisco não teria se sentido justificado em seu horror diante dos leprosos, ao ler no *Tristan* de Béroul o suplício que um deles concebeu justamente para Isolda, a mulher adúltera do rei Marcos:

Cem leprosos, disformes, com a carne corroída e esbranquiçada, vindos com suas muletas e batendo as castanholas, aproximam-se da fogueira preparada para Isolda; sob as pálpebras inchadas, os olhos ensanguentados se deleitam com o espetáculo. Ivan, o de aparência mais odiosa, gritou ao rei com voz estridente:

— Senhor, se quiserdes lançar vossa esposa neste braseiro, é um bom castigo, mas muito breve. O fogo ardente logo a queimará, o vento forte logo dispersará suas cinzas. E, daqui a pouco, quando a chama se extinguir, sua pena terá findado. Quereis que eu vos ensine um suplício pior, para que ela viva, mas com grande desonra para si, e sempre desejando a morte? Rei, quereis?

O rei respondeu:

— Sim, a vida para ela, mas com grande desonra e que seja pior do que a morte. Serei grato a quem me ensinar um tal suplício.

— Senhor, então vos exporei rapidamente minha ideia. Vede, tenho ali cem companheiros. Dai-nos Isolda e dela desfrutaremos todos! O mal atença nossos desejos. Dai-a a vossos leprosos! Jamais dama alguma terá fim pior. Olhai,

nossos trapos estão colados nas chagas que escorrem. Ela, que junto a vós comprazia-se com os ricos tecidos forrados de arminho, joias, salas de mármore, ela que apreciava bons vinhos, gozava honra e alegria, quando vir a corte dos leprosos, quando tiver de entrar em nossos tugúrios e deitar conosco, então Isolda a Bela, Isolda a Loira, reconhecerá seu pecado e lamentará não estar nesta bela fogueira de sarças!

O rei ouve, levanta-se e permanece imóvel por um bom tempo. Por fim, vai até a rainha e toma-a pela mão. Ela grita: — Por piedade, senhor, queimai-me antes disso, queimai-me!

O rei a empurra para longe. Ivan a agarra, e os cem doentes se comprimem em torno dela. Ao ouvi-los gritar e uivar, todos os corações se comovem de piedade; mas Ivan está feliz. Isolda vai embora, Ivan a leva consigo. O repugnante cortejo sai da cidade.

Francisco não oferece uma resposta política às injustiças sociais, ao problema do mal no mundo. Não tem projetos de mudanças efetivas e concretas, não planeja lutas e rebeliões. Quando consegue captar profundamente o sacrifício de Cristo, numa adesão total e impetuosa, ele responde com a fé. Tentemos acompanhá-lo a partir de seus pensamentos: Deus, o Altíssimo, o Senhor do Universo, de toda a criação, sacrificou seu Filho único e dileto para não perder sua criatura, o homem, capaz apenas de pecar; e se Cristo, que é Deus, veio à terra movido por um imenso amor, fez-se pobre e peregrino, sofreu fome e frio, a traição e o abandono dos amigos, até dar sua vida na cruz para trazer a salvação à humanidade, a alegria eterna do Paraíso, o que mais resta ao homem senão seguir, na melhor medida possível, os passos do Salvador, o Evangelho, senão corresponder ao amor divino com o pobre amor humano, procurando amarmo-nos uns aos outros como irmãos? E quem, a não ser o pobre e o desamparado, repetindo na dor a experiência terrena de Cristo, pode melhor entender a ardente caridade divina, aceitar com gratidão a angústia e os sofrimentos, e entregar-se como Cristo à vontade do Pai? *I fioretti* de São Francisco — uma maravilhosa coletânea em vernáculo do último quarto do século XIV com os “milagres e exemplos devotos” de sua vida — atribui a ele, sobre a virtude da perfeita alegria:

A maior de todas as graças e dádivas do Espírito Santo, que Cristo concede a seus amigos, está em vencer a si mesmo, e de bom grado, por amor de Cristo, suportando penas, injúrias, opróbrios e desconfortos; porque não podemos nos gloriar em nenhuma de todas as outras dádivas de Deus, pois não são nossas, e sim de Deus, e portanto nos diz o apóstolo [Paulo, em 1 Cor 4, 7]: “Pois quem te distingue? Que possuis que não tenhas recebido? E, se recebeste, por que haverias de te ensoberbecer como se não o tivesses recebido?”. Mas na cruz do sofrimento e da aflição podemos nos gloriar, pois diz o apóstolo [de novo Paulo, em Gal 6, 14]: “Quanto a mim, não aconteça gloriar-me senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”.

“E depois permaneci um pouco, e saí do mundo”: nessa curta frase Francisco resume uma situação em que ainda se acha hesitante, ligado à família, a seu ambiente, temeroso da reação paterna, angustiado; acredita ter finalmente encontrado um caminho, mas é ainda uma saída em falso.

Um dia, entrou na igrejinha de San Damiano. Começou a rezar fervorosamente diante

de um crucifixo pintado em madeira (que chegou até nós e está conservado em Santa Chiara). O Redentor, segundo a iconografia do Cristo triunfante, sem sinais de sofrimento físico, encara o observador com suave doçura. Francisco teve a impressão de que a imagem se dirigia diretamente a ele e dizia: “Francisco, não vês que minha casa está desmoronando? Vai consertá-la”. Ele se engana mais uma vez quanto ao significado simbólico das palavras. Acredita que deve salvar da ruína o edifício material, e não percebe qual é a tarefa que o aguarda: salvar o edifício espiritual, a Igreja. Sai todo contente, parece-lhe que a vida finalmente tem um objetivo. Não era o medo da danação que lhe tirava a paz, e sim o vazio que via se abrir à sua frente. Agora sabe o que fazer, as palavras misteriosas do sonho começam a se tornar claras; por isso, pode ver pela primeira vez quem o chama e pronuncia seu nome. Tal era a ordem que esperava.

Como primeira providência, ele ofereceu dinheiro ao sacerdote que estava sentado do lado de fora da igreja, a fim de que mantivesse uma vela sempre acesa diante daquele crucifixo, prometendo dar mais quando necessário. Passado algum tempo, carregou o cavalo com peças de tecidos preciosos, foi a Foligno e vendeu tudo, inclusive o cavalo; voltou a San Damiano a pé, livre e leve. Quis entregar toda a bolsa de dinheiro àquele sacerdote de poucos recursos, ao mesmo tempo que rogava que lhe permitisse viver com ele. O pobre homem ouviu atônito e incrédulo aquelas palavras; não quis de maneira alguma aceitar o dinheiro, temendo a reação previsível de Pietro de Bernardone, e ao cabo, mesmo com muitas hesitações, permitiu que o jovem ficasse com ele.

Francisco então jogou as moedas no parapeito externo de uma janela; talvez tivesse visto em San Nicola, uma igreja de Assis que frequentava assiduamente, a representação de um dos episódios mais famosos daquele santo: quando ainda jovem, rico e bonito, ao saber que um velho miserável, para poder sobreviver, estava em vias de mandar três filhas para a prostituição, Nicolau jogou três bolas de ouro na janela da pobre morada, para que as moças pudessem ter um dote e salvar a honra. (Normalmente, São Nicolau é representado como um venerando bispo de cabelos brancos, com três esferas de ouro na mão, lembrança de sua generosa juventude.)

A longa ausência de Francisco começava a preocupar seriamente o pai. Quando Pietro veio a saber onde o filho estava, sentiu ao mesmo tempo dor, raiva e amargura. Tinha sido realmente uma tolice investir tanto dinheiro nele! E agora, o que iria fazer na vida? Pensar que havia esperado que seu “francesinho” se tornasse um comerciante riquíssimo, mais rico do que ele e talvez, quem sabe, um cavaleiro. Mas eis que se tornou um pateta e um vagabundo.

Transtornado por aquela incrível reviravolta, Pietro chamou em auxílio amigos e vizinhos, decidido a recuperar o filho rebelde. Mas Francisco havia previsto a fúria do pai e

fugiu para uma caverna secreta preparada para esse fim. Provavelmente deve ter sido avisado por alguma pessoa de casa — a mãe? —, a mesma pessoa que, durante sua prévia reclusão voluntária na gruta, por um mês, havia lhe levado comida todos os dias.

Foi uma época extremamente difícil: o futuro santo hesitava em romper em definitivo com a família e abandonar tudo, mesmo os amigos mais queridos, para seguir um caminho pelo qual se sentia irresistivelmente atraído, mas que ao mesmo tempo lhe parecia incerto. E se estivesse enganado, e se depois se arrependesse e descobrisse ser apenas um fracassado? Chorava, rezava, jejuava, alternando momentos de angústia e de esperança. Até que um dia sentiu coragem suficiente para sair e enfrentar o pai. As pessoas que encontrava ao longo do caminho para casa fitavam-no espantadas, custando a reconhecê-lo de tanto que mudara: magro e pálido devido aos jejuns, e sujo; achavam que ele tinha enlouquecido e começaram, sobretudo as crianças, a lhe atirar pedras e lama, como se fosse mesmo um pobre coitado. Pelas praças e ruas de Assis correu a notícia de que Francisco tinha voltado; o pai também ouviu. Quando entendeu que o objeto de escárnio do momento era seu filho, correu para a rua, tomado por uma raiva cega, uma dor surda e desesperada; precisava acabar com aquela humilhação, pois era como se ele mesmo também fosse agredido com punhados de lama; empurrou Francisco para dentro de casa, enchendo-o de pancadas, e trancou-o num cubículo escuro por dias e dias, decidido a acabar com aqueles caprichos de uma vez por todas. Durante uma ausência sua, a esposa desrespeitou o confinamento; condoída, abriu a porta e acabou por convencer o filho amado a fugir. Quando o marido voltou, ela teve de enfrentar sua cólera; o homem se sentia escarnecido e traído.

Se era de fato uma rebelião definitiva, que então Francisco pelo menos restituísse o que lhe tomara: assim Pietro aliviava sua dor de pai, evocando a raiva de um comerciante injustamente desapossado de seus bens. Decidiu denunciar o filho aos magistrados; correu ao edifício da comuna, expôs suas razões. Os magistrados enviaram um mensageiro a Francisco com uma carta de intimação, mas ele respondeu com uma manobra muito hábil — já teria se aconselhado com o bispo? —, antecipando-se ao pai: vivia como penitente, portanto não estava mais submetido à jurisdição da comuna, e sim à da Igreja. E os magistrados, para evitar problemas, aceitaram a resposta. O pai não se deu por vencido e correu ao bispo, que mandou chamar Francisco: desta vez o rebelde obedeceu.

Tendo pai e filho diante de si, o bispo se dirigiu a seu protegido — que naquele meio-tempo decidira trazer todo o dinheiro que lhe sobrava —, exortando-o a devolvê-lo: “A Igreja não quer que gastes com ela dinheiro que não é teu, dinheiro de teu pai, talvez fortuna mal adquirida”. Francisco concordou: disse que devolveria tudo. Entrou numa sala contígua, despiu-se completamente e assim, nu, com as roupas na mão e sobre elas o dinheiro, voltou à presença do pai e demais circunstantes — até podemos imaginar a multidão de amigos e vizinhos prendendo a respiração ao acompanhar a cena:

Ouvi todos e prestai atenção. Até agora chamei de pai a Pietro de Bernardone, mas, como me propus a servir somente a Deus, devolvo a Pietro de Bernardone o dinheiro pelo qual tanto se afligiu e as roupas que me deu; de agora em diante, sempre direi “Pai Nosso que estais nos céus”, e não mais “pai meu, Pietro de Bernardone”.

O pai, desiludido e furioso com as palavras definitivas do filho, agarrou as roupas e o dinheiro e fugiu para se trancar em casa. Então o bispo abriu os braços e cobriu aquele homem nu com seu manto. O gesto foi imortalizado por Giotto (cognome sintético para indicar o pintor de Assis), e está presente em todos os ciclos pictóricos que narram a vida do santo; possuía um significado mais profundo do que o simples discurso, e assim foi interpretado pelos espectadores da época, leitores de sempre: assinalava o afastamento irreversível de Francisco, que abandonava a família natural e passava para a família espiritual da Igreja. Foi uma ruptura brusca e dolorosa, não apenas para o pai. Francisco também sofreu muito: temos prova de profundo sofrimento em seu belíssimo comentário ao “Pai Nosso”. Em todos os seus escritos, Francisco sempre privilegiou a face paterna de Deus e seu amor atento e constante pelo homem, passando pelo sacrifício do Filho amado até a salvação final que o tempo ainda haverá de trazer. Por um lado, na visão teológica de Francisco, o sacrifício de Cristo não coincidia com a morte porque já se consumara totalmente no monte das Oliveiras, em obediência ao Pai celeste; por outro lado, para o homem pecador, só poderia haver redenção caso seguisse os passos deixados pelo Irmão: tomando Cristo como exemplo, entregar-se à vontade do pai. Nesta relação, tão original, imediata e direta, transparece o anseio por uma ligação com o pai, para sempre rompida, mas não esquecida.

Concluída a dramática cena diante do bispo e esgotada a tensão que o amparara até aquele momento, de repente Francisco se encontrou sozinho consigo mesmo. Era inverno: ele iniciava sua nova vida no desconforto do frio, com pouco agasalho, sem casa, sem família. Como os amados cavaleiros dos romances que, ao findarem uma grande proeza, rumam novamente para a floresta em busca de aventuras, Francisco se lançou ao desconhecido embrenhando-se na mata, cantando louvores a Deus em francês. Foi abordado por um grupo de bandidos, que o espancaram e lhe indagaram quem era. E Francisco respondeu com convicção: “Sou o arauto do grande Rei!”. A resposta atrevida, que certamente não correspondia aos trajes de quem a pronunciava, somada à raiva de não terem faturado sequer um tostão daquele encontro — Francisco estava todo estropiado e esfarrapado —, despertou a reação dos bandidos. Bateram nele e jogaram-no numa vala coberta de neve: “Fique aí, seu ridículo arauto de Deus!”. Quando os bandoleiros se afastaram, Francisco pulou para fora, sacudiu a neve do corpo e, continuando a cantar a plenos pulmões, retomou o caminho rumo a um mosteiro. Com aquela estranha declaração, ele representara o papel do arauto pobre descrito em *Lancelot*, outro romance de Chrétien de Troyes. Quando Lancelote descansava, exausto após um torneio em que combatera incógnito, “eis que chega

um mau elemento, um arauto de armas, mas vestindo apenas a camisa, pois precisara dar em penhor a túnica e as calças na taverna; estava descalço, pouco abrigado do vento”. Entrando no aposento onde estava Lancelote (que deixara a porta aberta) e reconhecendo as armas, o arauto pobre, tomado de admiração, saiu imediatamente para a rua e se pôs a gritar diante de todos: “Agora chegou aquele que se medirá a braços com os outros, que os medirá com sua própria medida. Agora ele mostrará seu valor!”. Francisco, porém, é o arauto de um Rei invisível e assim, chegando ao local, é recebido pelos monges com desconfiança e falta de caridade. Aceitam-no como ajudante de cozinha, maltratam-no: chegam a lhe recusar um pouco de caldo. Ele está com frio e com fome, ninguém o agasalha nem o alimenta; então é obrigado a partir, não por desdém, mas por necessidade; vai até Gubbio, onde um fiel amigo lhe oferece uma roupa para se proteger das intempéries.

Francisco dá as costas à família espiritual organizada, na qual pensara que encontraria ajuda e apoio. Bateu à porta errada; a certa é o leprosário, onde vai morar, indo assistir e socorrer aqueles infelizes. Mas não esquece as palavras do crucifixo; reforma a igreja de San Damiano, depois outra (provavelmente San Pietro, próxima às muralhas de Assis) e, por fim, uma terceira, a Porziuncola, na planície perto dos leprosários de Santa Maria Maddalena e San Salvatore. Hoje a Porziuncola está englobada na enorme e gélida igreja de Santa Maria degli Angeli: quem atravessa a soleira tem a impressão de que aquele minúsculo edifício é uma ruína esquecida, em contraste gritante com a superfície lisa dos mármore e a vastidão da abóbada que o encima. É preciso grande concentração interior para imaginá-la como teria sido, perdida no meio de um denso bosque, e para lembrar que justamente aquelas pedras simples foram tocadas e montadas pela mão do santo, acolheram suas preces e as preces de seus primeiros companheiros.

As fontes divergem quanto à sequência das primeiras ações de Francisco: podemos considerar que ele se alternou entre a assistência aos doentes e o cansativo trabalho manual, morando parte do tempo no leprosário e outra parte ainda em San Damiano, pelo menos na época em que se dedicava a consertar suas paredes periclitantes. Vestia-se como um eremita: um cinto de couro prendendo a humilde túnica, os pés calçados e um longo cajado na mão. Mesmo em nossos dias, a maneira de se vestir funciona como um indicador; na Idade Média também era assim, ou talvez ainda mais, devido à rigidez das divisões sociais e à necessidade de enquadrar imediatamente as pessoas em seus papéis. As roupas de eremita de Francisco tranquilizavam os outros; ademais, reformar igrejas em ruínas era uma atividade típica dos que levavam vida solitária e penitente.

Com o objetivo de procurar pedras, Francisco andava por Assis entoando fervorosas loas a Deus, e depois bradava como se fosse um arauto: “Quem me der uma pedra, terá uma recompensa; quem der duas, terá duas recompensas; quem der três, terá três recompensas!”.

Os passantes ouviam perplexos.

“Com ardente entusiasmo fazia apelos cheios de ingenuidade, pois tinha uma alma cândida e infantil; como homem eleito de Deus, não precisava da linguagem douta da arrogante sabedoria humana, mas falava de maneira simples e direta”, escrevem os *Três companheiros*, que talvez tenham realmente presenciado aquelas pregações insólitas. A reação das pessoas variava: alguns achavam que ele havia enlouquecido de vez e assim o tratavam, com insultos e escárnios; outros, pelo contrário, ficavam sensibilizados com aquele entusiasmo comovente e com a transformação física de Francisco. Lembravam o jovem de extremo apuro nos trajes, que gostava de se divertir e gozar a vida gastando e esbanjando com os amigos. Agora tinham diante de si um pobrezinho magro, pálido, que pedia ajuda como um fanático e prometia recompensas divinas.

Comportou-se da mesma maneira ao encontrar por acaso seu irmão Ângelo num dia de inverno rigoroso. Francisco tremia de frio e Ângelo, para troçar dele, disse a um amigo: “Pede a Francisco que te venda pelo menos uma moeda do seu suor!”. E ele revidou em francês, com laivos de irmão briguento: “Claro que venderei este suor, e a um preço muito alto, mas a meu Senhor”.

Nesse ínterim, o pai,

vendo o filho num estado tão miserável, fechava-se cada vez mais numa sombria dor. Amara profundamente Francisco; mas agora, pela humilhação e desgosto que sentia ao vê-lo tão pálido e magro — devido ao excesso de provações e de frio, parecia um cadáver ambulante —, a cada encontro cobria-o de maldições e insultos.

Tampouco para Francisco era fácil sustentar aquele olhar. Na tentativa de pôr fim à situação, certo dia foi procurar um pobrezinho; prometeu-lhe uma recompensa e disse: “Vem comigo. Quando meu pai vier e começar a me amaldiçoar como sempre, eu te direi: ‘Abençoa-me, meu pai!’. Então farás um sinal da cruz e me abençoarás”. Logo se apresentou a ocasião. E, enquanto bênçãos e maldições se entrecruzavam, o filho dizia ao pai verdadeiro: “Deus bem pode me dar um pai que me abençoe em teu lugar, tu que continuas a me amaldiçoar!”. São palavras amargas, as últimas entre Francisco e seus familiares. A partir daí, pai, mãe e irmãos saem definitivamente de cena: um santo é filho apenas de Deus.

Enquanto isso, aquele pobre sacerdote de San Damiano tinha se afeiçoado ao novo amigo que acolhera; dava-lhe um pouco do próprio alimento e tentava preparar uma comida especial para o jovem companheiro, lembrando seus costumes refinados. Francisco percebeu e então decidiu que tomaria como modelo “Cristo pobre, que nasceu e viveu pobre, chegando nu à cruz e sepultado em um túmulo que não era seu”. Isso significava ser realmente pobre: voltar a Assis e ir de porta em porta pedindo esmola, isto é, restos de comida. Indo à cidade, sem prestar muita atenção aos comentários e ao espanto de quem lhe abria a porta, conseguiu reunir uma boa quantidade de sobras. “Quando foi comer aquela

gororoba, sentiu uma violenta náusea; em outros tempos, não conseguiria sequer olhar aquela mixórdia.” Conseguiu se dominar e experimentou uma grande serenidade, sentindo o amargo se transformar em doce. Mas, chegada a vez de bater à casa de amigos entregues à jogatina, foi mais difícil se controlar. Ouvindo ressoar as vozes que conhecia de tantas festas outrora compartilhadas, Francisco não teve coragem de bater e voltou atrás. Mas depois juntou forças, admitiu sua covardia em voz alta, entrou naquela casa e pediu *em francês* pelo amor de Deus um pouco de azeite para a lâmpada em San Damiano.

Entrementes prosseguia a obra de restauração das igrejas em ruínas. Enquanto carregava sacos de cal, tábuas e pedras pesadas em seus ombros fracos, Francisco continuava a clamar em francês: “Vinde, ajudai-me nesses trabalhos! Sabei que em San Damiano haverá um mosteiro de Damas e, pela fama de suas vidas santas, nosso Pai celestial será glorificado em toda a Igreja”. A prosa latina da *Legenda* deixa entrever por trás dessas palavras uma composição poética em francês, e permite recuperar suas rimas: *Damien, Dames, Fame, Celestien*.

Aquilo que, mais tarde, os biógrafos descreveriam como materialização de uma profecia, isto é, que precisamente em San Damiano viesse a surgir, poucos anos depois, “a Ordem gloriosa e admirável das Damas Pobres e virgens santas”, dirigida por Clara, provavelmente foi uma adaptação devota de uma cantiga entoada e talvez composta por Francisco, em que a referida Dama seria a Virgem Santa. O apelo para render honra e acrescentar fama à Virgem e a Deus, o Pai celestial, transformou-se, com o tempo, na lembrança de um vaticínio exato de que Clara e suas companheiras viriam a viver justamente em San Damiano.

Francisco tinha sucesso por causa de sua maneira especial de falar à multidão: pregava em vernáculo simples e espontâneo, usava gestos, mímica, cantos e melodias; era como assistir a um espetáculo, uma comédia religiosa. Certa vez, durante uma grave doença, ele comeu um pouco de frango, embora fosse época da Quaresma; tão logo se sentiu melhor, pediu a um companheiro, chegando às portas de Assis, que lhe amarrasse uma corda no pescoço e o levasse pela cidade totalmente nu, como se fosse um ladrão. O frade, como arauto improvisado, deveria gritar: “Olhai o glutão que se refestelou com carne de galinha sem que soubésseis!”. O contraste entre as palavras que denunciavam uma pretensa hipocrisia e a visão do pobre corpo esquelético de um homem que todos reconheciam como santo causou uma grande comoção e teve efeito imediato, despertando entre os espectadores a disposição ao arrependimento e a uma vida melhor.

Mas Francisco não sabe apenas ser um grande ator e santo menestrel; utiliza as palavras com a maestria, por assim dizer, de um célebre advogado. O arqui-diácono e cronista Tomás de Spalato lembra uma memorável homilia de Francisco sobre o tema “Anjos, homens e demônios”, proferida em 1222 em Bolonha diante do Palácio Público, “onde parecia estar reunida toda a cidade”. O autor registra o espanto e a admiração de homens “letrados”, isto é, doutos que dominavam o latim, perante o sermão de um inculto, porém capaz de se

comunicar de forma inédita e cativante. Em vez de um religioso habitualmente tão enfadonho e difícil de acompanhar, as pessoas tinham a impressão de ouvir um igual, muito brilhante e vivaz. Francisco sabia prender a atenção do público, às vezes com surpreendente desenvoltura, interpretando, por exemplo, em sentido cristão, os pensamentos do apaixonado impaciente em se unir à amada. Lemos na trágica história da *Castelã de Vergy*: “Não é preciso descrever nem ouvir a alegria dos dois amantes: só pode ouvir o relato quem espera sentir aquela alegria que o amor concede aos finos amantes ao recompensar suas penas”. E Francisco, em Montefeltro, subindo numa mureta como se fosse um púlpito, começa a falar citando exatamente os versos: “Tamanho é o bem que espero, que toda pena me é alegria”, palavras em perfeita sintonia com o auditório daquele momento: cavaleiros reunidos para comemorar a investidura de um novo companheiro. É uma página dos *Fioretti* que narra:

O santo inspirado por Deus saiu do vale de Spoleto para ir à Romanha com frei Leão, seu companheiro; no caminho, passou aos pés do castelo de Montefeltro. Ouvindo a solenidade que se realizava e onde estavam reunidos muitos senhores de diversas regiões, são Francisco disse a frei Leão: “Vamos subir até a festa, pois com a ajuda de Deus teremos algum fruto espiritual”. Entre os senhores que vieram das redondezas para aquela festividade estava um grande fidalgo da Toscana chamado Orlando da Chiusi de Casentino, o qual, pelas coisas maravilhosas que ouvira sobre a santidade e os milagres de são Francisco, tinha-o em grande devoção e sentia muita vontade de vê-lo e ouvi-lo pregar.

Chegando ao castelo, são Francisco entra e vai até a praça, onde estava reunida toda a multidão desses senhores, e com espírito fervoroso subiu numa mureta e começou a pregar, apresentando como tema de sua pregação as seguintes palavras em vernáculo: “Tamanho é o bem que espero, que toda pena me é alegria”. E, por inspiração do Espírito Santo, pregou tão devota e profundamente sobre o tema, demonstrando-o com diversas penas e martírios dos santos apóstolos e dos santos mártires, com as duras penitências de santos confessores, e com muitos tormentos e tentações das santas virgens e dos outros santos, que todas as pessoas ficaram com a mente e os olhos presos em sua direção, como se fosse um anjo de Deus a falar.

Mencionamos quase todas as ocasiões em que o futuro santo usou o idioma francês, pelo menos as registradas nas fontes. É a língua de leitura que dividia com seus antigos companheiros, a língua dos negócios paternos, a língua da afetividade impetuosa de Francisco, ligada indissolúvelmente aos sonhos de sua primavera laica. É acima de tudo a língua por meio da qual o jovem Francisco aprendeu as virtudes da coragem e da generosidade e formou seu código de conduta ético, tomando como modelo as virtudes heroicas dos cavaleiros e paladinos; modelo que haverá de persistir com tenacidade ao lado do outro modelo, de densidade evidentemente incomparável, que o recém-convertido encontrará no Evangelho e passará a ser seu constante objeto de reflexão.

A um noviço que tinha grande vontade de possuir o saltério, Francisco, já gravemente enfermo, para tentar dissuadi-lo e explicar-lhe os perigos da cultura livresca, responde:

Carlos, o imperador, Orlando e Oliviero, todos os paladinos e os valorosos guerreiros que saíram em batalha para combater os infiéis com muito suor e esforço até a morte, conquistaram uma gloriosa e memorável vitória. Ao final, esses santos mártires caíram em batalha pela fé de Cristo. Mas agora muitos querem receber honra e glória entre os homens apenas com o relato das gestas alheias. Mesmo entre nós, muitos pretendem receber honra e louvor lendo e pregando as obras realizadas pelos santos.

Com isso ele queria dizer que é preciso se preocupar não com os livros, e sim com as ações virtuosas, pois “a ciência incha; é a caridade que edifica” (aqui Francisco cita Paulo, em 1 Cor 8, 1).

Em 1220, uma missão ao Marrocos tem um desfecho trágico, culminando com a decapitação de cinco frades. Esse episódio foi narrado numa história sobre a vida e a paixão dos mártires. Francisco, ao saber que aquela *Legenda* tecia louvores a ele e a seus mártires, e que os frades se vangloriavam com aquele suplício, quase como se tivessem sido eles a sofrê-lo, rejeitou a obra e proibiu sua leitura dizendo: “Cada qual se vanglorie em seu martírio e não no dos outros”. É o que conta o bom Giordano de Giano, enviado contra a vontade para a Alemanha em 1221, em sua *Crônica* (escrita em 1262), texto muito vivo e humano, valioso pelas memórias sobre a implantação e desenvolvimento da Ordem franciscana em terras alemãs. Quando Francisco reage com tal rudeza, na verdade impedindo a promoção do culto daqueles cinco mártires, está com cerca de 38 anos, mas ainda se lembra das palavras de Chrétien de Troyes que, em *Lancelot*, atribui ao pai o seguinte comentário sobre o malvado Meléagant: “Não é digno de um homem valoroso louvar o próprio ânimo para exaltar suas ações, pois as ações se louvam por si”, e em *Yvain, le chevalier au lion* [Ivain, o cavaleiro do leão], aqui na boca do senhor Keu: “Há uma grande diferença entre o vil poltrão e o valoroso, pois o covarde fala de si em grandes palavras ao redor do fogo, considera todos os outros tolos e crê que não o estimam o suficiente. O valoroso, pelo contrário, sentiria grande dor se ouvisse suas proezas narradas por terceiros”.

Num capítulo do *Espelho de perfeição do estado de frade menor*, um texto do início do século XIV que reúne testemunhos esparsos dos companheiros de Francisco, o santo se detém longamente sobre o perigo da ciência e da cultura que envaidece e faz esquecer a simplicidade e o espírito de caridade. Os frades que dão mais alegria a Francisco são os que não precisam de mosteiros ricos, de bibliotecas e de estudos, mas que, como os cavaleiros errantes de tantos romances, estão dispostos a se por à prova, a desafiar a si mesmos: estes são meus frades cavaleiros da Távola Redonda, que se afastam para locais ermos e remotos a fim de se entregar com mais amor à oração e à meditação, pranteando os pecados próprios e alheios, vivendo em simplicidade e humildade. Sua santidade é conhecida por Deus, e por vezes ignorada pelos irmãos e outros homens.

Francisco sempre sentirá atração pela solidão e a necessidade dela, certamente não entendida como fuga ascética do mundo, a ponto de regulamentar sua prática com uma *Regra* escrita provavelmente por volta de 1217-8, justamente para os frades que quisessem se

retirar periodicamente nos eremitérios. A dificuldade de conciliar o mais rigoroso isolamento e as necessidades práticas da sobrevivência, a vida ativa de Marta e a vida contemplativa de Maria (são, no Evangelho, as irmãs de Lázaro, ressuscitado por Cristo), é resolvida com uma originalidade que revela, na terminologia adotada, o prenúncio de um laço singularmente afetoso entre os frades, quase ternamente familiar: “Os que quiserem viver religiosamente no eremitério, que sejam no máximo três ou quatro frades. Que dois deles se façam de mãe e tenham dois ou pelo menos um filho. Os dois que são mães que sigam a vida de Marta; os outros dois, a vida de Maria”. Durante o dia, os “filhos” rezam e meditam em solidão, atendidos pelas “mães”, que se encarregam das refeições e de todas as tarefas práticas, cuidando para que ninguém os atrapalhe. “Os filhos depois assumem o papel de mães, conforme lhes parecer oportuno se alternarem.” Podemos imaginar esses retiros visitando o eremitério dos Cárceres, ao pé do monte Subasio, perto de Assis, ou o de Greccio, no vale de Rieti, ou ainda as Celas, perto de Cortona: matas densas, situadas numa suave e ampla paisagem ondulada.

Jacques de Vitry, passando por Perúgia em 1216 no caminho para ser consagrado bispo de São João de Acre (na costa da Palestina), poucos dias antes de embarcar em Gênova para chegar àquela distante catedral, escreve uma carta que revela extraordinário conhecimento dos franciscanos: é um testemunho importante por ser bastante precoce e proveniente de alguém alheio à Ordem. Jacques conta que foi a Perúgia, onde constatou a destruição do cadáver de Inocêncio III, despojado de todas as suas vestes preciosas e abandonado seminu na igreja, já em putrefação, e que assistiu à eleição e consagração de seu sucessor, Honório III. Em Perúgia, pode ser que tenha conhecido Francisco, que certamente esteve presente na morte de Inocêncio III. Depois de traçar um quadro desconsolado das intrigas da Cúria (“todos estavam tão ocupados com as coisas temporais e mundanas, com questões de reis e rainhas, com brigas e processos, que mal permitiam que se abordasse qualquer assunto de ordem espiritual”), lembra também que encontrou na Úmbria um grande motivo de consolo:

Pessoas de ambos os sexos, ricos e laicos, despindo-se de todas as posses por Cristo, abandonaram o mundo.

Chamam-se frades menores e irmãs menores e são tidos em grande consideração pelo papa e pelos cardeais. Não se ocupam de coisas temporais, mas, pelo contrário, dedicam-se diariamente, com fervoroso desejo e veemente empenho, a libertar das vaidades mundanas as almas que estão prestes a naufragar, atraindo-as para suas fileiras. [...] Durante o dia, [os frades] entram nas cidades e vilarejos, trabalhando ativamente para conquistar outros para o Senhor; à noite retornam aos eremitérios ou a algum local solitário para dedicar-se à contemplação. As mulheres, por sua vez, moram juntas em asilos próximos às cidades; não aceitam doação alguma, mas vivem do trabalho das próprias mãos. Não é pequena sua aflição e inquietude ao se verem admirados por clérigos e laicos mais do que gostariam.

Aqui Jacques de Vitry parece se referir mais especificamente às damianitas guiadas por Clara: falaremos dela e de seu sofrido relacionamento com Francisco quando chegarmos à época de sua conversão.

3. É isso que quero! É isso que peço!

Passaram-se cerca de três anos desde o dia em que Francisco começou a seguir a ordem transmitida pelo crucifixo de San Damiano. Durante esse período, além de reformar igrejas e cuidar dos leprosos, ele rezara muito e meditara sobre o Evangelho, principalmente o de João, que sabia quase todo de cor. Mas aquelas atividades não bastavam ao grande coração daquele homem inquieto.

Um domingo, na igreja da Porziuncola, ouviu durante a missa a leitura de um trecho sobre a missão pregadora que Cristo confiara aos apóstolos. Como havia captado apenas o sentido geral — Tomás de Celano não deixa de ressaltar seu conhecimento superficial das escrituras, característico de um laico que necessita da mediação insubstituível do sacerdote —, o futuro santo, após o ofício, pediu ao padre uma explicação mais detalhada. Coincidiu com a iluminação decisiva: uma intuição que, na verdade, condensava um lento e subterrâneo período de preparação.

Francisco, ao ouvir que os discípulos “não devem possuir ouro nem dinheiro, não carregar farnel nem pão, nem cajado para o caminho, nem ter calçados, nem duas túnicas, mas apenas pregar o Reino de Deus e a penitência”, exultante de Espírito Santo, prontamente exclamou: “É isso que quero, é isso que peço, é isso que anseio fazer de todo o coração!”.

Transbordando de alegria, depôs imediatamente a roupa de ermitão, cujas características eram, como sabemos, o cajado, os calçados e o cinto de couro. O Evangelho prescreve apenas uma túnica; Francisco foi além, decidindo que esta devia ser extremamente rústica e de nenhum valor, e substituiu o cinto de couro por uma simples corda amarrada à cintura. Quis um hábito com capuz “para reproduzir a imagem da cruz e manter afastadas todas as seduções do demônio; veste um áspero o bastante para crucificar a carne e todos os seus vícios e pecados, e pobre e grosseiro para impedir o mundo de invejá-lo”. A narrativa erudita de Tomás, entremeada de citações bíblicas, mesmo assim deixa transparecer traços típicos e muito humanos de Francisco. Este possuía certa tendência, assim como seus contemporâneos, a uma “santa superstição”, isto é, sentia a necessidade de confiar em talismãs, de considerar que, por meio de alguns gestos, ritos e objetos, como a túnica e a corda, seria possível entrar em comunicação com o divino (aliás, o papa Gregório IX só parava de blasfemar quando trazia ao pescoço o dedo de Maria de Oignies!). Não há nada de desrespeitoso em afirmar que aquele que crê na transubstanciação do pão em carne divina, graças a uma fórmula proferida por um homem dotado de poderes especiais, está pronto a aplicar no cotidiano e transportar para a vida particular, no âmbito dos acontecimentos mais triviais, a crença numa vida sobrenatural e arcana.

Consideremos o exemplo da típica corda com os três nós, que nos permite identificar

imediatamente o portador como um franciscano. Que os três nós simbolizem os respectivos votos de castidade, pobreza e obediência é uma reflexão muito tardia, no mínimo do século XVI; nas imagens mais antigas de Francisco, a quantidade de nós varia (de três a sete), embora nunca apareça uma corda sem nó. Os nós deviam ter a mesma função do tecido rústico: expulsar os desejos carnisais. É o que nos explica o clérigo Henri d'Avranches, no poema dedicado ao santo, escrito por volta de 1237. Depois de uma espécie de autoacusação e exame de consciência, concluído com o veredito de culpado, Francisco “condena a si e aperta uma corda de três nós, como se fossem bandidos, nos quadris que abrigaram o fogo de uma injusta paixão”. Além do mais, é evidente o significado do nó, antropologicamente comprovado, como reforço de uma ligação, de um pacto, de um encantamento: Francisco, amarrando a corda na cintura e acrescentando três nós, talvez queira também marcar e lembrar com um sinal exterior a decisão categórica de tomar o caminho, dali por diante, da pregação itinerante. A quantidade de nós se estabilizou em três, pois é um número simbolicamente consagrado: três são as pessoas da Trindade, três são os Reis Magos, três vezes se abre o Evangelho na prática das *sortes apostolorum*. É esse rito que os apóstolos também teriam realizado, e a ele Francisco recorre nos momentos importantes de sua vida: por exemplo, quando estava em dúvida sobre as instruções que deveria dar ao primeiro companheiro, Bernardo, isto é, que caráter atribuiria à nascente fraternidade, e em Verna, antes da aparição do serafim, para saber quais atribulações o esperavam no final da vida, que já sentia se aproximar. Na cerimônia das *sortes apostolorum*, após as orações, considerava-se que, se o texto sagrado se abrisse três vezes na mesma página, seria a prova inequívoca da vontade de Deus: era a voz do Senhor que respondia diretamente a quem o interrogava. O hábito em forma de cruz, enfim, servia para manter os demônios à distância, pensamento que, por sorte, nunca foi obsessivo em Francisco, ao contrário do que lemos em tantas biografias de outros santos medievais.

Tomás de Celano, ao relatar aquele célebre domingo na Porziuncola, transcreveu não um trecho específico do Evangelho, e sim uma série de versículos misturados, extraídos de Marcos, Lucas e Mateus. Como o Evangelho da “missão dos apóstolos” é lido na festa de Lucas, em 18 de outubro, e na de Mateus, em 24 de fevereiro, a crítica, mesmo levando em conta outras fontes franciscanas — todas, porém, divergentes sobre esse ponto —, vem discutindo há muito tempo qual teria sido a data exata (outono de 1208 ou inverno de 1209) em que Francisco realmente entendeu seu dever. Francisco, por sua vez, afirma explicitamente no *Testamento* que agiu com plena autonomia: “E depois que o Senhor me concedeu alguns frades, ninguém me mostrava o que devia fazer; mas o próprio Altíssimo revelou-me que devia viver segundo a forma do Santo Evangelho”.

Mas não poderíamos supor que Francisco tenha recorrido, também nessa ocasião, ao rito das *sortes apostolorum*? Um indício é a mescla dos versículos mencionados, de Mateus, Marcos e Lucas: Tomás e os outros hagiógrafos talvez não tivessem ousado declará-lo

abertamente, pois o uso das *sortes*, embora tolerado, não era propriamente ortodoxo, e fundar as origens da Ordem dos Menores num gesto supersticioso devia parecer uma nota dissonante (no episódio de Bernardo, teve-se o cuidado de esclarecer que a tríplice abertura se devia ao amor pela Trindade professado por Francisco).

Mais uma vez, um hábito é protagonista e sinal de transformação, agora muito mais importante do que a substituição da indumentária secular pela roupa do eremita. Se olharmos bem, veremos que a escolha de Francisco foi recusar-se a escolher. Pretendia se vestir mal e de qualquer maneira, ao acaso, como pobre, sem nenhum “uniforme” ou atributo que o identificasse como membro de qualquer categoria, mesmo alguma capaz de despertar apreço, como a dos eremitas. Não escolheu sequer uma cor definida, que fosse o símbolo imediato de sua vocação. O futuro santo, de início, e mais tarde seus primeiros companheiros usaram panos de cor indefinida, desde o cinza ao marrom e ao verde desbotado, porque eram os mais baratos, ao passo que os tecidos de cores vivas custavam muito mais caro. É por isso que vemos os franciscanos representados cada qual com um hábito de cor diferente, mas sempre na gama das cores apagadas, comprimidos ao redor do cadáver do santo fundador, numa das pinturas da igreja franciscana de Pistoia, de meados do século XIII, agora conservada no museu local. A cor uniforme que indica imediatamente a ordem de pertença não foi uma das preocupações de Francisco, ao passo que, para os capuchinhos, ela se tornou tão típica e constante que a coloração de seus hábitos é, para todos nós, sinônimo de café com leite quente, justamente o *cappuccino*.

Já no hábito, Francisco declarava uma aproximação inovadora à pobreza. Não que a Igreja, naquela época, deixasse de socorrer os necessitados e indigentes. Mas ela jamais se questionara como estrutura privilegiada, nem abandonara certezas e posições consolidadas. Por parte do clero, havia uma fronteira nítida, intransponível, entre as condições de vida, de cultura, de sólido e garantido bem-estar em relação à multidão dos deserdados. Para avaliar a primeira das extraordinárias inovações de Francisco, embora todas elas sejam derivadas da simples vontade de seguir o Evangelho ao pé da letra, cabe lembrar que o clérigo (isto é, quem recebera pelo menos a tonsura ou um grau de ordem sacra no caminho para o sacerdócio) e o monge eram expressamente proibidos de mendigar. Tal proibição será reforçada, por exemplo, pelo Concílio de Paris em 1213-4: os superiores deviam fornecer ao religioso em viagem um cavalo e os meios de subsistência; esmolar seria colocar-se numa situação de embaraço, risco e pecado. Os *Três companheiros* ressaltam enfaticamente essa novidade: “Naquela época, com efeito, ninguém ousava abandonar os próprios bens e riquezas e pedir caridade de porta em porta”.

Francisco, mesmo fazendo do compromisso religioso a razão de sua vida, jamais pensou em se tornar padre ou monge; decidiu que não cruzaria a fronteira dos leigos e que

trabalharia dentro desse espaço. Não por acaso comparou seus frades a um pequeno *rebanho* enviado por Deus, e não aos *pastores* desse rebanho. Resolvido a permanecer numa situação de fragilidade e submissão, quis pertencer, sem se diferenciar, àquela sociedade que a Igreja pretendia comandar de muitas maneiras; nessa sociedade, escolheu pertencer à parcela mais pobre e desprezada, que também abrangia os humildes trabalhadores da terra.

Não julga, como prescreve o Evangelho. Evitando por completo adotar uma posição crítica ou condenatória diante dos costumes corruptos da Igreja, ou participar de projetos de reforma ou de reivindicação por um papel mais ativo dos fiéis, Francisco evitava o grande perigo de vir a engrossar as fileiras dos que eram inevitavelmente levados à condição de rebeldes e de dissidentes passíveis de condenação. Pelo contrário, com o passar do tempo, os Menores passaram a ser vistos como peças fundamentais para aplacar e direcionar a um filão ortodoxo todos aqueles fermentos e anseios por uma participação mais ativa e intensa na vida religiosa, próprios de uma sociedade em grande transformação, e que a Igreja, sentindo-se ameaçada e não conseguindo absorvê-los, havia transformado juridicamente em heresias. A profunda lealdade e reverência de Francisco em relação a Roma excluía qualquer possibilidade de desvios perigosos.

Quanto à organização eclesiástica tal como se desenvolvera em sua evolução histórica, Francisco professa um respeitoso e precavido afastamento, ainda que demonstre com ênfase apaixonada e sincera sua obediência pessoal aos sacerdotes, mesmo àqueles indignos e de péssima conduta moral. Isso se deve a sua necessidade vital de manter contato físico com Cristo, de tocar o corpo divino na Eucaristia (razão pela qual a mediação sacerdotal lhe era indispensável, tal como a qualquer laico). Mesmo no leito de morte, Francisco se recusa obstinadamente a pedir privilégios à Cúria, intimando seus irmãos a proceder da mesma maneira. Ele respeita a Igreja, mas segue os passos e as palavras de Cristo. Por exemplo, convidado certa vez para jantar com o cardeal Ugolino, o futuro pontífice Gregório IX, Francisco não hesitou em ir antes esmolar pedaços de pão, que então colocou na lauta mesa, causando constrangimento no prelado e nos outros comensais. Ao final da refeição, o anfitrião o repreende em particular, com afeto e condescendência, chamando-o de “meu irmão simplório!”. Francisco nega ter ofendido a dignidade de Ugolino: “Pelo contrário, prestei-vos uma grande honra honrando um Senhor maior, porque a Deus agrada a pobreza e principalmente a mendicância voluntária. Por mim, considero régia dignidade e insigne nobreza seguir aquele Senhor que, mesmo sendo rico, fez-se pobre por nós”. A resposta de Francisco, obsequiosamente vassalar — se um súdito cumpre a obediência devida a seu senhor, honra o senhor e também seu representante —, abre uma distância intransponível em relação ao interlocutor.

Com uma certeza serena, Francisco dá um salto no tempo, une-se aos apóstolos e vive junto deles quando ainda caminhavam com o Mestre, livres de qualquer estrutura ou organização. Uma passagem de suas *Admoestações* é reveladora: que os frades “honrem os

clérigos que vivem segundo a forma da Igreja de Roma”, mas para si mesmos observem “o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, vivendo em obediência, em castidade e sem nenhum bem”. (“Clérigo” é um termo genérico, mas aqui é evidente que Francisco se referia aos sacerdotes aos quais eram reservados o governo espiritual dos fiéis e a celebração dos sacramentos.) Além disso, Francisco pretendia viver seu compromisso religioso de maneira diferente não só dos sacerdotes, mas também de uma outra família de religiosos não necessariamente padres: os monges.

Torna-se monge quem faz uma dupla promessa: mudar os costumes da vida anterior e jamais se afastar do mosteiro em que ingressou. Por isso, enquanto para o monge o horizonte se fecha dentro dos limites estáveis do claustro, que geralmente exclui os fiéis, e para o padre o edifício eclesiástico se abre para acolher os laicos, mas contando com o impulso de sua devoção, para Francisco o local da vida religiosa é o espaço livre a ser percorrido num caminho sem fim. A diferença de atitude também se reflete num detalhe que pode fazer sorrir, mas é revelador. São Bento havia prescrito em sua *Regra* que os monges poderiam excepcionalmente usar roupa de baixo apenas em viagens, por razões de pudor e conveniência, caso precisassem erguer as vestes para protegê-las da lama ou para ter maior liberdade de movimentos; ao voltar para o mosteiro, deviam devolver as roupas de baixo, devidamente lavadas, ao superior. Francisco, porém, mesmo tendo previsto o mínimo de roupa estritamente necessária para seus frades, converte a roupa de baixo em item estável e constante, pois está sempre em viagem com os companheiros.

Não espera o encontro de outros homens; é ele que vai em busca: incansável, durante toda a vida percorrerá aldeias e cidades, por toda parte atrás dos homens e das mulheres; conversa com eles à beira das estradas, entre os campos onde presta ajuda aos agricultores, prega no espaço aberto da praça onde pulsa a vida urbana, entra nas casas, nas famílias, com uma nova saudação, que desperta admiração e até indignado espanto, mesmo sendo prescrita por Cristo aos apóstolos: “Que o Senhor te dê paz!”.

A paz. Quando Francisco está com cerca de 22 anos, os cruzados da Quarta Cruzada (1203-4) conquistam Constantinopla; quatro anos depois, a Igreja desencadeia a cruzada contra a heresia cátara, que se prolongará até 1229, com horrendos massacres e destruições nas cidades francesas de Albi, Toulouse e Carcassonne. Os cátaros concebiam o mundo como um campo de luta entre o Bem e o Mal, entre Deus criador do espírito e Satanás criador da matéria; pregavam a renovação moral e um exasperado ascetismo condenando o matrimônio, a procriação, a propriedade privada, o exercício da justiça e da guerra; contudo, justamente devido a esse rigor moral, o movimento se tornara um terrível adversário da Igreja católica, cujos membros exibiam costumes frouxos e pouco preparo religioso. Em 1212, os cristãos espanhóis derrotam sangrentamente os árabes muçulmanos em Las Navas de Tolosa (Andaluzia). E por toda parte há guerras: entre o papado e o império, entre as cidades, entre as facções dentro da mesma cidade. E também em Assis.

Em 1210, foi assinado em Assis mais um dos habitualmente frágeis acordos de paz, mas este era diferente dos outros porque também marcava a verdadeira certidão de nascimento da comuna: segundo esta “carta de paz”, os *maiores* renunciavam ao domínio sobre os *menores* pelos vínculos de dependência pessoal. É a primeira vez que os dois termos aparecem nos documentos de Assis. Os cidadãos não são mais “os homens de alguém”, e sim da comuna; as obrigações não se dão mais entre homem e homem, e sim entre homem e comuna. Evidentemente, a paz não anulava uma nítida hierarquização no interior da sociedade, quando menos pelos vocábulos adotados no acordo (que, ademais, excluía totalmente os *villani* ou vilões). Quem eram os *maiores* e os *menores* em Assis? Se recorrermos a documentos análogos, a outros estatutos comunais, por exemplo um de Anghiari, do final do século XIII, veremos que os *maiores* coincidem com os juízes e os cavaleiros que podem ter cavalos e armaduras para a guerra; os *menores* são os humildes lavradores dos campos. Em Assis, simplificando um pouco, podemos considerar que os *maiores* eram os *boni homines* do passado, os nobres e poderosos, e os *menores* eram todos os demais cidadãos, excluídos os vilões. É fácil sermos tentados a enxergar na escolha de Francisco, ao pensar em si e em seus frades como *menores*, um eco das lutas entre os submetidos a uma amarga dominação e os detentores do poder e de uma dura autoridade. Em todo caso, *menor* é, em primeiro lugar, um termo do Evangelho: quando os apóstolos começaram a discutir em termos hierárquicos quem era “o maior” entre eles, Cristo os chamou, pôs um menino no meio deles, abraçou-o e disse: “Aquele que receber uma criança como esta por causa de meu nome, recebe a mim, e aquele que me receber recebe aquele que me enviou; com efeito, aquele que no vosso meio for o menor, esse será grande” (Lc 9, 46-8); e Marcos acrescenta: “Se alguém quer ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos” (9, 35). Assim, os dois significados, o político e o religioso, se entrelaçam na decisão de Francisco, ao prescrever, no sexto capítulo da *Regra não bulada*, que: “nenhum dos frades seja chamado de prior, mas sejam todos chamados simplesmente de frades menores. E que um lave os pés do outro”. Ser “menor” expressa um conceito a que ele sempre permaneceu fiel, defendendo-o arduamente durante toda a vida: perseverar em dividir com os pobres e fracos sua existência precária de marginalizados, única maneira, segundo o futuro santo, de não entrar na lógica de um poder que obriga a salvaguardar e defender o que se conquistou, e a ver como inimigo aquele que o engana. Ao bispo Guido de Assis, que o aconselha paternalmente a abrandar a conduta demasiado rigorosa da irmandade (“Vossa vida me parece dura e áspera, pois não possúis nada neste mundo”), Francisco responde: “Senhor, se tivéssemos bens, precisaríamos dispor também de armas para defendê-los. É da riqueza que provêm discussões e brigas, e assim se impede de muitas maneiras tanto o amor a Deus quanto o amor ao próximo. Por isso não queremos possuir nenhum bem material neste mundo”. Francisco acaba por aqui; não acrescenta o fácil corolário: “Vós também deveríeis mudar”. No projeto do santo — outro ponto a ser

ressaltado —, é apenas pelo exemplo positivo que se pode induzir alguém a mudar e se corrigir; pelo exemplo, mais do que pelas palavras, as quais, de qualquer forma, nunca devem soar como crítica ou acusação, mas apenas como fraterna exortação de igual para igual.

Quando Cristo prescreveu aos apóstolos que fossem pelo mundo sem ouro nem prata, sem muda de roupa nem calçados — o trecho que tanto impressionara Francisco na Porziuncola —, disse também que não se preocupassem por não ter nada, “pois o operário é digno de seu sustento” (Mt 10, 10). Ou seja, o espírito de pobreza e o desinteresse dos apóstolos não dispensava quem recebesse seus benefícios espirituais de lhes prover o sustento. Francisco, em seu generoso extremismo, não assumiu como modelo a vida dos apóstolos, mas olhou diretamente para Cristo, sempre pobre e peregrino. Mais uma vez, não se contentou com o que lia, mas foi além dos ditames prescritos, pois aceitar sustento da comunidade abriria o caminho para constituir situações de vantagem prévia, para morar, digamos assim, entre os pastores e não entre o rebanho; ao mesmo tempo, impediria compartilhar na íntegra a vida do pobre realmente despossuído de qualquer bem, do pobre sem direitos. Tomás de Celano e os *Três companheiros*, com um entendimento perspicaz, não mencionaram o versículo: “o operário é digno de seu sustento”, que se seguia à prescrição de Cristo em não possuir nada, nem ouro, nem prata, nem muda de roupa, nem calçados. Francisco, para seu projeto, levou em conta o Salmo 127, 2: “Do trabalho de tuas mãos comerás, tranquilo e feliz”, e o versículo 3, 10 de Paulo na segunda Epístola aos Tessalonicenses: “Quem não quer trabalhar também não há de comer”.

Ainda no *Testamento*, ele ressaltou energicamente para os frades a obrigação de trabalhar manualmente; à beira da morte, lembrou que havia trabalhado em leprosários nos primeiros tempos de sua conversão e, certamente comovendo os ouvintes, renovou seu firme propósito de querer continuar a trabalhar: “*Et ego manibus meis laborabam, et volo laborare*”.³

Francisco e os primeiros frades faziam um pouco de tudo, em qualquer lugar onde pudessem ajudar: nos campos, ceifando e colhendo azeitonas; nos bosques, transportando lenha; na cidade, distribuindo água, levantando paredes; nas casas, servindo com humildade; nos leprosários, cuidando daqueles pobres doentes dos quais ninguém queria se aproximar. Quem tinha sido, antes de abraçar a irmandade, não apenas um trabalhador de serviços gerais — duas mãos e dois braços —, e sim um artesão, podia, ou melhor, devia conservar os instrumentos da profissão e se dedicar à atividade na qual era qualificado, desde que fosse lícita e honesta (por exemplo, não poderia continuar como comerciante ou açougueiro): assim é que conhecemos frades alfaiates, ferreiros, oleiros. Mesmo o próprio Francisco, que proíbe que os companheiros analfabetos aprendam a ler, inversamente determina que quem não sabe trabalhar manualmente aprenda as técnicas necessárias. Por seu lado, ele tinha adquirido bastante habilidade em fabricar cestos e vasos: de fato, certa vez

estava tão concentrado na fabricação de um deles que se esqueceu de orar com a devida atenção; arrependido, jogou o cesto ao fogo e disse aos frades: “É uma vergonha se deixar distrair por fantasias e bobagens inúteis, se é no momento da oração que falamos com o grande Rei”.

A hostilidade de Francisco à ciência e à cultura não brotava de uma atitude reacionária, embora estivesse na contracorrente: para combater a heresia, a Igreja precisava, naquela época, de maior grau de cultura entre os militantes de suas fileiras; por isso apoiou a escolha em favor do “livro” feita pelos dominicanos, que designavam como tarefa principal a argumentação tenaz com os hereges, sobretudo os cátaros, e sua derrota inevitável.

Mas possuir livros, um bem precioso e de luxo, era contrário ao ideal de Francisco, que defendia o despojamento completo e a pobreza total. Além disso, ele temia o saber como fonte de soberba e domínio, que cria separação entre os irmãos, extingue a afeição e a caridade recíprocas. Após a conversão, Francisco não saiu em busca de companheiros ou seguidores aos quais se declarar líder. A cada cristão que já fosse realmente cristão bastavam as palavras do Evangelho, bastava seguir os passos de Cristo, Irmão do homem porque filho de Deus, e portanto único ponto de referência necessário. Se exortava e admoestava em espírito de caridade quem se extraviara, fazia-o de igual para igual; Francisco não se propôs fundar uma ordem, palavra totalmente ausente de seu vocabulário.

Os companheiros foram uma dádiva do Altíssimo. E como eram companheiros, não adeptos convertidos, Francisco não previu, pelo menos enquanto não foi obrigado pelo sucesso extraordinário, nenhuma estrutura dentro de sua comunidade. Foi uma outra grande inovação de Francisco: ter criado uma irmandade essencialmente laica, sem que surgissem em seu interior (assim foi nos primeiros tempos) diferenças de tratamento e consideração quando a ela se integraram sacerdotes ou doutos que haviam frequentado a universidade.

A Igreja, a princípio desconfiada, logo compreendeu a enorme força que os franciscanos representavam, em termos de contenção e extinção das polêmicas e dos movimentos heréticos. Por intermédio deles, ela podia mostrar em seu interior um modelo positivo para os laicos, um polo que atraía e envolvia todas aquelas efervescências e reivindicações perante as quais suas estruturas se mostravam rígidas e inadequadas. Após a morte de Francisco, a força da tradição viria a prevalecer, com uma visível clericalização da Ordem. Inocêncio IV, com a bula “*Ordinem vestrum*” de 14 de novembro de 1245, proibiu a entrada na Ordem franciscana de candidatos iletrados, que não soubessem latim, chegando a promover o recrutamento dos Menores nos centros universitários. Francisco, por sorte, não viu nada disso, mas pressentiu.

Ao noviço que lhe pedia um livro de salmos, ele tentou mostrar as etapas subsequentes de seu perigoso desejo. Conta a *Legenda perusina* que, estando Francisco sentado diante do fogo para se aquecer, o noviço voltou à carga com a questão do saltério. Francisco lhe

respondeu: “Quando tiveres conseguido o saltério, ele não te bastará e vais querer o breviário; obtido o breviário, vais te colocar na cátedra como um prelado e ordenarás a teu irmão: ‘Ei, traz-me aqui o breviário!’”. O discurso de Francisco se encerra com um gesto um tanto teatral e inesperado, certamente de grande impacto psicológico: “Dizendo essas palavras, o santo, com o espírito inflamado, recolheu as cinzas e espalhou-as na cabeça, dizendo a si mesmo: ‘Eu sou o breviário, eu sou o breviário!’. E, enquanto repetia a exclamação, friccionava a cabeça. O noviço ficou estupefato e envergonhado”. As cinzas evocavam imediatamente a condição do homem herdeiro de Adão e de sua culpa, destinado, enquanto pecador, em voltar às cinzas; o verdadeiro cristão devia meditar com coração sincero sobre seu estado, recolher-se em si, em vez de buscar prazer e distração nos livros sagrados e talvez se envaidecer e se comprazer por estar à altura de entender as difíceis Escrituras. A verdadeira biblioteca de Francisco é a memória: pede que suas *Cartas*, as *Admoestações* e a *Regra* sejam aprendidas de cor: de um lado, porque dessa maneira pretende reabsorver as disparidades entre o analfabeto e o culto; de outro lado, porque quer que a memória, aplicando-se a poucos textos, sempre repetidos, reforce a reflexão e a concentração.

A história do noviço ainda tem uma breve continuação. Francisco não queria deixar o jovem mortificado e logo expôs sua própria experiência, para dar um exemplo e criar um envolvimento concreto entre ambos. Começou com uma confissão pessoal: “Irmão, eu também fui tentado pelos livros. Para conhecer a vontade do Senhor sobre esse ponto, peguei o livro onde estão escritos os Evangelhos e roguei a Deus para me mostrar Sua vontade ao abrir a página”. O ritual, que nós conhecemos, respondeu com as palavras de Marcos 4, 11: “A vós foi dado o mistério do Reino de Deus; aos de fora, porém, tudo acontece em parábolas”, a significar: melhor receber diretamente de Deus com a oração e a reflexão pessoal do que pela mediação tortuosa de palavras alheias. A confissão era sincera; e ainda mais dolorosa para Francisco, jovem leitor de romances e poemas; deve ter sido a renúncia a um prazer habitual.

Entre os escritos de Francisco, é muito reveladora a belíssima página que ditou a frei Leão, provavelmente nos últimos anos de vida, para explicar qual deve ser para si, e portanto para todos os companheiros, a verdadeira e perfeita alegria. A perfeita alegria não é saber que bispos e arcebispos, mestres de teologia em Paris, reis da França e da Inglaterra ingressaram na Ordem, não é saber que todos os infiéis foram convertidos ou descobrir-se capaz de fazer milagres; a perfeita alegria, para Francisco, é chegar a Porziuncola após uma viagem longa, em plena noite, molhado e tremendo, com cristais de gelo no hábito, os pés feridos e enlameados; bater e ser rechaçado por quem abre a porta: “Vai-te embora, és um simplório e um idiota ignorante, não apareças mais aqui. Somos em quantidade e de qualidade tais que não precisamos de ti”. Suportar essas palavras com paciência e sem perturbação, tal é a verdadeira alegria: o modelo evidente de Cristo traído pelos seus,

espancado e insultado no início da Paixão. *I fioretti*, que traz um relato muito semelhante, acrescenta outros “se”, outros motivos ilusórios de perfeita alegria: “Ó frei Leão, se o frade menor soubesse todas as línguas e todas as ciências e todas as escrituras [...], o curso das estrelas e a virtude das ervas; e lhe fossem revelados todos os tesouros da terra e conhecesse as virtudes dos pássaros e dos peixes e de todos os animais e dos homens e das árvores e das pedras e das raízes e das águas [...]”.⁴ Francisco pensa aqui na sabedoria do rei Salomão, tal como vem descrita na Bíblia (1 Reis, 5, 9-14), e não quer nem gostaria de rivalizar com ela. Sua aspiração não é a cultura, e sim o humilde trabalho manual.

Em troca de seus labores, os frades podiam receber o necessário para viver (é este o significado que Francisco dá à palavra “esmola”), mas sem guardar as sobras para o dia seguinte; era proibido até mesmo deixar os legumes de molho de um dia para outro, pois a confiança na Providência devia se manter irrestrita e a precariedade devia continuar absoluta. Nunca receber dinheiro, por nenhuma razão, mesmo em condições de extrema necessidade: única exceção (a que se deveria recorrer o mais raramente possível), se fosse para alimentar e ajudar os leprosos. Receber oferenda em dinheiro — dizia Francisco — era roubar os pobres (bastaria isso para avaliarmos a transformação que a Ordem sofreu no decorrer do tempo, a qual ostenta como sinônimo o título de Ordem mendicante). O respeito aos direitos dos pobres se repete no capítulo nono da *Regra não bulada*: “A esmola é a herança e o justo direito devido aos pobres, adquirido para nós por Nosso Senhor Jesus Cristo. E os frades que trabalham para adquiri-la terão grande recompensa [...]”; e novamente no capítulo sexto da *Regra bulada*, onde, porém, Francisco teve de omitir a menção ao trabalho. Aqui cabe um pequeno esclarecimento sobre as *Regras*: o texto da primeira, que Inocêncio III aprovou apenas oralmente, veio a se extraviar. A regra que chamamos de primeira — na verdade, é a segunda —, apresentada na Assembleia Geral de Frades em 1221, provocou um tal número de objeções e reservas, tanto por parte dos frades quanto da Cúria romana, que permaneceu *não bulada*, isto é, sem o selo pontifical de validação. Francisco precisou retificá-la. Após várias tentativas e sérias transigências, em 1223 foi aprovada uma nova *Regra*, por isso dita *bulada*, que não espelhava mais os propósitos iniciais do santo.

Francisco, pessoalmente, nunca cedeu; em relação a si mesmo tornou-se ainda mais rigoroso, pois considerava seu dever apresentar-se como exemplo vivo de fidelidade à proposta de vida que, outrora, pedira aos companheiros que compartilhassem. Lembra a *Legenda perusina* que repetia frequentemente aos irmãos: “Nunca fui ladrão. Com isso quero dizer que sempre peguei das esmolas, que são a herança dos pobres, menos do que necessitava, para não defraudar os outros pobres de sua parte; agir de outra forma seria roubar”.

Francisco sempre manifestou perante o dinheiro, mesmo a moedinha de ínfimo valor, uma reação de repugnância quase doentia, de ex-comerciante consciente dos estragos

decorrentes da posse monetária, que extinguem todo o desejo de caridade em favor da cobiça e da avareza. Não hesitava em punir os companheiros pela menor infração a esse respeito; era um homem de paixões fortes e, portanto, capaz de manifestar grande cólera. Certo dia, um devoto entrou na igrejinha da Porziuncola e deixou dinheiro perto do crucifixo. Um frade, ao passar, recolheu e jogou imediatamente as moedas no parapeito da janela. Francisco repreendeu asperamente o frade, obrigando-o a pegá-las e mantê-las na boca até ir depositá-las no esterco de um asno.

Costumava dizer que o dinheiro é pó a ser calcado aos pés, a ser tratado como excremento e do qual se devia fugir como do diabo em pessoa. Certa vez estava em Bari com um companheiro; caminhavam por uma estrada quando viram uma bolsa cheia de dinheiro no chão; o companheiro prontamente pensou em apanhá-la e doar o conteúdo aos pobres. Francisco se recusou dizendo que era uma astúcia do demônio. Sem se convencer, algum tempo depois o frade voltou, abriu a bolsa e lá, em vez de dinheiro, encontrou uma serpente. Não podemos garantir a veracidade do episódio, que Tomás de Celano narra apenas na segunda biografia (*Segunda vida*), escrita cerca de vinte anos depois da morte do santo. O modelo é bíblico: no Gênesis, o demônio assume a forma da serpente tentadora. Em todo caso, para entender a obsessão de Francisco com o dinheiro, parece interessante essa correlação evidente com a maldição divina no momento da queda de Adão e Eva. Por outro lado, admira à primeira vista que Francisco nunca ressalte a avareza de Judas. O desesperado que tirou a própria vida enforcando-se não é o *mercator pessimus*, como aparece em tantas representações do Inferno no final do século XII, que vendeu seu Mestre em troca de trinta moedas. Francisco adverte no 22o capítulo da *Regra não bulada*: “Todos meus irmãos, ouçamos o que diz o Senhor: ‘Amai vossos inimigos e fazei o bem aos que vos odeiam’. De fato, nosso Senhor Jesus Cristo, cujos passos decidimos seguir, chamou seu traidor de amigo e se ofereceu espontaneamente a seus crucificadores”: Judas é o vassalo que trai e engana seu Senhor, que tripudia sobre as duas maiores virtudes, a lealdade e a fidelidade.

Se às vezes Francisco se deixava tomar pela ira, a nota dominante em sua comunidade não era o rigor, as punições, as duras penitências (estas expressamente proibidas); pelo contrário, era a alegria. Francisco sabia, pelo Evangelho de Mateus, que Cristo havia dito: “Quando jejuardes, não tomeis um ar sombrio como fazem os hipócritas, pois eles desfiguram seu rosto para que seu jejum seja percebido pelos homens. Em verdade vos digo: já receberam sua recompensa” (6, 16-7). É um comando que procuraríamos em vão nas regras monásticas, mas que para Francisco torna-se um preceito normativo de vida, introduzido desde a *Regra não bulada*, que diz, no sétimo capítulo: “Que os irmãos evitem se mostrar exteriormente tristes e hipocritamente melancólicos, mas que se mostrem alegres no Senhor, risonhos e convenientemente agradáveis”.

Voltemos ao preceito de não se mostrarem hipocritamente tristes (suprimido na *Regra bulada*): para Francisco, era da maior importância o pleno acordo entre o interior e o

exterior do homem, pois assim os demônios se tornam impotentes, pensando então, conforme ele chega a imaginar: “Visto que este servo de Deus se mantém alegre na tribulação como na prosperidade, não encontramos uma brecha para entrar nele e lhe causar dano”. O trecho (“A alegria espiritual”), extraído da *Legenda perusina*, permite-nos ouvir a voz de Francisco em outras duas ocasiões, ao repreender um companheiro triste e, inversamente, ao se declarar reconfortado por um olhar risonho. Disse ao companheiro:

Por que mostras assim a tristeza e a dor de teus pecados? Mantém-nas entre ti e Deus e roga a Ele que, em Sua misericórdia, te dê a alegria da salvação. Mas em minha presença e na dos outros, procura te manter sempre alegre. Não convém que o servo de Deus se mostre tristemente apático e com expressão infeliz a seu irmão ou a outra pessoa.

Quanto a si, admitia com franqueza: “Mesmo num momento de tentação ou de abatimento, sei que me basta ver a alegria de meu companheiro para me recuperar da crise e reconquistar a alegria interior e exterior”.

É assim que Francisco amava a pobreza, nunca separada da alegria. Sua pobreza, aliás, é uma pobreza voluntária, libertadora, que torna o homem espiritualmente imune à sede de domínio e posse, à violência, aos desejos que se impõem como necessidades, às obrigações da vida cotidiana. A pobreza voluntária é liberdade física — obriga a andar constantemente —, mas é sobretudo liberdade mental: permite ouvir realmente as palavras do Evangelho, permite amar sem reservas.

Enquanto os monges pranteiam seus pecados encerrados nos mosteiros de onde não podem sair, sustentados pelas riquezas da comunidade, enquanto os padres e os canônicos sempre têm interesses comuns a defender, Francisco e seus companheiros vivem, como os outros pobres, no espaço aberto do mundo, unidos pela afeição fraterna de uma família harmoniosa. Muitas e muitas vezes Francisco pensa em si como mulher, em especial como mãe, numa maneira de expressar a ternura e o amor de Cristo, mas também a humildade e a submissão femininas, transpostas e aplicadas ao parâmetro concreto das relações domésticas.

Thomas de Eccleston narra em seu *Tratado* a primeira chegada dos frades na Inglaterra, em 1224: em Canterbury, tinham encontrado alojamento num pequeno quarto sob o edifício de uma escola de padres. Chegada a noite, quando os estudantes voltavam para casa, os frades entravam na escola deserta; acendiam o fogo e se sentavam ao redor. Conversavam e meditavam, bebendo com serena simplicidade as borras de cerveja diluídas com água quente. Em Salisbury, porém, “tomavam aquela bebida ao redor do fogo, na hora das conversas, com tanta alegria e jovialidade que cada qual se divertia em arrancar a taça do vizinho para beber”. Assim como as crianças e jovens que, tão logo se encontram, põem-se a rir — talvez seja essa a principal diferença em relação aos adultos —, os frades, principalmente os jovens, também desandavam a rir logo que se viam. Como realmente riam demais, mesmo à mesa, decidiu-se por um remédio extremo: para cada risada receberiam um castigo físico. Apesar disso, um pobre frade foi chicoteado onze vezes num dia, sem

conseguir parar de rir. Só parou quando ficou realmente assustado com um terrível sonho que lhe contou o padre guardião.

Thomas de Eccleston lembra também que, naqueles tempos, não havia restrições sobre a qualidade dos alimentos e das bebidas; por exemplo, frei Peter de Tewkesbury, ministro da Ordem na Alemanha, deu como penitência a um frade melancólico a ordem de tomar uma bela taça de excelente vinho e depois lhe disse: “Caríssimo irmão, se fizesses essa penitência mais vezes, terias também uma consciência melhor!”. Aceitar tudo o que é oferecido em espírito de caridade é uma prescrição que Francisco lera no Evangelho de Lucas (10, 8); contudo, um traço original seu foi incluir esse preceito na *Regra (não bulada, e conservada na posterior)*, por ser o inverso de qualquer diretriz monacal, que regulamentava rigidamente a qualidade e a quantidade dos alimentos, sendo aliás um dos fundamentos da ascese e da penitência: “Que seja lícito aos frades comer, segundo o Evangelho, de todos os alimentos que lhes são apresentados”. Foi uma norma tão inovadora que, quando Francisco, movido pelo seu zelo missionário, deixou Assis para ir ao Oriente, provocou uma série de rebeliões na comunidade. Voltaremos a falar disso mais adiante.

Se, durante toda a sua vida, Francisco mortificou o corpo frágil e doente com penitências que depois ele mesmo julgou excessivas, por se considerar exemplo vivo para a comunidade e para todos (amiúde se referia ao corpo como “frei asno”, a ser maltratado sem muita consideração), por outro lado sempre foi muito compreensivo e indulgente em relação aos companheiros e ao próximo. Certa noite, quando um jovem frade recém-integrado ao grupo começou a gritar que estava morrendo de fome — nos dias anteriores, tinha jejuado com excessivo rigor —, Francisco, acendendo o lampião e acordando os irmãos, mandou preparar imediatamente a mesa. Todos se puseram a comer em plena noite, porque o santo não queria que o jovem se sentisse humilhado por comer sozinho. À refeição seguiu-se uma pequena pregação; era preciso levar em conta as exigências e a constituição do próprio corpo: “Assim como devemos evitar o excesso de comida, que faz mal ao corpo e à alma, da mesma forma, *e ainda mais*, devemos evitar a abstinência excessiva, pois o Senhor prefere a misericórdia ao sacrifício” (novamente uma [referência à] citação de Mateus 12, 7).

Com uma risonha e afetuosa compreensão da psicologia humana, ele consegue converter ladrões que, às vezes, “impelidos por grande necessidade”, vinham pedir um pouco de pão. Para ele basta essa percepção: não eram bandidos odiosos, e sim pobres coitados. Estamos no eremitério de Borgo San Sepolcro, cercado por bosques muito densos. Antes de mais nada, Francisco orienta que os frades levem comida até a mata onde se escondia o bando e chamem: “Irmãos ladrões, vinde! Somos frades, e trazemos bom pão e bom vinho!”; depois, além do pão e do vinho, que providenciem numa série de refeições posteriores o acréscimo de ovos e queijo; somente depois de terminada a refeição é que os frades deveriam

dizer palavras edificantes. Disso resultou que os bandoleiros, devido à amizade e afabilidade que receberam, começaram a prestar serviços, transportando lenha até o eremitério; alguns até se tornaram frades, outros prometeram viver dali por diante com o trabalho das próprias mãos.

Algumas vezes, Francisco, naquelas francas contradições que o tornam simpático, também decidia pedir algo para si; por exemplo, em Rieti, quando teve um problema nos olhos, mandou chamar um frade que fora tocador de cítara e pediu-lhe que, em segredo, conseguisse o instrumento emprestado. Era preciso, disse a ele, “dar ao irmão corpo, que está cheio de dores, um pouco de conforto com algum belo verso”. Mas o companheiro não quis atendê-lo: “Pai, tenho muita vergonha, tenho medo que as pessoas pensem que fui tentado por alguma leviandade”. E o doente, para não ser motivo de escândalo, preferiu ficar quieto e não insistiu mais. Contudo, à noite ouviu-se a maravilhosa toada de uma cítara, soando ora perto, ora distante, a qual trouxe grande alívio e muita alegria ao enfermo. No dia seguinte, Francisco voltou a chamar aquele frade, contou o ocorrido e concluiu com uma ponta de satisfação, pouco santa, mas muito humana: “O Senhor que consola os aflitos não me deixou sem conforto. E eis que, se não me foi possível ouvir as cítaras dos homens, ouvi uma mais suave”. O frade hesitante era provavelmente frei Pacífico; antes de se converter, era chamado de “o rei dos versos” por ser “o mais renomado dos cantores profanos e ele próprio autor de canções mundanas. Em suma, a glória do mundo lhe dera tal fama que fora coroado pelo imperador [Frederico II] da mais suntuosa maneira”: assim o recorda Tomás de Celano na segunda biografia dedicada ao santo. A pregação de Francisco atingira Pacífico como um raio; este deve ter se sentido atraído e surpreso ao encontrar naquele homem a mesma paixão pelo canto, pela música, pelas leituras laicas. Não por acaso é a reminiscência de um romance que se insinua num contexto religioso e dá uma forma visionária à admiração de Pacífico por aquele que “o levara à paz de Deus”. De fato, o frade, enquanto esperava Francisco a orar diante do crucifixo numa igreja deserta — era a igreja de San Pietro em Bovara, e estava deserta porque a vizinha Trevi fora arrasada em 1213 —, viu “entre muitos assentos no céu um mais belo do que os outros, ornado de pedras preciosas e todo radiante”; por inspiração divina, soube que “esse trono pertencera a um anjo caído e agora estava reservado ao humilde Francisco”. Os tronos da corte celeste, vacantes com a queda de Lúcifer (Is 14, 12) e dos anjos rebeldes, se sobrepõem à *etimasia* (o trono vazio à espera da vinda do Juiz divino do Salmo 9, 8-9, tema que Pacífico pode ter admirado, por exemplo, no mosaico de Santa Maria Maggiore em Roma) e à lembrança do “trono perigoso”, no qual ninguém pode se sentar porque está reservado a Galaaz, “o perfeito”, no romance *A demanda do Santo Graal*.

Entre aquela visão e a doença de Francisco passara-se um bom tempo; a devoção devia ter diminuído muito, pois Pacífico se importava mais com a opinião das pessoas do que com o desejo de Francisco enfermo. Nos últimos anos de vida, quando suas condições de saúde

foram se agravando, de vez em quando Francisco se atrevia a pedir alguma pequena guloseima: camarões que comia com muito gosto, um lúcio, ervas aromáticas. Às vezes a Providência intervinha, mandando visitas inesperadas com cestos e pratos cheios; às vezes, porém, era preciso que ocorresse um milagre totalmente desproporcional à modéstia do pedido para que este fosse atendido; por exemplo, que aparecesse um maço de salsinha diante de um frade que não estava com a menor vontade de ir buscá-lo. Francisco agora precisa de assistência contínua; para os frades, a tarefa de enfermeiros é um fardo: a alegre atmosfera de afeto fraterno dos primeiros tempos está toldada; na cama jaz não o venerável e incontestado fundador da irmandade, mas um homem esgotado e santo cuja morte é aguardada com impaciência, para que aquele corpo martirizado logo seja apenas uma valiosíssima relíquia milagrosa. Mas, nesta altura da narrativa, tal evento ainda está distante; Francisco ainda vive feliz o avanço da amizade com Bernardo, seu primeiro companheiro.

3 E eu trabalhava com as minhas mãos, e quero trabalhar. (N. T.)

4 Trad. Durval de Moraes, em *São Francisco de Assis: Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Ed. Vozes, 7ª edição, 1996.

4. Os companheiros, as primeiras regras, Clara

Tal como o fariseu Nicodemos veio à noite conversar tranquilamente com Cristo e receber seu ensinamento em particular, tornando-se depois um grande entusiasta (Jo 3, 1-21), da mesma forma “um santo homem” de Assis, chamado Bernardo, certa noite acolheu Francisco em sua casa, como se fosse seu Mestre; passaram grande parte da noite entregues a sérias e profundas reflexões. Bernardo, que era riquíssimo, atraído pelo exemplo de Francisco, de fato decidira partilhar firmemente seus ideais, acompanhando-o no hábito e na vida. De manhã, dirigiram-se a San Nicola, onde cumpriram o rito das *sortes apostolorum*; nesse ínterim, unira-se a eles um outro homem, de nome Pietro. O livro dos Evangelhos abriu-se três vezes nas passagens de Mateus e Lucas, que prescreviam exatamente aquilo que os consulentes desejavam: vender tudo, distribuir o arrecadado entre os pobres e renegar a si mesmos, dispondo-se a entregar a própria vida para seguir Cristo.

Com grande alegria descobrem-se irmãos: “a partir daquele momento, viveram juntos segundo a forma do santo Evangelho, que Deus mesmo lhes mostrara”. Pouco depois, somou-se à família o sacerdote Silvestre: adesão importante, pois este era um membro oficial da Igreja a preferir uma companhia de laicos e, dada sua posição na hierarquia eclesiástica, seria o respeitável fiador da santidade de Francisco. O futuro santo comprara dele pedras para a reforma de San Damiano. Silvestre, naquela época ainda avaro, ao ver Bernardo dissipar tantas riquezas — assim lhe parecia aquela chuva de moedas distribuídas aos pobres —, foi tomado por um ímpeto de raiva e cobiça. Pediu um valor maior pela venda das pedras. Então Francisco enfiou a mão no manto do amigo e deu ao avaro vários punhados de dinheiro. Aquele gesto desconcertou o padre, que passou dias pensando no episódio: “Não me envergonho? Aqui estou eu, velho e ainda buscando e desejando as coisas deste mundo sem nunca me sentir satisfeito; este, porém, que é jovem, pisa-as e despreza-as por amor a Deus!”. Um sonho o faz decidir.

Viu uma cruz imensa cujo topo tocava o céu e cuja base se apoiava na boca de Francisco; os braços se estendiam de um lado ao outro do mundo. Acordando, o sacerdote entendeu e acreditou firmemente que Francisco era amigo verdadeiro e servo de Cristo, e que seu movimento religioso se estenderia prodigiosamente por todo o mundo.

De início, Silvestre começou a levar vida de penitente em sua própria casa, depois desceu para a planície, até a cabana perto da Porziuncola onde ficavam Francisco e seus companheiros, e se uniu a eles pelo resto da vida.

O muro de desconfiança que cercava a pequena comunidade começava a ceder, mas não se desfizera completamente. Logo vieram se unir outros companheiros, conquistados pelo entusiasmo e pelo poder fascinante das palavras de Francisco. Eram homens fora do

comum, capazes de romper com o costume e com a segurança material e afetiva para participar de uma sociedade improvisada, sem prestígio nem tradição; pessoas de enorme tensão moral, grandes virtudes e engajamento religioso. Depois havia a multidão de ouvintes, ora indiferentes, ora desconcertados, para não dizer hostis, e às vezes persuadidos e conquistados. Havia quem considerasse loucos e maníacos aqueles homens sempre prontos a exortar e amar a Deus, a pregar e praticar a paz; havia, porém, quem os admirasse como homens de vida evangélica. Um ouvinte chegou a dizer: “Estes ou são de uma perfeição máxima por estarem unidos a Deus de maneira tão absoluta, ou são loucos, porque realmente parecem levar uma vida de desesperados; não comem quase nada, andam descalços, vestem-se como miseráveis”. As moças, só de vê-los ao longe, fugiam assustadas; pareciam homens do mato, selvagens. Alguns os consideravam charlatães, possíveis ladrões, e, portanto, recusavam-se a hospedá-los em casa; Francisco e os companheiros frequentemente tinham de se abrigar sob um pórtico ou um forno de pão. Alguns os recebiam a punhados de lama, outros caçoavam deles obrigando-os a segurar dados ou, agarrando-os pelo capuz, arrastavam-nos como se fossem sacos às costas. Nos casos em que os laços familiares haviam se rompido e a separação ainda era dolorosa, as reações eram ainda mais exacerbadas e a hostilidade mais declarada.

Fiéis às palavras do Evangelho, porém, Francisco e seus companheiros não reagiam às perseguições, mostrando-se pacíficos; aquele modo de vida austero e ao mesmo tempo alegre desorientava, perturbava e por fim atraía as pessoas. Interrogados, declaravam-se simplesmente homens penitentes de Assis. O apelo de Francisco é cativante, convida à paz, ao amor ao próximo. Frequentemente os companheiros lhe fazem eco, aprovando e ressaltando que são ótimos conselhos. Algumas vezes Francisco ainda canta em francês os louvores ao Senhor, em voz alta e clara, para criar e infundir coragem: trata-se de um período de aprendizagem e ensaios; ele experimenta muitas *Regras* (nenhuma delas chegou até nós), diversos modos de vida que põe em prática com os companheiros antes de torná-los princípios normativos, exaltando ardorosamente a pobreza.

No tímpano da porta principal da igreja Santa Madalena de Vézelay (1120-32), há a representação de um Cristo gigantesco que, por meio de feixes de fogo (a descida do Espírito Santo), confere aos apóstolos a faculdade de pregar e converter. Na claraboia e na arquitrave dispõem-se os povos da terra, inclusive aqueles que uma geografia fantástica configura como raças monstruosas, inacessíveis devido ao círculo intransponível do oceano. O escultor resolveu numa cartada o problema da salvação impossível (o mesmo problema que, depois da descoberta da América, atormentará tantos teólogos: como as populações que jamais receberam um discípulo de Cristo poderiam evitar a condenação eterna?). Em Vézelay, a mensagem é reconfortante: toda terra habitada virá, com o tempo, a encontrar o Redentor, encontro que se torna historicamente possível graças ao sacrifício e à difusão de Sua palavra pelos discípulos. Cristo tem o mesmo significado nos grandes mapas medievais, em que é

representado abraçando o disco da terra, e do corpo divino emergem apenas o rosto, as mãos e os pés.

Francisco não conhecia Vézelay e nada sabia sobre os mapas figurados; mas ficaria contente, cremos nós, se pudesse conhecê-los e ver seu projeto ali representado: retomar com os companheiros a missão apostólica que parecia interrompida. Tomás de Celano aponta com pesar o contraste entre aquela primeira irmandade de homens totalmente empenhados e fervorosamente entusiásticos, dispostos a qualquer sacrifício, e a multidão de frades de sua época, esquecidos daquele heroico passado. Justamente para louvar toda a pequena comunidade em seu conjunto, e não apenas Francisco, Celano a apresenta como digna testemunha de uma visão sobrenatural, durante a ausência dele. Uma carruagem de fogo, na qual se apoia um globo brilhante como o sol, entra à noite na cabana onde os frades dormiam e pregavam. O grande clarão de luz não só ilumina os objetos materiais, mas os pensamentos de cada frade se tornam transparentes aos demais: é uma espécie de Pentecostes doméstico.

Às vezes, porém, os irmãos sentem medo perante a grandiosidade do projeto que os exorta a enfrentar tormentos, injúrias e adversidades, a estar sempre prontos a viajar por regiões e entre pessoas desconhecidas. Mesmo sendo seguidores sinceros, não conseguem acompanhar aquela imaginação que se move com intrepidez, sempre um pouco além do horizonte comum. Cristo propunha que sua palavra fosse levada a todos os lugares, para salvar toda a humanidade, sem a exclusão de ninguém, por meio dos apóstolos e de seus sucessores, e é assim que Francisco se sente. Quando Silvestre vê a imensa cruz que, da base onde está o santo, alarga-se até chegar aos confins do mundo, ele traduz em linguagem onírica o núcleo mais profundo da pregação de Francisco.

O plano das primeiras missões, com os frades enviados aos pares como os apóstolos, também conheceu insucessos e momentos de desânimo que nossas fontes tentam disfarçar, mas não conseguem ocultar totalmente. Os objetivos, de fato, mostram-se demasiado assimétricos; seria possível que Francisco, o líder reconhecido, tivesse realmente escolhido para si e seu companheiro — numa aparente demonstração de falta de bravura — a tão próxima Rieti, e enviasse Egídio e Bernardo para o distante santuário de Santiago de Compostela, na Galícia, perto do oceano Atlântico? Mas é possível supor também que Francisco escolhera para si uma árdua meta, tentando alcançar, sem êxito, as terras do além-mar, com o propósito de evangelizar os infiéis e disposição para enfrentar o martírio (meta que, no futuro, seria perseguida muitas vezes). E então não seria mais verossímil que Rieti, como antes Spoleto, assinalasse uma pausa e uma reelaboração daquele plano ambicioso? A missão evangélica, que não pode ser narrada como uma derrota, ademais sofrida pelo líder, chega ao fim com uma intervenção sobrenatural. Francisco, com efeito — diz-se —, “pouco

tempo depois” da partida, sente um desejo irremediável de rever os companheiros, volta a Porziuncola e os reencontra milagrosamente reunidos. A nós, parece não tanto um milagre, e sim um retorno precipitado de uma viagem que não fora preparada adequadamente. Da mesma forma, o discurso profético que Francisco dirige aos companheiros para animá-los é estranhamente contraditório:

De início encontraremos frutos doces e deliciosos; depois teremos outros menos saborosos; por fim colheremos alguns tão amargos que não conseguiremos comê-los, pois serão ásperos e intragáveis para todos, embora extremamente belos e perfumados. Efetivamente, como vos disse, o Senhor nos fará crescer até nos tornarmos um povo muito numeroso; depois acontecerá como o pescador que, lançando as redes no mar ou em algum lago, apanha grandes quantidades de peixes, mas, após amontoá-los em seu barquinho, sendo eles em excesso, escolhe os maiores e os melhores para botar nos baldes e levar, abandonando os outros.

É como se Francisco estivesse perdendo o ânimo, começando a vislumbrar os perigos do sucesso: muitos se tornariam Menores não por uma afinidade íntima com seu projeto, mas atraídos superficialmente pela fama luminosa de um santo renomado, querendo gozar de seus reflexos; o aumento do número de frades afrouxaria a rigidez espiritual dos primeiros tempos, traria oposições, divisões, perdas. Sabemos que a profecia de Francisco, de fato, corresponde à avaliação de Tomás de Celano, que reflete sobre a situação poucos anos antes da morte do fundador.

Mas, a despeito dos erros e das tentativas nem sempre bem sucedidas, a pequena comunidade vive uma intensa fase feliz: os irmãos, que se revelam homens excepcionais, cada qual à sua maneira, estão ligados por grande afeto e espírito de caridade, sobretudo devido ao entusiasmo com a nova vida e pela fé em Deus e em Francisco.

Talvez esta página, extraída do *Sacrum commercium sancti Francisci cum Domina Paupertate* (“O sagrado pacto com a Senhora Pobreza”, texto anônimo de data controvertida), seja a que melhor expõe aquele clima: uma vida simples e serena, sem penitências excessivas, pelo contrário, com benévola atenção às exigências incontornáveis do “irmão corpo”, e uma indigência acolhida com alegria porque voluntária e portadora de uma liberdade mental ilimitada, que dilata sonhos e aspirações e minimiza todos os obstáculos ao ardente desejo de seguir Cristo. Francisco e os companheiros, após uma longa caminhada, chegam com a Senhora Pobreza ao local onde costumam ficar; é quase meio-dia e imediatamente começam a preparar algo para comer. Quando tudo está pronto, pedem insistentemente a ela que partilhe a refeição com eles. Antes, porém, a bela dama, que conhece apenas a vida rica e formal dos monges, quer visitar os ambientes onde eles passam o dia, rigidamente marcado pelas horas litúrgicas. Assim, ao convite de comer com os frades, a Senhora Pobreza responde:

— Mostrai-me antes o oratório onde rezais, a sala onde se reúne o Capítulo, o claustro, o refeitório, a cozinha, o dormitório, e a cocheira, os belos bancos, as mesas luzidias, as casas imensas. Não vejo nada disso; vejo, porém, que mesmo assim estais joviais e contentes; transbordais de alegria, e estais repletos de consolação como se esperásseis que

a um vosso aceno tudo vos fosse trazido.

E eles lhe disseram em resposta:

— Nossa senhora e rainha, nós, teus servos, estamos cansados e fatigados pela longa viagem, e tu também, vindo conosco, não pouco te cansaste. Por isso vamos antes comer, se assim o quiseres, e depois, restauradas nossas forças, a um aceno teu faremos tudo o que mandares.

— Está bem, façamos assim — disse ela —, mas então trazei água para lavar minhas mãos e panos para enxugá-las.

Imediatamente trouxeram uma vasilha de barro cheia d'água, rachada ao meio, pois que não havia uma inteira; enquanto vertiam água em suas mãos, olhavam para cá e para lá, procurando um pano; não encontrando, um dos frades ofereceu a túnica que usava para que a Senhora Pobreza se limpasse e se enxugasse com ela. A dama a tomou agradecendo, enquanto louvava a Deus em seu coração por tê-la colocado na companhia de tais homens. Depois conduziram-na até onde estava posta a refeição. Chegando ali, ela começou a olhar em volta e, não vendo mais do que três ou quatro pedaços de pão de cevada e farelo postos no chão em cima da relva, cheia de imensa admiração dizia a si mesma: “Quem jamais viu algo assim nas gerações passadas? Abençoado sois Senhor Deus que a tudo provedes; a Vós tudo é possível quando quereis, pois ensinastes Vosso povo a Vos amar desta bela maneira”. E assim sentaram-se juntos, rendendo graças a Deus por todas as suas dádivas.

Depois a Senhora Pobreza deu ordens de trazerem alimentos cozidos servidos em tigelas. E então trouxeram apenas uma tigela cheia de água fria, para que todos embebessem o pão: não havia abundância de utensílios nem variedade de alimentos cozidos. Pediu ervas cruas pelo menos um pouco aromáticas, mas os frades, não tendo hortelão nem entendendo nada de hortas, foram até o bosque, colheram ervas silvestres e colocaram diante dela.

— Dai-me ao menos um pouco de sal para salgá-las, pois são amargas!

— Senhora — responderam —, espera! Iremos até a cidade e te traremos, se alguém nos oferecer.

— Trazei-me uma faca para limpar e cortar o pão, que está muito duro e seco.

Dizem-lhe:

— Senhora, não temos ferreiro que nos faça lâminas; assim, em lugar da faca, usa teus dentes e depois tentaremos providenciar.

— E um pouco de vinho, tendes?

Respondem a ela:

— Senhora nossa, não temos vinho porque indispensáveis para a vida do homem são o pão e a água, e não é bom que tomes vinho, pois a esposa de Cristo deve fugir do vinho como se fosse veneno.

E quando se saciaram da glória de tanta penúria mais do que se tivessem tido abundância de todas as coisas, louvaram o Senhor em cuja presença haviam encontrado tanta graça. Depois conduziram a Senhora Pobreza a um local onde pudesse descansar, porque estava muito cansada. E assim, nua, se lançou na terra nua. Pediu também um travesseiro para colocar sob a cabeça; imediatamente providenciaram uma pedra e a puseram sob sua cabeça. E ela, após um sono absolutamente plácido, que não ficara pesado por causa do vinho, levantou-se com agilidade e pediu que lhe mostrassem finalmente o claustro [é o termo que evoca imediatamente a separação que os monges cultivam em relação ao resto do mundo]: levaram-na ao alto de uma colina e lhe mostraram toda a terra ao redor, até onde alcançava a vista, dizendo:

— Este, Senhora, é o nosso claustro!

Por volta de 1209 ou 1210, tendo aumentado de número e atingido a inevitável cifra de doze, querendo perseverar como os apóstolos na tarefa assumida, pregar e evangelizar, Francisco e os companheiros sentiram a necessidade de um reconhecimento formal e respeitável; queriam ir longe, e a benevolência do bispo Guido não podia acompanhá-los além de Assis. Por isso se dirigiram a Roma. Francisco havia formulado com os companheiros uma norma de vida que consistia na simples reunião de alguns versículos do

Evangelho; como lembra ele no *Testamento*: “O próprio Altíssimo revelou-me que devo viver segundo a forma do Santo Evangelho. E eu mandei escrever em poucas e simples palavras, e o senhor papa o confirmou”.

Foi uma expedição preparada com cuidado. Chegando à cidade, encontraram o bispo que, nesse meio-tempo, havia combinado um encontro com o influente cardeal Giovanni Colonna, antigo beneditino de San Paolo em Roma, o qual, por sua vez, após tentar inutilmente convencer Francisco a escolher uma forma de vida monástica ou ermitã, conquistado por seu zelo e por sua firmeza de propósitos, prontificou-se a apresentá-lo e a seu grupo de companheiros ao papa. O encontro com Inocêncio III não foi fácil; deu-se em várias etapas, às vezes até tumultuadas, embora as fontes oficiais tenham tentado abrandar o tom, ocultando os contrastes sob uma vasta multiplicação de visões propiciatórias. Para alguns cardeais e para o pontífice, a proposta de Francisco parecia estranha, difícil de ser posta em prática, superior às forças humanas. Mas Giovanni de San Paolo interveio com habilidade:

Se rejeitarmos o pedido deste pobre, dizendo que é demasiado difícil e extravagante, quando na verdade ele pede apenas que lhe seja aprovada a forma de vida prescrita pelo Evangelho, tomemos cuidado em não injuriar o próprio Evangelho. Se, de fato, alguém dissesse que há algo de estranho ou irracional ou impraticável na observância da perfeição evangélica e na intenção em praticá-la, iria se tornar imediatamente culpado de blasfêmia contra Cristo, autor do Evangelho.

Essas hesitações são relatadas na oficialíssima *Legenda maior*, diplomática ao extremo, de são Boaventura, ministro geral da Ordem de 1258 a 1274, escrita cerca de quarenta anos depois da morte de Francisco: é um testemunho importante porque nos mostra que, mesmo passado tanto tempo, era impossível apagar aquelas lembranças. Mais: logo depois desse relato, frei Girolamo d’Ascoli, sucessor de Boaventura no generalato (1274-9), parente de Inocêncio III e futuro pontífice com o nome de Nicolau IV, acrescentou à *Legenda maior* a glosa: “O vicário de Cristo, que se encontrava no palácio lateranense e estava a caminho do local chamado *speculum* [espelho], imerso em profundos pensamentos, expulsou com desdém, como um importuno, o servo de Cristo”. Francisco humildemente obedeceu e se afastou, mas foi chamado de volta no dia seguinte pelos servos do papa, que o encontraram “*in hospitali S. Antonii*” (vizinho da igreja Santi Marcellino e Pietro, perto da basílica de San Giovanni in Laterano), onde se alojara junto com seus companheiros. Um sonho fizera o pontífice mudar de ideia: vira crescer aos pés de sua cama uma palma que adquiria grande altura e beleza, e por inspiração divina identificou-a com aquele pobre (o pontífice provavelmente lembrou também o versículo do salmo, “o justo florescerá como a palma”). Francisco, por sua vez, não devia estar totalmente desencorajado, porque antes de chegar a Roma sonhara com uma árvore majestosa, robusta e de grande altura; de repente vira a si mesmo crescendo até alcançar o topo, e com uma mão só conseguira dobrá-la até o chão. E

Tomás de Celano observa com satisfação: “O papa Inocêncio, que é como a árvore mais alta e poderosa do mundo, assim se curvou benevolente à pregação do beato Francisco”.

A glosa de Girolamo d’Ascoli nos permite dar mais crédito à versão polêmica e detalhada do beneditino Roger de Wendover, que era monge de Saint Albans, na Inglaterra, e historiador daquela abadia; suas *Chronica maiora* tiveram prosseguimento com o confrade Matthew Paris, que também incluiu belíssimos desenhos de sua lavra, pouco depois da morte de Roger, em 1236, até 1259, data da morte do próprio Matthew. Segundo a versão final de Roger,

o papa, observando atentamente no frade supracitado o estranho hábito, o rosto desagradável, a barba inculta, os cabelos desgrenhados, as negras sobrancelhas bastas e arrepiadas, enquanto mandava ler a solicitação tão árdua e impraticável do frade, desprezou-o e disse-lhe:

— Vai, irmão, e procura os porcos com os quais, mais do que com os homens, deves conviver; rola com eles na lama, entrega a eles a *Regra* e teu comentário, e coloca em prática o exercício da pregação.

Francisco, ao ouvir essas palavras, abaixou a cabeça, saiu e, depois de ter finalmente encontrado os porcos, tanto rolou com eles na lama que se emporcalhou de cima a baixo. Depois, voltando ao consistório, apresentou-se diante do papa dizendo:

— Senhor, fiz como ordenastes. Rogo-vos agora que atendais a meu pedido.

O papa, cheio de admiração ao ver aquele fato, sentiu muito por ter desprezado aquele homem; mudou de opinião, ordenou que fosse se lavar e retornasse à sua presença. Francisco, limpando a lama, apressou-se em voltar. Comovido, o papa acolheu o pedido, e com o privilégio da Igreja romana confirmou a Francisco o direito de pregar; acolheu também o pedido de fundar uma Ordem e o liberou com sua bênção.

Francisco começou a pregar, mas sem conseguir comover o duro coração dos romanos. Voltaremos em breve a mencionar a continuação do relato de Roger.

Segundo Tomás de Celano, o papa não ficou plenamente convencido com a proposta do homem de Assis e deu uma resposta interlocutória. Confirmou apenas oralmente a *Regra*, prometendo que, se no futuro constatasse um verdadeiro progresso e uma sólida estabilidade da pequena comunidade, concederia “com mais segurança” uma aprovação total. Os *Três companheiros* e Tomás de Celano, na *Segunda vida*, mencionam antes do último encontro mais um dia de negociações, marcadas por um providencial sonho do pontífice e por uma vigorosa autodefesa de Francisco diante de Inocêncio III, apresentada sob a forma de parábola, que permite entrever a polêmica sem torná-la perigosamente explícita.

A parábola que Cristo havia evocado familiarmente a Francisco dizia assim: um rei amou uma mulher pobre e de grande formosura, que vivia no deserto, e com grande alegria teve muitos filhos com ela. Depois de crescidos e educados nobremente, a mãe os exortou a ir à corte do rei; mas eles temiam ser rejeitados. A mulher lhes deu ânimo: vinham do deserto, filhos de uma mulher desconhecida, mas o rei, seu pai, iria recebê-los bem e alimentá-los, pois reconheceria neles seus traços. E assim foi. O rei, perturbado e enternecido, reconhecendo-os como filhos, abraçou-os e disse: “Reconheço-vos e não tenhais medo. Se alimento em minha mesa até os estranhos, com maior razão quero alimentar os

que têm direito a toda a minha herança”. Depois pediu à mulher do deserto que mandasse os demais filhos à corte, para serem criados e alimentados. É assim que, no relato do biógrafo, Francisco vê a si mesmo e a seus filhos (os franciscanos) — a mulher, porém, permanece no deserto. Quando Francisco terminou a parábola, o pontífice teria se lembrado do sonho da noite anterior, no qual via a basílica de San Giovanni in Laterano prestes a desmoronar. Um religioso, pequeno e de aspecto insignificante, escorava-a com os ombros para não cair (existe um sonho análogo, tendo como protagonista são Domingos: com efeito, trata-se de um furto antes literário e depois iconográfico dos franciscanos às custas dos dominicanos). Mais uma vez trata-se de uma ruína iminente: quando o crucifixo de San Damiano falou, Francisco, ainda não totalmente convertido e desconhecendo a linguagem simbólica da Igreja, não havia compreendido a mensagem; o pontífice, porém, não precisa de nenhum esclarecimento. Além disso, se no primeiro relato podia-se duvidar da veracidade do milagre, pois se referia apenas a Francisco, protagonista sem testemunhas, o relato do sonho em Laterano não pode ser contestado, porque é garantido pelo chefe da Igreja, o qual confirma tanto a urgência de uma vigorosa restauração quanto a necessidade de ser Francisco a se dedicar a ela, e indiretamente confirma o episódio do crucifixo.

Segundo Roger de Wendover, finalmente obtida a permissão oficial de pregar, Francisco permaneceu alguns dias na cidade, mas sem sucesso. Então repreendeu os romanos pela dureza de coração com palavras muito ásperas, dizendo que, tendo decidido abandonar Roma à sua confusão, iria anunciar as palavras de Cristo aos animais selvagens e aos pássaros do céu. “Dirigiu-se à periferia da cidade e no chão viu corvos, abutres e pegas ocupados em escarafunchar entre as carcaças mortas, e no ar uma miríade de outros pássaros de todos os tipos.” Convidou-os a ouvir e foi prontamente obedecido: “Formou-se ao redor do santo um círculo de todos aqueles pássaros que, em absoluto silêncio, ouviram por meio dia as palavras do homem de Deus, sem sair de seus lugares e com os olhos fixos no rosto de Francisco”. O fato, observa ainda o cronista beneditino, não escapou aos romanos, tanto mais porque o espetáculo incomum se repetiu por três dias. Finalmente, “o clero e o povo acorreram em grande multidão e introduziram na cidade o homem de Deus com grande veneração”, e a partir desse momento “começou a se expandir a fama do santo por toda a Itália”. O monge de Saint Albans compôs esse relato fundindo duas passagens do Apocalipse — os pássaros instalados entre as ruínas da Babilônia (18, 1-2) e os pássaros enviados pelo Anjo para se banquetear com a carne dos cadáveres dos reis e dos poderosos (19, 17-20). Roma é a grande Babilônia onde os pássaros vieram se banquetear com a carne de seus habitantes mortos, outrora grandes e poderosos; porque estão simbolicamente mortos todos os romanos, os laicos e o clero, que não ouvem e não reconhecem em Francisco o grande santo. Roger projeta sobre a cidade, a seu ver a sede da Cúria papal corrompida, a sombra profética do fim próximo.

O relato de Tomás de Celano é diferente, pois não situa em data precisa o prodígio da

pregação aos pássaros. Francisco, chegando perto de Bevagna, viu reunidos muitos pássaros de todas as espécies: pombas, gralhas, alfaíates. Na literatura medieval, as várias categorias de pássaros frequentemente indicavam as diversas camadas sociais: por exemplo, as aves de rapina, instrumentos de caça para os senhores, amiúde simbolizam essa casta, ao passo que a pomba significa o humilde e empenhado pregador; a gaivota, os fiéis que não são atraídos pelas vaidades do mundo: de fato, é um pássaro que se contenta com pouco e, como adota e alimenta os filhotes rejeitados pela águia, é símbolo de caridade desinteressada. Num tratado do século XIV, *Les livres du Roy Modus et de la Royne Ratio* [Os livros do rei Modus e da rainha Ratio], a tradicional tripartição da sociedade entre sacerdotes, guerreiros e camponeses ou trabalhadores braçais é exemplificada com o recurso a determinadas espécies de pássaros; os trabalhadores, em particular, são representados pelas “pombas, gralhas, pássaros silvestres e aquáticos”. O texto é posterior ao de Tomás, mas não poderíamos supor, visto que os destinatários da pregação de Francisco eram *exatamente* as mesmas espécies de pássaros, que ele se utiliza de uma tradição já consolidada? Assim, a pregação de Francisco é dirigida aos ocupantes do grau inferior da pirâmide social, os trabalhadores braçais. Mas os pobres também são marginalizados como os agricultores, com os quais frequentemente se confundem, frágeis, submissos e indefesos; e eles também podem ser simbolicamente representados pelos pássaros. Francisco conhece o sofrimento e, num desejo irrealizável, gostaria que, pelo menos no Natal, *pobres e pássaros* tivessem o que comer.

Quando Francisco escreve: “Conjuro-vos no amor, naquele amor que é Deus, que todos os meus frades pregadores, oradores, trabalhadores, tanto clérigos quanto laicos, busquem humilhar-se em todas as coisas”, parece aplicar a conhecida fórmula da divisão da sociedade tripartida, transpondo-a para o interior da Ordem. Os guerreiros, que obviamente não comparecem, são substituídos pelos pregadores, empenhados na ação ativa de conquistar as multidões para o Senhor, ao passo que os oradores coincidem com os clérigos e os trabalhadores com os laicos. A novidade, porém, consiste no fato de que não há mais uma Igreja (pregadora) separada dos fiéis que a sustentam (trabalhadores): todos se fundem no mesmo grupo, anulando o modelo tradicional e consolidado.

A curta pregação de Francisco aos pássaros em Bevagna é um comentário ao ensinamento de Cristo para confiar na Providência (Lc 12, 22-34): “Meus irmãos pássaros, deveis louvar muito e sempre vosso criador, porque Ele vos deu penas para vestir, asas para voar e tudo o que é necessário. Deus vos fez nobres entre as criaturas e vos concedeu voar pelo ar límpido; não semeais e não ceifais, mas Ele vos socorre e vos provê, libertando-vos de toda preocupação”. Quando fala aos emplumados, Francisco tem mentalmente diante de si os trabalhadores, os pobres, mas também seus próprios frades, pois eles também são pobres e trabalhadores braçais e, como os pássaros, livres para ir a qualquer parte: mesmo no estado da mais completa precariedade e indigência, sem residência fixa, não precisam se preocupar com o amanhã e devem confiar na Providência que atende a todas as criaturas. É explícita a

comparação de Francisco entre o frade e a cotovia:

A irmã cotovia tem capuz como os frades e é um pássaro humilde que de bom grado vai em busca de algum grão; mesmo quando o encontra no esterco, tira-o e come; voando, louva ao Senhor como os bons religiosos que, desprezando as coisas terrenas, comportam-se como se estivessem sempre no céu. Além disso, as vestes da cotovia, isto é, suas penas, podem-se comparar à terra, oferecendo um exemplo aos religiosos que não devem usar roupas delicadas e coloridas, e sim de cor apagada, semelhante à terra.

Matthew Paris, conhecendo a *Primeira vida* de Tomás de Celano (que traz a enumeração das espécies convocadas e o apelo que lhes dirige o futuro santo, para que o ouçam), ilustrou o texto dos *Chronica* com um desenho e algumas legendas que considerou compatíveis com a versão de Tomás. Roger não havia reproduzido o conteúdo do sermão e seu continuador teve de supor que equivalia ao de Tomás de Celano. A legenda do desenho reza: “São Francisco, desprezado em Roma, espargue as sementes divinas de sua pregação entre o povo dos pássaros”. O santo, totalmente sozinho, aparece apoiado num longo cajado de eremita; um quadrinho na altura do rosto, como se fosse o balão de uma história em quadrinhos, diz: “Saúdo-vos, pássaros. Louvai vosso Criador que vos alimenta, veste-vos com uma plumagem conveniente, vós que não trabalhais, nem fiais, nem arais ou semeais, nem moeis o trigo nos celeiros”. No fundo do montículo onde as aves estão reunidas, uma terceira legenda explica: “Quando isso aconteceu, ele estava em viagem pelo vale de Spoleto, e não [eram] apenas pombas, gralhas e alfaiates, mas também abutres e aves de rapina”. Matthew desenhou, pousadas no chão, as categorias de pássaros nomeadas por Tomás, entre elas uma garça ou cegonha, a ouvir o santo; depois, desenhou no alto de uma árvore um falcão ou, em todo caso, uma ave de rapina, a espécie por sua vez descrita por Roger de Wendover.

Não creio que Matthew tenha feito apenas uma costura superficial das duas versões, de Roger e de Tomás, divergentes entre si.

Roger de Wendover lembra que, após os três dias de pregação de Francisco aos pássaros, o *clero* e o povo se arrependeram, chamando de volta o santo, o qual por fim conseguiu penetrar no coração daqueles homens “obstinados e endurecidos”. Tomás de Celano não especifica quando Francisco pregou aos pássaros (enquanto os frades estavam indo a Roma ou durante a volta para Assis?), limitando-se à simples afirmativa: “Enquanto, como se disse, somava-se um número cada vez maior de frades em torno de Francisco, ele percorria o vale de Spoleto”. De qualquer forma, é no vale de Spoleto que, voltando de Roma, Francisco e os seus param por longo tempo, em dúvida se continuam na vida de eremitas ou se se dedicam à pregação, o que é bastante contraditório, visto que foram ao papa precisamente para pedir autorização para pregar. Parece-me mais plausível supor que tenham parado durante a viagem de ida.

Na memória dos companheiros de Francisco, a escolha pela evangelização se ligava a

um acontecimento extraordinário, a pregação aos pássaros, a qual, justamente por ser considerada um milagre, foi o sinal de uma guinada; deu ao grupo a coragem e o otimismo necessários para ir até Roma, a fim de ampliar um projeto discutido entre um pequeno grupo sobre uma forma de vida válida para quem a quisesse abraçar. Em Roma, a acolhida a princípio não correspondeu às expectativas; uma segunda pregação aos pássaros assinalou um novo milagre, a aprovação oficial, a permissão para pregar, a afluência do povo. Talvez Roger de Wendover tenha adaptado a moldura dos acontecimentos à óptica polêmica com que sempre descreve o ambiente romano; em todo caso, a mensagem de Francisco em Roma, como mostra claramente o modo de apostrofar os pássaros, segundo Matthew Paris, deve ter sido uma mensagem de amor, ainda mais ampla do que a feita na viagem de ida, agora abrangendo a todos. Francisco, que pregava às criaturas irracionais e pensava não em exterminar, mas em converter os infiéis, quis falar também aos poderosos de coração empedernido do clero, cujo símbolo evidente são as aves de rapina, segundo *Les livres du Roy Modus et de la Royne Ratio*.

Gostaria agora de apontar um fato bastante estranho. Nas imagens, Francisco, que passou a vida pregando, nunca aparece diante de um público de homens e mulheres, mas apenas de pássaros (em inúmeras dessas pinturas, notamos claramente aves aquáticas, garças e cegonhas, e até aves de rapina, a demonstrarem uma clara compreensão da prédica). A ausência de uma audiência humana, substituída pela emplumada, pode ser entendida como uma autêntica censura: mostra o desígnio da Igreja em relação a um religioso muito peculiar, ainda demasiado similar a um laico. Aos laicos que, na época de Francisco, pedem para pregar, a Igreja nega categoricamente sua autorização, considerando que apenas o clero está à altura da difícil tarefa de explicar a profundidade das Sagradas Escrituras. Aliás, trata-se de um pedido muito perigoso de se fazer, facilmente caracterizado como franca manifestação de heresia.

A representação do rumoroso milagre mostra explicitamente o projeto de Francisco — difundir por toda parte a palavra do Evangelho, até às criaturas irracionais —, mas anula sua ousadia ao registrar não o contato cotidiano e efetivo do santo com outros homens, e sim o contato, possível apenas a ele, com uma multidão de pássaros. Boaventura, para colocar o santo a salvo de qualquer crítica, diz em sua *Legenda* que Inocêncio III, depois de aprovar verbalmente a *Regra*, determinou que os doze frades fizessem uma pequena tonsura, sinal que os indicava à primeira vista como pertencentes ao clero; assim, estavam autorizados a pregar livremente. No entanto, Francisco jamais se permitiu pregar sem receber antes a permissão do bispo ou dos sacerdotes das igrejas perto das quais fazia seus sermões; pediu aos frades que procedessem da mesma maneira, não só para não violar as virtudes da humildade e da paz, mas também porque considerava que poderiam agir com maior eficácia se não despertassem ciúmes. Dizia — é o *Espelho de perfeição* que recolhe essa lembrança:

Fomos convidados a ajudar o clero na salvação das almas. E se eles têm lacunas, cabe a nós completá-las. Sabei que cada qual receberá do Senhor a recompensa na medida de seu trabalho, não em relação ao grau. Irmãos meus, o que mais apraz a Deus é a conquista das almas e nós podemos lograr mais facilmente esse fim vivendo em paz com o clero, e não em discórdia [...]. Se agirdes como filhos da paz, conquistareis para Deus tanto o clero quanto o povo, e isso apraz mais ao Senhor do que conquistar o povo escandalizando o clero.

Erigiu-se uma crítica ainda mais profunda quanto às amizades femininas de Francisco (que nos são apresentadas em fugazes aparições), em especial a de Clara. Tomás de Celano, na primeira biografia do santo, havia contornado o tema com elegância, falando de Clara como que por associação de ideias a propósito de San Damiano e, adiante, apenas uma outra vez, em relação ao funeral do santo; Clara ainda estava viva na época em que ele escreveu a obra, e é mais fácil entender o constrangimento do autor, já tão acentuado que deslizava para a reticência. De sua parte, Boaventura se limita a uma referência rápida, ainda que Clara já estivesse canonizada havia uma década; seria de esperar, pelo contrário, um longo relato, pois a canonização recente (1255) engrandecia a glória da Ordem.

Em Francisco nada é previsível ou óbvio: tampouco sua relação com as mulheres ou com a ideia de mulher propagandeada pela Igreja para nutrir o imaginário coletivo. O sólido pilar naquele tempo era o relato no Gênesis sobre o pecado de Adão e Eva, aliás, principalmente de Eva, à qual os pais da Igreja debitavam a culpa maior; por exemplo, desde são Jerônimo em diante, após a evocação de Eva seguia-se uma inevitável lista das outras pérfidas inclinações femininas.

Francisco segue o Evangelho, que não dá tratamento diferenciado para homens e mulheres: a mensagem de Cristo é para toda a humanidade, sem distinção de sexo. E é o Evangelho que Francisco pretende difundir e fazer viver. Segundo o santo, Deus não criou um homem e uma mulher com méritos ou pecados distintos, mas apenas o homem; masculino e feminino foram apenas uma questão marginal. Ouçamos sua surpreendente exposição nas *Admoestações*:

Disse o Senhor a Adão: “Come o fruto de qualquer árvore do Paraíso, mas não comas da árvore da Ciência do bem e do mal”. Adão, portanto, podia comer de todas as árvores do Paraíso; pois, enquanto não transgrediu a obediência, não pecou. Adão comeu, de fato, da árvore da Ciência do bem quando se considerou dono de sua vontade e se gloriou dos bens que são de Deus e que o Senhor manifestava e realizava nele; e assim, por sugestão do demônio, e por ter transgredido o mandamento divino, a árvore se tornou para ele a da Ciência do mal. Disso decorre que sofra o castigo.

Eva não é citada. Para o santo, Adão resume, sem nenhuma misoginia, toda a humanidade. Francisco chama a árvore que o Gênesis diz ser do bem e do mal como árvore do Bem (*só do Bem*), quase como se Deus não quisesse ou pudesse criar uma árvore que fosse também do Mal: e esta também é uma interessante censura interpretativa. Segundo Francisco, foi o erigir-se em arbítrio da própria vontade que levou Adão a cair e perder-se com toda sua descendência: inversamente, foi o entregar-se à vontade do Pai no monte das Oliveiras que levou Cristo a reconquistar a salvação para o homem.

Parece-me, portanto, que temos uma aguda reflexão à página de Francisco na lembrança de Senhora Pobreza sobre sua estada no paraíso terrestre, tal como é narrada no já citado *Sagrado pacto com a Senhora Pobreza*. É justamente ela, Senhora Pobreza, que substitui Eva, nunca mencionada, elegendo-se como companheira de Adão.

Vivi uma época no Paraíso de meu Deus onde estava o homem nu, e no homem e com o homem nu eu passeava por todo aquele esplêndido Paraíso, sem temores nem incertezas, nem suspeita de qualquer desventura. Pensava em ficar com ele para sempre, porque o Altíssimo o criara justo, bom, sábio e o colocara num local muito agradável e bonito. Vivia repleta de alegria e me deleitava diante dele a todo instante, porque, não possuindo nada, ele era todo de Deus.

Adão cede ao conselho do demônio disfarçado de serpente, depois se apercebe do pecado enquanto a Pobreza se afasta, chorando, à espera da vinda de Deus, que logo chega acompanhado de uma imponente corte angelical. A Pobreza invoca clemência e Deus misericordioso está disposto a perdoar caso encontre o homem arrependido: é uma variante importante em relação ao texto do Gênesis, fundada na perspectiva evangélica da misericórdia. Mas Adão aumenta seu pecado não querendo assumir nenhuma responsabilidade e, pelo contrário, acusando a todos, inclusive sua descendência. Deus pronuncia, “mas sem se encolerizar [novamente um aceno à futura redenção de Cristo], a sentença de maldição e faz para eles vestes de pele”. Se não conhecêssemos a Bíblia, jamais poderíamos saber que esse “eles” se refere a Adão e também a Eva. Logo reaparece a Senhora Pobreza: “E eu, vendo meu companheiro coberto de peles de animais sem vida, afastei-me totalmente dele, porque agora ele se lançara a todos os esforços para enriquecer”. Segundo a Senhora Pobreza, nem mesmo quando Constantino autorizou a Igreja a pregar publicamente viram-se os frutos benéficos de sua ação. Pelo contrário, aconteceu exatamente o inverso, porque a Igreja, ao se transformar em estrutura articulada, tornou-se ao mesmo tempo uma potência ávida por riquezas. A perseguição da Senhora Pobreza termina apenas com seu Francisco.

De início, as mulheres reais, as mulheres de carne e osso, estavam distantes do horizonte do futuro santo, que pretendia livrar-se de tudo, decidido a viver na mais absoluta precariedade. Mesmo em relação aos frades, o projeto de Francisco não primava pela organização minuciosa da vida de seus seguidores. Ele não formulara um programa análogo para as mulheres não porque desprezasse o sexo tido pela Igreja como mais frágil, oportunidade de pecado para o homem, mas porque seria difícil transpor para o gênero feminino, mesmo com as devidas adaptações, a vida de perfeição que Francisco propunha para si e seus companheiros (e totalmente inimaginável fazê-las assumir a mesma condição de perpétua marginalidade e itinerância).

A pregação de Francisco fascinava homens e mulheres, portanto é compreensível que tocasse profundamente uma jovem de família nobre, Clara, então com dezoito anos de

idade, e também sua irmã Inês, a mãe Ortolana e outras parentes que logo viriam a partilhar o fervor e a determinação da moça, sua escolha em seguir ao máximo possível o exemplo de Francisco. Em 18 de março de 1212, Clara saiu às escondidas com uma amiga para ir a Porziuncola, onde Francisco e os frades a esperavam. Francisco lhe cortou os cabelos, permitindo-se administrar um ritual que sua singular condição religiosa não tornava totalmente ortodoxo. Com esse gesto sancionou-se também uma ligação muito especial. No início, justamente por não se basear em nenhum desígnio preciso, mas apenas em grande entusiasmo e sinceridade, Francisco conferiu, junto com os demais frades, um caráter muito informal à relação com as mulheres. Quando Tomás de Celano escrevia a primeira *Vida* do santo, a pequena comunidade dos primórdios já se tornara uma Ordem bem definida, muito distante da fluidez inicial. Daí a evidente dificuldade do biógrafo, que se acentuou nas fontes posteriores, em evocar a respeito não só de Clara e suas irmãs de San Damiano, mas também de outras mulheres, situações e costumes tidos na época como excessivamente íntimos, embora de todo inocentes. Uma confirmação do pouco empenho da Ordem em dar presença à figura da santa é a paupérrima fortuna iconográfica de Clara, em total oposição à de seu fundador: consiste apenas em algumas miniaturas, pinturas e afrescos esporádicos; não há nenhum grande ciclo que narre nas paredes das igrejas sua vida e seus milagres.

A disponibilidade de Francisco e seus frades em relação à amiga e discípula, bem como a suas companheiras, veio inevitavelmente a se enfraquecer com o passar do tempo; mas nunca cessou. A personalidade excepcional daquela jovem conferiu uma densidade inesperada ao encontro com Francisco, pois ele teve de reconhecer no entusiasmo meditativo daquele rosto, refletindo-se como num espelho límpido, uma profunda afinidade espiritual. O santo se viu envolvido, mesmo sem haver planejado, em cuidar constantemente do destino de Clara e suas companheiras. Mas foi um cuidado responsável, circunscrito às irmãs de San Damiano; não se estendeu automaticamente aos outros grupos que, seguindo o exemplo da futura santa, iam surgindo além dos limites de Assis. Clara, “a primeira plantinha de Francisco”, como gostava de chamar a si mesma, viu-se muito cedo privada de sustento e conforto devido à morte do santo. Sobreviveu 27 anos a Francisco, pelo resto da existência lutando desesperadamente para defender o projeto de vida que a Igreja, demasiado atenta aos princípios de prudência e decoro humano, tentava fazê-la esquecer de todas as maneiras. Somente três dias antes de sua morte, o papa Alexandre IV aprovou oficialmente a *Regra* de Clara, concedendo-lhe o “privilégio da altíssima pobreza”, isto é, de poder viver sem possuir nada em particular nem em comum: a pobreza de Cristo, da Virgem e de Francisco.

5. Damietta e Greccio

Os frades voltaram de Roma para Assis detendo-se em seus arredores. Estabeleceram-se por pouco tempo em Rivotorto e depois, definitivamente, perto de uma igrejinha dedicada a Maria, que Francisco havia reformado anteriormente, na localidade chamada Porziuncola. Tratava-se, com efeito, de uma pequena área [porciúncula], “emprestada” a eles pelo mosteiro beneditino do monte Subasio, junto à minúscula igreja. Haviam escolhido um novo lar, sempre paupérrimo, porque no anterior surgira uma espécie de conflito de propriedade: um camponês, pouco se importando que o tugúrio fosse habitado pelos frades, levava seu asno para lá, convertendo o abrigo deles em estábulo. Francisco preferiu ceder.

Entre 1209 e 1212 (não podemos ser mais precisos quanto às datas), Francisco tentara chegar à Síria; se embarcou em 1212, podemos supor que partiu para levar sua mensagem de paz em tácita oposição à das fileiras de jovens (a chamada “Cruzada das Crianças”) que, saindo da França e da Alemanha, estavam atravessando a Itália para ir combater na Terra Santa: uma cruzada improvisada e trágica que jamais chegaria ao destino. Uma tempestade obrigou Francisco a desembarcar na Dalmácia e depois a voltar a Ancona, numa jornada aventureira; de fato, os marinheiros não queriam aceitar nem a ele nem ao companheiro sem pagamento, mas os dois, em todo caso, conseguiram embarcar como clandestinos. Para a tripulação foi uma grande sorte: todos teriam morrido num naufrágio e, depois, de fome, se Francisco não tivesse intervindo com seus milagres, primeiro acalmando, como Cristo, as águas da borrasca, e depois multiplicando os víveres a bordo durante a longa deriva. Poucos anos depois, entre 1212 e 1214, talvez exatamente ao completar 33 anos, a idade da morte do Redentor, Francisco foi ao Marrocos para pregar aos “sarracenos” com brandura evangélica e, se necessário, até o martírio. Queria “anunciar ao Miramolino [o sultão Mohamed-ben-Nasser] e seus correligionários a boa-nova”. O sultão fora obrigado a deixar a península Ibérica e se exilar na África após a pesada derrota em Las Navas de Tolosa: aquela batalha perdida significou um golpe decisivo para o domínio muçulmano na península Ibérica. A viagem de Francisco se configurava como um possível contraponto em chave de paz, mas foi interrompida na Espanha, onde uma grave doença fez fracassar o projeto e obrigou o malogrado missionário a voltar.

Em Porziuncola o número de frades aumentava rapidamente; Francisco, em especial, havia acolhido na comunidade um grupo de nobres e outro de literatos, entre os quais seu futuro biógrafo, Tomás de Celano. Crescia o número de seguidores, crescia a fama do pregador invocado abertamente como santo; começavam a lhe atribuir muitos milagres, aqueles mesmos realizados pelos apóstolos como sinal infalível da eficácia de sua pregação:

expulsar demônios e curar os doentes com o toque das mãos.

Nesse ínterim, em 1215, Inocência III havia proclamado o IV Concílio na basílica de San Giovanni in Laterano, em Roma, para delinear uma nova reforma da Igreja e anunciar outra cruzada, a quinta, na Terra Santa. Não se sabe com certeza se Francisco participou das reuniões e se teve ocasião de encontrar Domingos: os dois futuros santos, mesmo com projetos diferentes, estavam empenhados em procurar novas vias de salvação dentro da estrita adesão à Igreja de Roma. Justamente durante o Concílio, para conter o fluxo da dissidência e o surgimento de movimentos potencialmente hostis ao magistério eclesiástico, decretou-se que, a partir de então, não seria permitido fundar novas ordens. Então Domingos escolheu para seus frades, também chamados de Pregadores, a *Regra* de santo Agostinho, já existente fazia algum tempo para os canônicos regulares agostinianos, disfarçando a novidade de seu projeto sob a aparência de uma continuação do passado. (Os canônicos regulares são clérigos, normalmente padres, que vivem em comum segundo uma regra e são responsáveis pelo funcionamento de uma igreja, geralmente uma catedral, isto é, onde se encontra a cátedra do bispo.) Francisco, porém, fez valer a aprovação verbal que o pontífice dera à sua *Regra*, de forma que a recente proibição não lhe dizia respeito. A *Regra* de Francisco, portanto, foi a única nova a se somar às tradicionais de são Basílio, são Bento e santo Agostinho: nova porque recente, mas nova também pelo conteúdo, visto que não se referia a monges, a sacerdotes ou a canônicos, e sim a uma comunidade mista de laicos e clérigos. Segundo as intenções de Francisco, isso deveria ajudar a superar mais facilmente as críticas e as divergências dos pastores àquele rebanho considerado tão pronto a se extraviar e tão pouco solícito a obedecer.

Enquanto eram em pequeno número, os frades se reuniam duas vezes por ano em Porziuncola: no dia de Pentecostes, em homenagem aos apóstolos e ao início de sua missão, e no dia de são Miguel, 29 de setembro. Francisco nutria especial devoção pelo arcanjo que expulsara os anjos rebeldes para as profundezas do inferno, o príncipe dos exércitos celestes encarregado de apresentar as almas à presença de Deus. Como verdadeiro cristão, o futuro santo podia se permitir um só inimigo a derrotar, o demônio, e Miguel lhe recordava, sob o signo da santidade, sua própria juventude belicosa.

No Pentecostes de 1217, realizou-se em Porziuncola uma reunião geral em que foi decidida uma estruturação mais formal da fraternidade, com uma nítida divisão das tarefas: determinou-se a periodicidade anual dos encontros — era muito complicado reunir duas vezes ao ano todos os frades, certamente vindos de longas distâncias —; depois, constatada a necessidade de ampliar e especificar o campo do apostolado, dividiu-se a Itália em províncias e se estabeleceram missões também fora do país. Frei Egídio, por exemplo, partiu para Túnis, frei Elias para a Síria; com frei Masseo, Francisco rumou para a França, mas o cardeal Ugolino, que estava em Florença divulgando a Cruzada, encontrou-o e conseguiu convencê-lo a voltar para Assis: o prelado considerava a estrutura da Ordem frágil demais para ficar

privada de seu líder carismático por muito tempo. As primeiras viagens, ao fim e ao cabo, resultaram em insucessos: cinco frades, como já dissemos, chegaram a ser martirizados no Marrocos. A missão francesa, dirigida por frei Pacífico em lugar de Francisco, ao atingir seu destino, foi erroneamente tomada por um grupo de cátaros — a seita de hereges especialmente numerosa na cidade de Albi — e correu o risco de terminar em sangue.

Lembra Giordano de Giano:

Os frades, interrogados se eram albigenses, responderam que sim, desconhecendo o que significava “albigense” e sem saber, além do mais, que se tratava de heresia; portanto, foram considerados hereges. Mas o bispo e os mestres de teologia, por fim, depois de ler cuidadosamente a *Regra* e considerá-la evangélica e católica, consultaram Honório III [que em 1216 sucedeu a Inocêncio III], o qual respondeu por carta e declarou que a *Regra* dos frades era autêntica, porque aprovada pela Sede Apostólica.

Naturalmente o final feliz não foi tão rápido assim: com certeza se passaram muitos dias antes que as perguntas e respostas se fechassem em um círculo tranquilizador. A mesma coisa ocorreu na Alemanha, onde aportou um pelotão de sessenta frades. Damos ainda a palavra a Giordano de Giano:

Entraram nos vilarejos da Alemanha sem conhecer a língua e, quando lhes perguntaram se queriam hospedagem, comida e outras coisas do gênero, responderam “*ja*” [sim]; portanto, foram acolhidos bondosamente por alguns. Vendo que com a palavra *ja* eram bem tratados, decidiram sempre responder *ja* a todas as perguntas. Por isso, à pergunta se eram hereges e se vinham com a intenção de infectar a Alemanha tal como haviam pervertido a Lombardia [isto é, a Itália], responderam novamente *ja*. Então alguns foram espancados, outros encarcerados, outros despidos e conduzidos nus pelas ruas em exemplo, cobertos de insultos pela multidão. Vendo que na Alemanha não teriam bons frutos, voltaram para a Itália. Por esse motivo, a Alemanha foi considerada pelos frades tão cruel que não ousavam voltar senão quando inspirados pelo desejo de morrer.

No Capítulo de 1221, quando se indagou novamente se alguém tinha a intenção de ir à Alemanha, “inflamados pelo desejo do martírio, ergueram-se cerca de noventa frades prontos para se oferecer à morte”. Contra a vontade, o próprio Giordano se viu incluído no grupo, mesmo tendo suplicado a Deus que não lhe fizesse conhecer a ferocidade dos alemães. É que, insatisfeito por não saber os nomes dos mártires em Marrocos, Giordano não queria perder a ocasião de conhecer os nomes daqueles que considerava os próximos mártires. Assim, aproximou-se do grupo dos frades que iam partir e foi perguntando de um em um: “Quem é você e de onde vem?”, pois considerava grande glória, caso fossem martirizados, poder dizer: ‘conheci este, conheci aquele’”. E frei Elias, embora Giordano lhe explicasse o equívoco — curiosidade confundida com grande zelo —, o enviou para a Alemanha.

Na Hungria, aonde os frades acorreram por interesse de um bispo local que lhes pagara a viagem por mar, os pobrezinhos foram atacados pelos pastores, golpeados “com a extremidade pontuda de suas lanças” e mordidos por cachorros atçados contra eles. Giordano de Giano provavelmente recolheu os fatos de primeira mão, pois registra uma série

de detalhes tão precisos que dificilmente seriam imagináveis de outra forma. A cena é tragicômica: os frades estão assustados com o silêncio obstinado dos pastores, que não dão mostras de pretender qualquer negociação; pelo contrário, com um furor sinistro, sem dar ouvidos a nenhuma palavra ou gesto súplice, continuam a despir os infelizes até deixá-los inteiramente nus. Depois de repetidas agressões, um pobre frade teve de largar as calças umas quinze vezes e por fim não encontrou nada melhor para conservá-las do que causar nojo aos predadores sujando-as com esterco de boi.

Todavia, apesar de alguns episódios clamorosos transformados com o tempo em pequenas lendas, as missões continuaram e, mais bem organizadas e preparadas — por exemplo, teve-se o cuidado de sempre incluir no grupo dos frades exploradores algum falante nativo da língua estrangeira —, alcançaram os resultados esperados. Prosseguia o desenvolvimento da comunidade: numa reunião em Porziuncola, provavelmente em 1219, participaram 3 mil frades — segundo outras fontes, 5 mil —, número um pouco exagerado, talvez, mas que dá a medida do sucesso. O encontro permaneceu na memória coletiva como o “Capítulo das esteiras”, pois foi preciso multiplicar as esteiras de junco e palha para o descanso dos frades, mas me parece indubitável também a lembrança bíblica da “festa das tendas” (Dt 16, 13-5), que comemorava a reunião anual de outono de todas as tribos de Israel que viviam no deserto: durante os sete dias da festa, habitavam justamente tendas improvisadas.

Francisco havia retomado seu projeto de ir ao encontro dos infiéis; embarcou em Ancona em 24 de junho de 1219 e, meses depois, finalmente chegou ao Egito. Foi direto a Damietta, no campo dos cruzados que assediavam a cidade, e tentou fazê-los desistir dos combates. Diante da cristandade em armas que pensa que apenas à força conseguirá resgatar os locais santos, diante da Igreja que resolve as divergências com a violência e a morte, Francisco surge com palavras diferentes e dissonantes, mas como sempre extraídas do Evangelho. No 16o capítulo da *Regra não bulada*, como que resumindo as meditações da viagem ao Egito, ele prescreve:

Os frades que vão para junto dos infiéis e sarracenos podem estabelecer um diálogo espiritual de dois modos. Um é não discutir nem disputar, mas se submeter a toda criatura humana por amor de Deus e confessar sua condição de cristão. O outro é, vendo que apraz ao Senhor, anunciar a palavra de Deus para que os infiéis e sarracenos creiam em Deus onipotente, Pai e Filho e Espírito Santo, criador de todas as coisas, no Filho redentor e salvador, e sejam batizados e se façam cristãos, pois quem não renascer na água e no Espírito Santo não poderá entrar no reino de Deus.

Para a eficácia de sua mensagem, portanto, Francisco confiava antes de mais nada nas obras, no bom exemplo mostrado, e apenas em segundo lugar na exortação verbal.

Numa obra anônima em francês antigo, datável entre 1229 e 1231, a *Estoire de l’Eracles empereur et la conquête de la terre d’outremer* [História do imperador Heracles e da conquista das terras d’além-mar], diz-se que Francisco deixou os cruzados para se dirigir ao

campo adversário, pois estava profundamente amargurado com a atuação deles, e que ficou no Egito até o final da tomada de Damietta pelos cruzados; depois, incomodado com seu comportamento (“viu o mal e o pecado”), foi para a Síria, onde teria alcançado frei Elias. Tomás de Celano registra apenas o extraordinário gesto do santo que, “enquanto irrompiam duras batalhas entre cristãos e pagãos”, não teve receio de se dirigir com um companheiro ao sultão Malik-al-Kamil, na esperança de convertê-lo. Provavelmente chegou até ele durante a trégua do próprio verão de 1219. O biógrafo insere o habitual toque de cor que reproduz a atmosfera das perseguições dos pagãos contra os primeiros mártires cristãos; os dois frades teriam sido logo identificados e insultados, chicoteados, torturados pelas sentinelas sarracenas. Mas a acolhida do sultão é extremamente cordial, o que põe em dúvida a credibilidade da primeira parte do relato. “Foi recebido pelo sultão com grande honra. Ele o cercava de favores o melhor que podia, oferecia-lhe muitos presentes [...]. Estava muito admirado e comovido pelas palavras de Francisco e o ouvia com muito prazer.” (fig. 3) Esse tratamento benévolo é narrado de modo semelhante por todas as fontes e se reflete na iconografia mais antiga, por exemplo, no retábulo Bardi na igreja de Santa Croce, em Florença (c. 1243), onde vemos Francisco com alguns companheiros enquanto prega ao sultão, rodeado por um auditório com ar concentrado e bem disposto. Também Jacques de Vitry, numa carta de 1220 escrita em Damietta, logo após a tomada da cidade, lembra a coragem de Francisco ao passar para o exército inimigo e pregar aos sarracenos; tamanha seria a admiração do sultão que teria pedido secretamente a seu evangelizador que fosse portador de uma súplica a Deus, para que o inspirasse a escolher a religião que mais agradava ao Senhor. A seguir, Jacques de Vitry passa a registrar, quase com desânimo e irritação, a avalanche de adesões que a pregação de Francisco havia suscitado: “Passaram a fazer parte desta Ordem religiosa o inglês Colin, nosso clérigo, e outros dois colaboradores nossos, mestre Miguel e dom Mateus, ao qual havia confiado os cuidados da igreja de Santa Croce. Tenho dificuldade em conter o Cantor [Jean de Cambrai], Henri [o senescal] e outros mais”.

São Boaventura, na *Legenda maior*, repete as mesmas notícias, com um toque de ênfase adicional; depois ele narra, e é o único a fazê-lo, o conteúdo de um diálogo entre Francisco e Malik-al-Kamil, que talvez lhe tenha sido transmitido por frei Illuminato, um dos companheiros do santo no Egito. Francisco propõe uma demonstração aos sacerdotes: todos entrarem juntos entre as chamas; quem sair ileso demonstrará com o milagre a verdade da própria fé; quem, pelo contrário, estiver entre os perdedores, deverá abraçar a religião da vitória. À proposta de Francisco o sultão objeta que não há, entre seus sacerdotes, ninguém disposto a enfrentar a competição. Malik-al-Kamil, “assim que ouviu as palavras do desafio, de fato viu desaparecer de vista um de seus sacerdotes, pessoa muito reputada e de idade avançada”. Essa especificação é preciosa porque nos permite dar relevo a uma fonte árabe-muçulmana, isto é, ao texto da epígrafe de uma tumba, ainda conservada no Cairo,

mencionando o velhíssimo Fakhr al-Din-Farisi (conselheiro espiritual do sultão Malik-al-Kamil), homem de grande fama, teólogo e jurista egípcio que “tivera diante do sultão uma célebre aventura com o monge cristão”: Francisco não é citado, mas é altamente provável que a “célebre aventura” se refira ao encontro com o santo.

Diante do tumulto causado por suas palavras, Francisco se propõe a entrar sozinho no fogo, mas, segundo a versão boaventurana, parece por alguns instantes considerar possível a derrota, não porque duvide sustentar a verdadeira fé e tema ser punido por Deus como impostor, mas porque está consciente de ter apresentado uma aposta muito arriscada. Boaventura lhe atribui o pensamento: “Se for queimado, que isso seja atribuído a meus pecados; se, pelo contrário, a potência divina me proteger, reconhecerei Cristo, potência de Deus e sabedoria de Deus, verdadeiro Deus e Senhor salvador de todos”. Francisco pedia para decidir a disputa segundo uma prática que fazia parte da tradição cavaleiresca — o cavaleiro tomava o partido de uma dama indefesa porque Deus se pronunciaria em seu favor contra o adversário —, mas contrariava a vontade de Cristo, que proibía a evocação imprudente da onipotência divina: levado pelo demônio ao alto do templo e convidado a se jogar no abismo para demonstrar que era filho de Deus, Cristo na verdade respondera: “Está escrito: não tentarás ao Senhor teu Deus” (Mt 4, 7); na cruz, reagira com o silêncio ao convite ultrajante dos judeus: “Tu que destróis o Templo e em três dias o reedifica, salva-te a ti mesmo, se és filho de Deus, e desce da cruz!”. Analogamente, os sumos sacerdotes, com os escribas e os anciões, também escarneciam dizendo: “A outros salvou, a si mesmo não pode salvar! Rei de Israel que és, que desça agora da cruz e creemos nele!” (Mt 27, 40-2). O sultão não permitiu que a demonstração ocorresse, “temendo um levante popular”, mas admira cada vez mais Francisco, oferece-lhe muitos presentes. Francisco permanece ainda algum tempo, tenta evangelizar aquelas populações, mas — conclui Boaventura —, não vendo progressos, e advertido por um sonho premonitório, retorna às terras cristãs. Buscara o martírio e, portanto, ganhara os méritos correspondentes à morte desejada; Deus o havia poupado porque lhe reservava um privilégio extraordinário. Com esse comentário, o biógrafo prepara o relato dos estigmas que reproduzem o suplício de Cristo na cruz.

Por que Francisco pensara em recorrer justamente às chamas?

Talvez, vendo como era difícil convencer apenas com a palavra, que ainda passava pela mediação de um intérprete, tenha pensado em atingir sua meta com um exemplo tangível e que falasse à imaginação. Parece-me uma hipótese plausível, mas parcial. Para compreender melhor a “célebre aventura”, devemos partir de Maomé.

Alguns meses antes de sua morte, o profeta havia recebido em Medina uma delegação cristã para discutir questões de fé. Dividia-os o problema da encarnação de Deus e da maternidade divina de Maria. Para dirimir a questão, Maomé propôs um ordálio, isto é, um juízo de Deus sobre o assunto; mas os cristãos — segundo a fonte muçulmana —, amedrontados pelos prodígios que estavam ocorrendo no exato momento em que o profeta

se preparava para proferir a fórmula invocando o juízo de Deus, pediram uma trégua e preferiram um compromisso diplomático. Os cristãos de Medina não haviam ousado “invocar a maldição sobre Maomé, que é um profeta”. Francisco, com a sua proposta não de todo ortodoxa, talvez quisesse retomar aquele antigo diálogo com Maomé que os cristãos, precisamente, haviam interrompido, mas sobretudo, creio eu, pretendia vir ao encontro de seus atuais interlocutores sugerindo uma demonstração que fazia parte de sua cultura. Foi um gesto de tolerância coerente com os princípios evangélicos professados, não de desafio; a compreensão do outro, tanto na Idade Média quanto em nossos dias, exige uma árdua fidelidade às palavras de Cristo: “Ama o próximo como a ti mesmo”.

O relato de Boaventura, que tenta a todo custo desacreditar a boa disposição do sultão e reduzir a longa permanência de Francisco no Egito (quase um ano) apenas ao episódio do ordálio, parece deliberadamente tendencioso. Giotto, intérprete perspicaz da *Legenda maior*, representa pela primeira vez a prova do fogo — que fora, repetindo, uma simples proposta verbal à qual não se seguiu nenhum ato concreto — como realmente ocorrida; o pintor ignora a pregação de Francisco às pessoas e sua mensagem de paz, preferindo representar nos afrescos da Basílica Superior de Assis uma disputa autoritária no interior do palácio do sultão, onde o santo triunfa sobre os adversários amedrontados e humilhados, em fuga diante das chamas crepitantes; a nova versão teve êxito e se tornou o modelo iconográfico dominante.

Não foi um sonho e tampouco a profecia, lembrada por Giordano de Giano, de uma profetisa egípcia chamada “a Verídica” que levou à decisão de Francisco (“Volta, volta, porque pela ausência de frei Francisco a Ordem está conturbada, dividida e dispersa!”), mas as notícias trazidas por um frade laico, realmente corajoso, que por iniciativa própria atravessou o mar e conseguiu alcançar Francisco e lhe mostrar as novas *Constituições* que os dois vigários deixados na pátria e alguns outros frades haviam redigido naquele meio-tempo; o santo se encontrava em Acre, na Palestina, após uma provável visita aos Locais Santos.

De um lado estavam as palavras de Cristo, do outro sua difícil tradução para a vida cotidiana. O santo, ao formular as normas de vida para si e seus companheiros, havia considerado como ponto de referência apenas o Evangelho, a ser difundido sobre a terra: pensava com as sequências próprias do sonho, em que tempos e locais se unem instantaneamente; não calculava ritmos humanos, febrilmente ansioso em obedecer ao mandamento de Cristo com a generosidade megalomaniaca da juventude, agora com o sinal invertido. Ao cardeal Ugolino, o futuro Gregório IX, que o criticava por ter mandado os frades para regiões distantes e estrangeiras, ao encontro da fome e das tribulações, e até, possivelmente, ao encontro da morte, ele respondera com “grande ímpeto de espírito e em tom profético”:

— Não deveis pensar, senhor, que Deus enviou os frades apenas para o bem dessas regiões. Digo-vos em verdade que Deus escolheu e enviou os frades para o proveito espiritual e a salvação das almas dos homens *do mundo todo*; eles serão recebidos não apenas nas terras dos cristãos, mas também nas dos infiéis. Desde que observem o que prometeram ao Senhor, Deus dará a eles o necessário nas terras dos infiéis bem como nas dos cristãos.

Na prática, o projeto de Francisco podia ser compartilhado, em sua totalidade, apenas por poucos eleitos de envergadura extraordinária. Os frades tinham se multiplicado em grande quantidade, e boa parte deles não conseguia se manter à altura da palavra entusiástica do líder; eram homens simples que se sentiam seguros dentro de uma forma de vida mais regrada e mais próxima à comprovada tradição monástica; por isso, durante a ausência dele, rebelaram-se contra as novidades de Francisco, julgando-as perigosas improvisações. Antes de mais nada, queriam que se estabelecesse em definitivo o regime alimentar, a frequência dos jejuns e da abstinência de carne ou de determinados alimentos: o modelo era a dieta monástica com seus ritmos rígidos, exatamente o contrário da flexibilidade evangélica de Francisco, atento mais ao espírito do que à letra. O mensageiro vindo da Itália encontrou Francisco justamente à mesa, diante de uma bela posta de carne, em flagrante contradição com as novas normas pretendidas pelos frades. O futuro santo leu as *Constituições* e se dirigiu ao companheiro de refeição para consultá-lo: deveriam recusar o alimento já preparado? Podemos imaginar o sorriso de Francisco, a quem foi atribuída a responsabilidade de decidir: “Comamos, portanto, como diz o Evangelho, os alimentos que nos são servidos”. Infelizmente Giordano de Giano não especifica em detalhe as outras modificações e o “início de agitação” introduzidos pelos dois vigários, limitando-se a mencionar apenas dois episódios. O mensageiro anônimo havia contado que frei Filippo, o encarregado de cuidar de Clara e das Damas Pobres, “contra a vontade do beato Francisco, que preferia superar todos os obstáculos mais com a humildade do que com a autoridade da lei, havia obtido da Sede Apostólica uma carta que o autorizava a defender as religiosas e a excomungar seus detratores”. Tal iniciativa, por um lado, significava limitar a ação de Francisco, reverente e obsequioso em relação a Roma, mas ao mesmo tempo atento em não criar ou aumentar vínculos e dependências formais; por outro lado, contrariava um dos fundamentos do Evangelho e, portanto, do programa de Francisco: “Ama ao próximo como a ti mesmo”. Um outro frade, porém, Giovanni de Campello, agira em sentido oposto, radicalizando o preceito evangélico e desafiando aqueles limites de oportunidade que o próprio Francisco não queria infringir: “recolhendo um grande número de leprosos, de homens e de mulheres, [Giovanni] saíra da Ordem, querendo fundar uma nova. Escrevera uma *Regra* e se apresentou à Sede Apostólica com seus seguidores para obter a aprovação”.

Francisco subiu num navio e desembarcou em Veneza, mas não foi imediatamente a Assis. Sua meta era o papa Honório III; compreendia que não conseguiria mais sustentar a família espiritual apenas com suas forças; precisava chegar a uma solução de compromisso, repensar a *Regra*, poder contar, em troca de alguma concessão, com o firme apoio do

pontífice.

Aproximando-se de Bolonha, teve um primeiro grande choque: foi informado de que os frades do local consideravam a bela casa de paredes de tijolos onde moravam como propriedade deles; Francisco decidiu nem entrar na cidade e seguir viagem, mas ordenou “secamente” que todos os frades saíssem imediatamente daquela casa: todos, até os frades doentes, e para sempre. Ugolino, naquela época bispo de Óstia e legado papal na Lombardia, teve de declarar publicamente que aquela residência, na verdade, era sua: um expediente que se repetiu até em Assis.

Quando Honório III ouviu o relato do santo, aceitou anular as inovações dos dois vigários; depois condescendeu com o pedido (até que ponto espontâneo?) de que fosse doravante instituído um representante da Santa Sé — o primeiro foi justamente Ugolino —, “protetor, governador e corretor da fraternidade”, a quem se apelaria em caso de necessidade ou de problemas na Ordem. Tomás de Celano, na segunda biografia, escrita por volta de 1243, inseriu a designação do protetor num contexto de recuo e desconfiança. Mesmo que não encontremos nenhum eco das polêmicas e tensões ocorridas durante a ausência de Francisco, e que prosseguiram após seu retorno, não por acaso o desenvolvimento temporal da vida do santo se interrompe neste ponto: de fato, era inadmissível o relato cronológico de uma derrota. Segundo Tomás de Celano, Francisco, antes de se dirigir ao pontífice, teve um sonho: viu uma pequena galinha preta que não conseguia mais proteger os pintinhos sob suas asas; é o único sonho que o futuro santo relata e ao mesmo tempo interpreta, como que falando de si mesmo, admissão transparente de um substancial fracasso.

A galinha, comentou ele, sou eu, de tamanho pequeno e cor escura, galinha em que devo unir à inocência da vida uma simplicidade de pomba [...]. Os pintinhos são os frades, crescidos em quantidade e em graça, que a força do pobre Francisco não consegue proteger da conturbação dos homens e dos ataques das línguas malignas. Irei, portanto, e os recomendarei à santa Igreja romana: desta maneira os malévolos serão atingidos pela vara de seu poder e os filhos de Deus gozarão em toda parte de plena liberdade, para maior benefício da salvação eterna [...]. Sua proteção defenderá a Ordem dos ataques dos malignos, e o filho de Belial não tripudiará impunemente sobre as vinhas do Senhor. Até aquela Igreja, que é santa, emulará a glória de nossa pobreza e não permitirá que as nuvens da soberba possam ofuscar os méritos da humildade. Conservará ilesos entre nós os vínculos de caridade e paz, golpeando com severíssimo rigor quem for causa de discórdia. À Sua presença florescerá sempre a santa observância da pureza evangélica e não permitirá que desapareça nem por pouco tempo o bom perfume da verdadeira vida.

Voltando a Assis, Francisco encontrou outra novidade. Durante sua ausência, o conselho da comuna mandara construir em Porziuncola um edifício de cal e pedras para substituir as choças de palha e barro que hospedavam os frades durante o Capítulo geral. Assim que o viu, Francisco subiu no telhado e começou a destruí-lo sistematicamente; ajudado por alguns companheiros fiéis, jogava fora, uma após a outra, as placas da cobertura. Foi detido pelos soldados da cidade, dizendo que a habitação não era dos frades nem sua,

mas pertencia à cidade de Assis. Então desistiu do propósito, não sem se sentir muito desiludido ao encontrar sua família tão mudada. Começava também a sofrer seriamente de muitas doenças: no estômago, no baço, no fígado; enxergava cada vez menos porque no Oriente contraíra um doloroso tracoma. Na reunião outonal de 1220, preferiu se afastar e transferir ao amigo Pietro Cattani a função de guia da Ordem no que dizia respeito aos aspectos práticos. Um frade, lembrando os tempos da fraternidade original, perguntou-lhe por que não se opunha às trocas e desvios que ocorriam:

Em outra época, todos os frades observavam com empenho a santa pobreza em todas as coisas: nos edifícios pequenos e pobres, nos poucos e toscos utensílios, nos escassos e pobres livros, nas roupas de mendigos. [...] Mas, de pouco tempo para cá, essa pureza e perfeição começou a se alterar, ainda que os frades afirmem, para se desculpar, que esse ideal não pode ser observado pela maioria deles.

Francisco respondeu que havia devolvido a Ordem às mãos de Deus, dando como pretexto seu estado de saúde; na realidade, era porque não encontrava mais consenso. Se os frades continuassem a segui-lo, mesmo doente e acamado, não seria difícil guiá-los. Infelizmente não era mais assim: “Agora meu encargo de governo dos frades é apenas de natureza espiritual, porque preciso ter domínio sobre os vícios e corrigi-los. Se não consigo com as exortações e com o exemplo, não quero me transformar em carníface para surrar e açoitar, como fazem os governantes desse mundo”. Deus pensará em puni-los, ainda que o futuro santo repita: “Com o meu exemplo não vou deixar de ensinar aos irmãos que caminhem pela via que me foi indicada pelo Senhor e que mostrei a eles, o ideal com o qual os formei, de modo que sejam indesculpáveis diante do Senhor”. Talvez o diálogo se desenrolasse entre o doente e frei Leão, visto que o trecho citado é extraído da *Legenda perusina*, a fonte em que mais se faz presente a voz do melhor amigo do fundador.

Francisco continuava a conquistar as multidões, mas já não era o líder incontestado e cheio de entusiasmo ao qual os companheiros haviam se entregado com toda a confiança. Com frequência cada vez maior tinha de renunciar a caminhar, dadas as péssimas condições de saúde, e era obrigado a escrever, isto é, ditar, em vez de pregar. Logo perdeu Pietro Cattani, que morreu em Porziuncola em 10 de março de 1221, e ali foi sepultado (ainda hoje se lê a simples epígrafe na parede externa da igreja). O lugar de Pietro Cattani foi ocupado por frei Elias de Cortona, apoiado pelo cardeal Ugolino. Elias empenhou-se na difícil tarefa de conciliar as controvérsias, não sem divergências com o próprio Francisco, a quem assistia e por vezes seguia mais como um vigia do que como um afeiçoado companheiro de outrora. Sucederam-se as reuniões dos frades para reformar a *Regra*. Numa delas esteve presente o cardeal Ugolino, a quem pediram que fosse um embaixador junto a Francisco, para que ele ouvisse “os conselhos dos frades doutos e se deixasse algumas vezes guiar por eles. Referiam-se às regras de São Bento, Santo Agostinho e São Bernardo, que prescreviam esta ou aquela outra norma a fim de levar uma vida religiosa e bem regrada”. Francisco ouviu a proposta (a

voz narrativa é ainda a de frei Leão na *Legenda perusina*), “pegou pela mão” Ugolino — o típico gesto de cortesia dos romances de cavalaria — e o levou perante a assembleia, onde apresentou uma enérgica recusa:

Irmãos meus, irmãos meus, Deus me chamou para percorrer o caminho da simplicidade e o mostrou a mim. Não quero, portanto, que nomeiem outras regras, nem a de santo Agostinho, nem a de são Bernardo ou de são Bento. O Senhor me revelou ser Sua vontade que eu fosse o último louco da terra: esta é a ciência à qual Deus quer que nos dediquemos! Ele vos confundirá por meio da vossa própria sabedoria e ciência!

Todavia, Francisco teve de se dobrar; compôs uma primeira *Regra* em 1221, a qual despertou tantos protestos que permaneceu, como já dissemos, não bulada. Tentou outras, sempre deparando com uma parede de desaprovação: dessas *Regras*, uma foi voluntariamente extraviada por frei Elias, como admite o próprio Boaventura na *Legenda maior*. O clima está tenso; o santo se retira para um monte a fim de redigir uma outra *Regra*; alguns frades vão procurar o vigário-geral, temendo que a nova formulação seja tão severa que não poderá ser observada; pedem que ele informe a Francisco sua decisão de não seguir a nova *Regra*: “Que a escreva para si, não para nós!”. Elias não tem a coragem de enfrentar o fundador e, assim, todo o grupo dos rebeldes vai em conjunto. Francisco não responde diretamente às contestações, mas se dirige a Cristo, cuja voz imediatamente ressoa no céu:

Francisco, nada de teu está na *Regra*, mas toda prescrição que está nela contida é minha. E quero que seja observada ao pé da letra, ao pé da letra, ao pé da letra, sem comentários, sem comentários, sem comentários! Bem sei do que é capaz a fraqueza humana, e do que é capaz, porém, a graça. Portanto, aqueles que não querem observar a *Regra*, que saiam da Ordem!

Assim conta a *Legenda perusina*, que é nossa fonte sobre o afastamento de Francisco e na qual vibra claramente a parcialidade de frei Leão. A *Regra* final, de 1223, é um resumo da anterior, mas com pesadas supressões e censuras; obtém finalmente, e não por acaso, a aprovação do pontífice Honório III. A maioria das citações evangélicas foi eliminada, a linguagem é secamente jurídica, sem efusões nem lirismo. Não se fala mais em cuidar dos leprosos, respeitar uma rigorosa pobreza, poder se rebelar contra os superiores indignos; foi abolida a proibição de ter livros e é muito branda a recomendação de trabalhar manualmente. A vontade de ir pregar entre os sarracenos e os infiéis, dada como pressuposto na *Regra não bulada*, agora é vista como uma escolha de poucos eleitos, chamados diretamente por Deus. Observa-se uma outra inversão significativa no que se refere à decisão de se tornar frade: na *Regra não bulada*, era Deus que inspirava os homens a se tornarem companheiros de Francisco, os quais, portanto, formavam um pequeno grupo seletivo; na *bulada*, é uma possibilidade aberta a todos, sem nenhuma intervenção celestial.

Francisco, como Cristo no monte das Oliveiras, inicia uma longa agonia espiritual; retira-se com frequência cada vez maior para locais ermos, foge da companhia de seus irmãos, muitas vezes lhes dirige palavras duras e ásperas. A partir de 1223 inicia-se o período

que os biógrafos definem como o da “grande tentação”, tentação de abandonar tudo, de se desinteressar completamente pela comunidade, talvez de perder a confiança em Deus. Mas há momentos de remissão: um deles é a grandiosa celebração do Natal no eremitério de Greccio em 1223.

Francisco organiza uma representação coral sacra que transforma o público presente em atores. Chama um nobre de nome Giovanni, “de boa fama e vida ainda melhor”, sabendo que pode contar com seu afeto e devoção, e lhe encomenda, quinze dias antes do Natal, a preparação de um cenário adequado. Diz ao amigo: “Quero representar aquele Menino nascido em Belém como se de alguma maneira tivesse diante dos olhos os desconfortos que teve por falta das coisas necessárias a um recém-nascido, como foi posto numa manjedoura e como ficou deitado na palha entre o boi e o asno”. O que devemos imaginar: que as rochas da montanha foram adaptadas para evocar a gruta, talvez aumentando alguma cavidade natural, ou que se construiu uma grande cabana de troncos de árvore, para acolher os fiéis? Uma quinzena é tempo demais, se dedicado apenas a preparar um pouco de feno e a levar os animais até o local. O boi e o asno não fazem parte do relato evangélico da Natividade, mas foram acrescentados pelos Evangelhos apócrifos. Francisco, sensível à mensagem das imagens, considera o boi e o asno indispensáveis para seu teatro sacro.

O relato de Tomás de Celano parece a descrição de um maravilhoso presépio vivo; ocorrem

muitos frades de várias partes; homens e mulheres chegam alegres das terras da região, trazendo, cada qual segundo suas possibilidades, velas e archotes para iluminar aquela noite em que se acendeu a esplêndida Estrela que iluminou todos os dias e os tempos. [...] Esta noite é clara como o pleno dia e suave aos homens e aos animais. As pessoas afluem e se comprazem de uma alegria *jamais provada antes*, diante do novo mistério. A mata ressoa de vozes e os rochedos imponentes reproduzem as cores festivas. Os frades cantam louvores escolhidos para o Senhor, e a noite parece uma só onda de alegria [...]. Depois o sacerdote celebra solenemente a Eucaristia sobre o presépio e ele mesmo saboreia uma consolação *jamais experimentada antes*. [fig. 4]

Francisco está feliz, profundamente comovido. Cobre-se de paramentos diaconais e canta o Evangelho com sua bela voz, prega com palavras dulcíssimas e empolga os presentes reevocando a pequena cidade de Belém, o Menino divino e paupérrimo, com um entusiasmo tão ardente que um cavaleiro, talvez o próprio Giovanni, teve uma visão: pareceu-lhe, de fato, que um recém-nascido jazia exânime na manjedoura, que o santo de Deus se aproximava e acordava aquele mesmo menino daquela espécie de sono profundo. Essa visão [conclui Tomás de Celano] não deixa de ter um significado próprio, pois realmente o menino Jesus jazia esquecido no coração de muitos e, pela Graça de Cristo, por meio de seu servo Francisco, foi ressuscitado e sua lembrança impressa numa memória novamente partícipe.

Na oração composta por Francisco para a Véspera de Natal, ao nascimento na manjedoura segue-se a citação da loa evangélica: “Paz na terra aos homens que ele ama” (Lc

2, 14): Cristo veio trazer a paz, aquela paz que os homens não sabem encontrar nos locais onde ele nasceu, a paz que Francisco foi anunciar primeiro aos cruzados e depois ao sultão, e que gostaria que fosse recebida pelos seus conterrâneos, pelos frades, pela Igreja. Quase no final da vida, extremamente adoentado, sabia que não poderia mais rever as terras distantes aonde fora com tanto entusiasmo; a renúncia não conclui de maneira totalmente negativa seus sonhos de evangelização ecumênica, pois leva a uma reconsideração e a uma recuperação diferentes daquele grandioso projeto. Não há locais nem interlocutores privilegiados: o presépio de Greccio elimina a necessidade da viagem até a Terra Santa e sua defesa; não é preciso cruzar os mares para vibrar de emoção nem impor a fé, considerada a verdadeira, pelas armas e pela violência. Belém está em todas as partes, também em Greccio, porque deve estar antes de mais nada nos corações: *Quasi nova Bethlehem de Graecio facta est*, Greccio se torna como que uma nova Belém.

Tomás insiste na alegria antes jamais provada, nem pelos fiéis, nem pelo sacerdote, ele também visivelmente incapaz de entender a fundo, antes da pregação de Francisco, o mistério que está celebrando. Diante das carências do clero, da frouxa fé dos cristãos, uns e outros esquecidos do sacrifício divino, o Menino de olhos fechados dorme um sono parecido com a morte. Se os infiéis não conheceram Cristo, os cristãos o esqueceram. Francisco está vestido de diácono, de pregador autorizado; o diácono (que ocupa o grau imediatamente inferior ao sacerdote), ao ser ordenado pelo bispo, recebe como símbolo de sua função o conjunto dos Evangelhos. Francisco, mesmo se colocando em posição subordinada e respeitosa em relação ao sacerdote, faz que se evidencie essa inadequação, pois são apenas suas palavras que permitem ao oficiante e aos presentes sentirem “uma consolação jamais experimentada antes”.

Com esse episódio, Tomás de Celano conclui a primeira parte da biografia de Francisco; a segunda e a terceira, curtíssimas, ocupam-se apenas dos dois últimos anos de vida e da cerimônia da canonização com o respectivo relato dos milagres. Mas a segunda parte vem precedida por um breve resumo que retoma a juventude de Francisco: a repetição nos faz pensar que, num primeiro momento, Tomás terminou realmente sua obra em Greccio. Estaria talvez iminente a data da canonização, ou teria o biógrafo hesitado em passar ao relato dos estigmas, ciente das dúvidas que o pontífice alimentava a esse respeito?

Seja como for, o relato do Natal em Greccio desempenha o papel de epílogo triunfal: o biógrafo, que toma explícito partido pelos remotos tempos heroicos da comunidade e pela santa loucura de Francisco, aqui tira sua desforra; não foi Francisco o vencido, ele não errava em reivindicar fidelidade à sua proposta de vida original; erravam os frades rebeldes e preguiçosos que o abandonaram e traíram, erram os frades da época do escritor que reclamam certezas, facilidades e bibliotecas, mais insensíveis e surdos do que o sacerdote e os fiéis de Greccio. Os homens tinham e têm necessidade de Francisco; os companheiros e o líder carismático com quem partilham os ideais e a vida são os novos apóstolos, capazes de

provocar visões, de pregar e de ressuscitar a fé até entre o próprio clero. Na *Segunda vida*, escrita, como dissemos, como complemento da biografia anterior, deixa de existir a função paradigmática e exemplar assumida pelo episódio do presépio, símbolo e juízo da obra de Francisco; aquele Natal especial é mencionado apenas numa linha, como prólogo ao milagre realizado por Francisco, também em Greccio, quando desviou o granizo e amansou uma alcateia de lobos ferozes.

Nos *Fioretti*, o tema das feras domadas dará lugar ao profundo e encantador relato do lobo de Gubbio (fig. 5). Após um delicioso diálogo, composto de palavras de Francisco e gestos do lobo, o santo chega a um acordo de paz, não sem lembrar aos habitantes do povoado que a suposta ferocidade do animal deriva de sua condição de carnívoro e que, como os homens, também precisa comer. O pecado original trouxe ao mundo a violência e a morte; tornou maus os homens e carnívoros certos animais, antes apenas herbívoros. Da clara consciência de uma harmonia perdida, nos homens e nos animais, nasce a comunhão especial que Francisco sente com os animais, percebidos plenamente como irmãos, atribuindo a eles reações e comportamentos humanos. Por isso, o lobo de Gubbio também poderia ser uma fácil metáfora de um bandoleiro Lupo [lobo], que se tornou feroz por causa da miséria e da necessidade.

Tomás volta a falar da devoção ao Natal a propósito da defesa da pobreza, virtude conhecida por poucos e, que, no entanto, é um caminho singular para a salvação. Quando o biógrafo escreve, já se passaram vinte anos desde a morte de Francisco; além dos amigos que lhe dão informações, Tomás de Celano reflete sobre o fundador, sobre seu modo de viver tão afetuosamente as relações humanas e, como reflexo, as divinas, pensadas sob uma óptica de parentesco familiar. Tomás recupera algumas lembranças: Francisco “chamava de festa das festas o dia em que Deus, tornando-se uma pequena criança, sugou um seio humano. Beijava com avidez as imagens daqueles membros infantis, e a compaixão do Menino, vertendo em seu coração, fazia-o balbuciar palavras de doçura à maneira das crianças”. Isso teria ocorrido presumivelmente numa igreja onde Francisco podia encontrar ícones representando, como parece sugerir Tomás, a Virgem a amamentar o divino recém-nascido. Durante a juventude de Francisco, foi o crucifixo real de San Damiano que falou e indicou-lhe uma tarefa; agora é o santo que, com ternura paterna, beija uma imagem, suporte concreto de sua necessidade de diálogo direto com Deus. Na esteira de Francisco, muitas místicas da Úmbria deram preferência justamente às imagens como objeto de atenta reflexão, viveiro de emoções e de visões: contemplaram os aspectos humanos de Cristo, do menino e do homem supliciado, a ternura dolorida da Virgem, a solicitude de José.

Por motivos de clareza, a tradução figurativa do relato do Natal de Greccio comporta, desde o retábulo Bardi, uma distorção e uma banalização: entre o boi e o asno também está

presente, não sabemos se de argila ou vivo, o próprio recém-nascido. O acréscimo destrói o encanto da palavra de Francisco, o qual, no entanto, aparece ao menos lendo o Evangelho; no afresco de Giotto, em Assis, a palavra do santo já nem é mais tida como importante: Francisco é apenas um dos personagens da cena que se inclina, em vez de Maria, para levantar o Menino do berço, enquanto o clero e a multidão como que nos convidam a participar do coral de suas orações.

6. Os estigmas: descoberta autêntica, relato piedoso ou invenção ousada?

Alguns dias após a morte de Francisco, ocorrida na madrugada de 3 para 4 de outubro de 1226, frei Elias, então vigário-geral da Ordem, comunicou seu falecimento numa espécie de “carta circular” dirigida a todos os frades. Nela também informava sobre o milagre dos estigmas: é o primeiro documento oficial sobre o prodígio.

Quero anunciar uma imensa alegria e um incrível milagre. Nunca se ouviu que esse prodígio tenha acontecido antes, exceto com o Filho de Deus que é Cristo. Não muito tempo antes de sua morte, o irmão e pai nosso apareceu crucificado, trazendo em seu corpo as cinco chagas que são verdadeiramente os estigmas de Cristo. De fato, suas mãos e pés estavam atravessados como que por pontas de cravos que tivessem perfurado a carne de ambos os lados, deixando ferimentos da cor negra dos cravos. Seu flanco parecia atingido por um golpe de lança e frequentemente vertia gotas de sangue.

O tom triunfal e seguro, unido a uma deliberada ambiguidade de termos escolhidos com muito cuidado, é sinal de que Elias sabia estar anunciando uma notícia inverossímil, destinada a encontrar uma resistência obstinada. Ao mesmo tempo, é evidente que ele tinha consciência de noticiar uma verdadeira descoberta, um evento ignorado por todos os outros frades. Ele força claramente ao referir-se às “cinco chagas *que são verdadeiramente os estigmas de Cristo*”.

Hoje, discorrer sobre os estigmas significa aludir a um fenômeno conhecido, ainda que incomum; na época de Francisco, porém, tratava-se de um fato inacreditável. Elias sustentava, basicamente, que um ser humano se tornara semelhante a Deus, que sua carne destinada ao pecado se tornara a de Cristo. Não há nenhum santo estigmatizado antes de Francisco; as raras pessoas localizáveis nas atas processuais do século XII e início do século XIII que, sem alegar qualquer intervenção sobrenatural, tinham se autoinfligido as feridas da cruz foram punidas com extremo rigor pela Igreja, que considerou como culpa gravíssima a simples ousadia de tentarem se equiparar a Cristo dessa maneira.

Elias não esperou que o pontífice, após ouvir a comissão dos cardeais nomeada para tanto, se pronunciasse sobre os milagres de Francisco, em especial sobre os estigmas; terá agido de plena boa-fé ou pensou também em preestabelecer a verdade dos estigmas por meio da precipitada revelação e consequente familiarização com a notícia? Em todo caso, ele não podia ignorar que a divulgação do prodígio aumentaria o prestígio do fundador, de toda a Ordem franciscana e de si mesmo: naquele momento, ele era apenas informalmente o líder dos frades. A morte de Francisco, escreve Elias, “se para todos é uma perda irreparável, especialmente para mim constitui um gravíssimo perigo, a mim que ele abandonou nas

trevas, cercado pelas preocupações e esmagado por incontáveis flagelos”. Os temores do autor serão confirmados poucos meses depois: de fato, no Capítulo celebrado em Assis em 30 de maio de 1227, não foi ele, e sim Giovanni Parenti, a ser eleito ministro geral da Ordem.

Elias, com aquela carta, não atingiu imediatamente seu objetivo: os cardeais que participaram do processo de canonização e o pontífice Gregório IX (o ex-cardeal Ugolino) não lhe deram fé: na bula em que Francisco foi declarado santo não há *nenhuma* alusão aos estigmas, embora na canonização ocorrida apenas dois anos depois da sua morte teria sido útil contar com um milagre tão surpreendente.

Foi necessário que se passassem outros quarenta anos antes que São Boaventura, em sua última e “definitiva” biografia, revelasse a profunda perplexidade do pontífice, inserindo o relato de um sonho que o mesmo Gregório IX teria tido antes da canonização de Francisco, “quando ainda alimentava em seu coração dúvidas sobre a ferida do flanco”. Não por acaso era a ferida no peito que criava grandes dificuldades para Gregório: foi apenas o golpe de lança — diz João em seu Evangelho (19, 37) — a “realizar” as Escrituras, revelando o Messias no homem crucificado. Por isso, quando Elias afirmava que o cadáver de Francisco mostrava os ferimentos não apenas nas mãos e pés, mas também no flanco, era como se não se limitasse a dizer que Francisco fora trespassado pelos pregos da cruz, mas que o santo se tornara em certo sentido semelhante a Cristo.

Segundo o relato de Boaventura, o santo apareceu ao adormecido pontífice com um ar severo no rosto; após ríspidas censuras, entregou-lhe um frasco com o sangue que lhe brotara do peito. A visão teria sido decisiva para mudar a posição do incrédulo; a partir daquele momento, Gregório IX “inflamou-se de enorme devoção e fervoroso zelo por aquele sacro milagre”, a ponto de não admitir que o colocassem em dúvida. Boaventura, se não inventou pura e simplesmente todo o episódio, certamente o situou numa data errada, porque as incertezas de Gregório IX não se dissiparam em absoluto *antes* da canonização, mas persistiram por muitos anos; entre os pintores, somente Giotto ousou de início dar crédito ao sonho narrado por Boaventura, representando-o no grande ciclo de afrescos dedicado a ilustrar a história de Francisco na Basílica Superior de Assis. Giotto, contudo, não situou o sonho de Gregório IX *antes*, e sim logo *depois* da canonização do santo, restabelecendo, por assim dizer, a sequência histórica correta dos acontecimentos, pelo menos no que se refere às dúvidas do pontífice em relação àquele milagre sem precedentes. É Boaventura também a lembrar que o agonizante Francisco, querendo que o depusessem nu no chão, teve o cuidado de cobrir com a mão esquerda a ferida no flanco à direita. No Evangelho de João, não se comenta em qual lado Cristo foi trespassado. Nas imagens de Cristo na cruz, a marca da ferida, porém, fica sempre do lado direito, isto é, não do lado do coração, para desencorajar a ideia de que o Redentor tivesse morrido devido ao golpe de lança do soldado. Ainda em

João afirma-se que os crucificados não podiam permanecer na cruz no dia da Páscoa; por isso os dois ladrões, que na véspera ainda estavam vivos, tiveram suas pernas quebradas para apressar o fim. O Redentor foi poupado, pois já havia expirado; o golpe de lança foi apenas um gesto gratuito de desprezo ou de escrúpulo por parte de um funcionário zeloso. Cristo, de fato, não devia mais estar vivo para que se pudesse cumprir a segunda profecia: “Nenhum osso lhe será quebrado”.

Na perspectiva de Boaventura, os sinais nas mãos e nos pés de Francisco moribundo podiam ser vistos sem dificuldade, já que o pudor do santo se concentrava apenas na chaga do flanco. Quando o corpo finalmente é exposto à vista de todos, é ainda na chaga do peito que se concentra a atenção de Boaventura: “Depois se encontrou claramente no corpo do defunto a chaga no lado, *não infligida por mão humana nem por qualquer artifício* [apenas no cadáver foi vista realmente a chaga no flanco, sente-se ainda a necessidade de repetir: em 1263, ou seja, quase quarenta anos após a morte de Francisco, e com várias especificações]; quase como se o flanco de Francisco fosse *realmente* o flanco do Salvador, e a chaga fosse aquela que na própria pessoa do Redentor revelou o sacramento da redenção e da regeneração”. Pode-se notar que, nesse ponto crucial, o biógrafo se entrincheirou por trás da autoridade do papa, que na época era Alexandre IV, transcrevendo literalmente uma longa passagem da bula “Benigna operatio”, de 29 de outubro de 1255.

Voltemos a Gregório IX, que, como se disse, demorou muito para se decidir a respeito do milagre dos estigmas: uma década. Todavia, acabou firmando sua opinião, talvez por se sentir sinceramente convencido pela multiplicação dos milagres realizados por Francisco, ou talvez — uma razão não exclui necessariamente a outra — pelo agravamento dos conflitos com o imperador Frederico II e o afastamento quase ininterrupto e forçado da Cúria de Roma entre 1230 e 1235, devido à contínua instabilidade política, fatos que o levaram a buscar aliados. A canonização de santo Antônio de Pádua, em 1232, e de São Domingos em Bolonha, em 1234, tornavam ainda mais forte e incisiva a cooperação das ordens mendicantes (franciscana e dominicana). As duas ordens, porém, ambas em grande expansão, concorriam entre si. Eram precisamente os dominicanos que alimentavam dúvidas sobre a veracidade do milagre dos estigmas: seu reconhecimento oficial se fazia necessário tanto para extinguir uma rivalidade no mínimo inoportuna quanto para dissipar as dúvidas que enfraqueciam a reputação dos franciscanos. Ainda mais que, com o passar do tempo, os frades Menores tinham se revelado uma corrente fundamental para a Igreja, a qual encontrava dificuldades em conter o desejo de uma participação mais intensa e ativa na vida religiosa, tal como pretendia a sociedade da época, então em grande transformação. Portanto, o milagre dos estigmas contou com a autoridade de Roma, ainda que o povo, os pintores e certos membros do clero tenham se recusado por muito tempo a lhe dar crédito. Entre 11 de abril de 1237, quando são enviadas as três primeiras bulas em que Gregório IX confirma a veracidade dos estigmas (uma delas é endereçada precisamente aos priores e aos

provinciais dominicanos), e o ano de 1291, nada menos que nove bulas se dirigem contra os céticos, severamente advertidos e condenados. A oposição vinha de diversos lados: sobretudo do clero, que temia a concorrência de uma Ordem nova e dinâmica, como a dos Menores; também os sacerdotes receavam a diminuição do número de fiéis, que com o tempo passariam a se confessar, ir à missa, rezar e ser sepultados nas igrejas dos franciscanos, doando-lhes os bens e as propriedades. Também contrários aos estigmas de Francisco eram, como sabemos, os dominicanos invejosos, que iniciariam uma longa luta para retirar dos franciscanos a exclusividade do prodígio, exaltando os estigmas invisíveis de sua santa, Catarina de Siena. Contrários eram também alguns franciscanos ainda titubeantes; mas também os pintores relutavam em pintar os sinais dos estigmas e, se os pintavam, muito amiúde eram apagados pela mão de fiéis desconhecidos. Os milagres nas pinturas em que os sacros sinais aparecem e desaparecem são mais um motivo para desconforto. “Este Francisco se tornou um novo Deus!”, exclamaria furioso em 1361 — passados 135 anos após a morte de Francisco — o monge Leonardo Mattioli de Foligno, condenado por rejeitar a realidade dos estigmas. Portanto a desconfiança em relação às cinco chagas foi longa e persistente: em lugar de vê-las como um milagre, muitos as consideravam uma blasfêmia contra Cristo. O fato de ter sido precisamente em Assis, no final do século XIII, a se representar o sonho de Gregório IX, isto é, que se tenha sentido a necessidade de invocar o pontífice como testemunha e fiador do milagre, demonstra a dificuldade que o prodígio ainda encontrava para se impor.

Elias, em sua carta extremamente ousada, não indicara testemunhas nem especificara quando, como, onde e por que as feridas tinham surgido, nem quem estabelecera sua equivalência com as divinas. O primeiro relato extenso e pormenorizado do fato se deve a frei Leão, confessor de Francisco, que acrescentou um comentário de próprio punho ao pergaminho que traz um duplo manuscrito de Francisco:

O beato Francisco, dois anos antes de sua morte, passou uma quaresma no monte Verna, em honra à beata Virgem mãe de Deus e ao beato Miguel Arcanjo, desde a festa da Assunção de santa Maria Virgem até a festa de São Miguel Arcanjo em setembro, e a mão de Deus esteve sobre ele; após a visão, as palavras do serafim e a impressão dos estigmas de Cristo em seu corpo, compôs esses “Louvores”, que estão escritos no verso desta folha e escreveu-os de seu punho, rendendo graças ao Senhor pelo benefício a ele concedido.

Frei Leão — informa Tomás de Celano na *Segunda vida* — estava com Francisco em Verna; passava por uma grave crise espiritual, talvez reflexo da tristeza que via no rosto do companheiro. Um dia, pediu ao santo uma bênção escrita que lhe trouxesse alívio, para manter sempre consigo como uma espécie de talismã. Francisco então pegou um pequeno retalho de pergaminho feito de couro de cabra (está conservado em Assis, na sacristia do Sagrado Convento), e num lado escreveu algumas palavras simples e afetuosas; no outro, um

poema em louvor a Deus. Compôs os versos inspirado pelo alívio que a visão e a conversa com o serafim lhe haviam trazido, acrescentou frei Leão no longo comentário anotado naquele mesmo precioso manuscrito, que transcrevemos parcialmente logo acima. Também a *Legenda perusina*, uma fonte importante e confiável por trazer a contribuição genuína de frei Leão, fala sobre a visão do anjo em Verna, evitando qualquer menção aos estigmas: refere-se apenas a uma benéfica consolação e iluminação que faz Francisco aceitar os sofrimentos passados e futuros.

Em seu comentário, frei Leão especifica: *após* Francisco ter visto e *falado* com o serafim apareceram as marcas dos estigmas; não diz que *foi* o serafim a causar os estigmas e *separa* claramente os dois episódios. De resto, se consultarmos as imagens, podemos conhecer vários casos — permito-me remeter ao meu livro, *Francesco e l'invenzione delle stimmate* [Francisco e a invenção dos estigmas] — em que nem Francisco nem o serafim têm os estigmas: os dois eventos, a visão e os estigmas, *não* coincidem. Assim, frei Leão vincula os sinais sacros a um determinado episódio ocorrido na vida do santo, a aparição e o colóquio tranquilizador com um ser angélico. Elias, inversamente, que não menciona Verna nem a aparição angélica, fala dos estigmas exclusivamente relacionados com a morte, visíveis durante a exposição do cadáver. As duas testemunhas, portanto, não concordam de maneira nenhuma. Frei Leão, com sua anotação: “depois da impressão dos estigmas de Cristo em seu corpo [...]”, estava adaptando para Francisco o versículo de Paulo (Gl 6, 17): “Eu trago em meu corpo as marcas de Jesus”. A questão das marcas ou estigmas reaparece na Bíblia apenas mais uma vez, a respeito da proibição de fazer tatuagens no corpo como sinal de luto por um defunto (Lv 19, 28). A interpretação tradicional acreditava que Paulo, com a palavra “marcas”, pretendia se referir às cicatrizes das chicotadas que o apóstolo afirma ter recebido, na II Epístola aos Coríntios, por sustentar tenazmente sua fé (II Cor 11, 23-8). Mais recentemente entende-se, porém, que Paulo e seus comentadores medievais designavam com essa palavra a marca indelével deixada pelo sacramento do batismo. Jacques de Vitry — contemporâneo de Francisco e testemunha competente dos acontecimentos franciscanos — escreve, por exemplo, na *Vida* de Santa Maria de Oignies, a propósito das penitências excessivas da mulher: “Embora seja verdade que *nós trazemos em nosso corpo as marcas do Nosso Senhor Jesus Cristo*, sabemos que o louvor ao Rei requer juízo e discernimento”; fica claríssimo pelo contexto o uso de “marcas” como sinal próprio de todo cristão, e *não* como privilégio miraculoso de um único indivíduo.

Não sabemos quando e em que circunstâncias frei Leão registrou suas observações; certamente não foi para sua própria lembrança: ele sabia muito bem que se tratava de um manuscrito original do santo e que ele mesmo havia pedido aquela bênção. Com sua declaração subscrita, frei Leão modificava a natureza do pergaminho: um sinal particular de afeto por parte de Francisco se convertia em testemunho público da verdade do serafim e da manifestação dos estigmas. Frei Leão decidiu intervir no pergaminho — creio eu — muitos

anos depois da estada em Verna, quando estava para se separar daquela venerada relíquia. Pergunto-me se a ocasião de escrever um comentário para futura lembrança não teria sido a mesma em que ele e frei Ângelo resolveram colocar em segurança o chamado “Breviário de São Francisco”, confiando-o, entre 1257 e 1258, a Benedetta, abadessa do convento de Santa Clara em Assis. Naquela ocasião, frei Leão poderia ter cedido o duplo manuscrito de Francisco, depois de anotá-lo, para ser guardado para sempre, com todos os cuidados.

Tomás de Celano, na *Primeira vida*, certamente conhecia a versão de frei Leão e obviamente também a carta de frei Elias. O biógrafo não podia se permitir negligenciar o confessor e amigo mais dileto do santo, nem o poderoso chefe da Ordem. Como conectar dois testemunhos tão divergentes? Contornou a dificuldade relatando duas vezes o milagre dos estigmas, com hábeis ajustes, a primeira vez situando-o em Verna e a segunda, no momento da exposição do corpo de Francisco.

Dois anos antes de morrer, Francisco, passando um período no eremitério que se chama “Verna” por causa do nome do lugar, viu numa visão mandada por Deus um homem, como que um serafim com seis asas, pairar sobre ele, com as mãos abertas e os pés unidos, preso a uma cruz. Duas asas se erguiam acima dele, duas se estendiam para o voo e duas, enfim, cobriam todo o corpo. Vendo isso, o beato servo do Altíssimo foi invadido por um imenso assombro, mas não conseguia entender o que significava aquela visão. Comprazia muitíssimo e com grande alegria se deleitava em se sentir fitado com um olhar benigno e suave pelo serafim, cuja beleza era verdadeiramente inimaginável, mas ao mesmo tempo estava aterrorizado pela fixação na cruz e pela crueza de seu sofrimento. Assim se levantou, por assim dizer, triste e alegre, e em Francisco se alternavam alegria e dor. Continuava a revolver com ansiedade o que poderia significar aquela visão, e seu espírito estava terrivelmente tenso em procurar captar seu sentido. Como, ao raciocinar, não chegava a nenhuma interpretação segura e se sentia invadido e muitíssimo agitado no coração pela novidade daquela visão, começaram a aparecer nas mãos e nos pés as marcas dos cravos como tinha visto logo antes no homem crucificado acima de si. Suas mãos e seus pés pareciam perfurados no centro por cravos: na parte interior das mãos e na superior dos pés via-se a cabeça dos cravos, e do lado oposto a ponta. Aquelas marcas eram redondas na parte interior das mãos e alongadas no lado oposto e formavam quase uma excrescência carnosa e saliente, como se fosse a ponta dos cravos redobrada e rebatida. Igualmente nos pés estavam impressas as marcas dos cravos salientes sobre o resto da carne. Também o lado direito, como se tivesse sido atravessado por uma lança, mostrava uma grande laceração que vertia sangue com frequência, de modo que a túnica e as calças ficavam amiúde manchadas com seu sangue. Ah, quão poucos, enquanto o servo de Deus crucificado viveu, tiveram a sorte de poder ver a sagrada ferida do flanco! Mas feliz Elias que, enquanto vivia o santo, mereceu de alguma maneira vê-la e não menos feliz Rufino que pôde ao menos tocá-la [sem vê-la].

Depois Tomás de Celano descreve Francisco morto, pranteado pelos frades:

Todavia, uma alegria inaudita atenuava sua tristeza e a novidade do milagre enchia suas mentes de extraordinário assombro. Assim o luto se transformou em canto festivo e o pranto em júbilo. Na verdade *nunca* tinham ouvido nem lido nas Escrituras aquilo que agora viam com seus olhos, e teriam dificuldade em acreditar se não tivessem diante de si um testemunho tão comprobatório e seguro. [...] Percebia-se nele a forma da cruz. Parecia de fato que acabara de ser deposto da cruz com as mãos e os pés atravessados pelos cravos e o lado direito ferido pela lança. Viam ainda sua carne, que antes estava escura, resplandecer agora com uma luminosa alvura, e a beleza sobre-humana já comprovava

o prêmio da beata ressurreição. Seu rosto, enfim, era como o de um anjo. [...] Enquanto resplandecia diante de todos com tão maravilhosa beleza, sua carne se fazia cada vez mais luminosa. Era realmente um milagre perceber no centro das mãos e dos pés *não as perfurações dos cravos, mas os cravos mesmos formados de sua própria carne*, de cor escura como o ferro e o flanco direito arroxeadado de sangue. E aquelas marcas de martírio não incutiam temor e horror a quem as via, e sim conferiam decoro e ornamento, como azulejos negros num piso branco.

No corpo de Francisco, ressalta Tomás, despontaram cravos de carne semelhantes aos cravos que haviam atravessado a carne de Cristo. Este é um ponto muito importante, porque Tomás retoma a frase de Elias para contradizê-la: Elias havia falado de “perfurações de cravos” (*puncturae clavorum*), feridas produzidas pela ponta de um cravo. Tomás corrige e descreve as marcas dizendo que eram “não as perfurações dos cravos, mas os cravos mesmos formados de sua própria carne” (*non clavorum quidem puncturas, sed ipsos clavos ex eius carne compositos*). É uma especificação essencial: Tomás quer deixar claro que não se tratava apenas de cravos de carne, mas que pertenciam ao corpo de Francisco, provenientes dele mesmo. Porém, o que Elias quisera atestar era exatamente o contrário: as feridas haviam sido feitas por algo externo, por uma intervenção externa e, portanto, divina. No entanto, Tomás especifica que as feridas brotavam do interior do corpo do santo, “*como se ele tivesse sido crucificado com Cristo na cruz*”. Não “em lugar de” Cristo, mas “como se” estivesse com Cristo: para o primeiro biógrafo, Francisco não recebeu essas feridas *de* Cristo, mas *como se* tivesse se encontrado com Cristo: os cravos de carne de Francisco são *uma cópia* dos cravos de ferro do Salvador, uma manifestação do sofrimento interior do santo, *exclusivamente* de natureza *espiritual*. Segundo o biógrafo, durante o retiro espiritual do santo na montanha, os estigmas tinham aparecido num momento *posterior* à visão *silenciosa* do serafim, para explicar o significado da aparição que Francisco não conseguia captar.

Tomás, para tentar conciliar a versão de frei Leão (colóquio com o serafim em Verna) e a de Elias (descrição dos estigmas no cadáver de Francisco), mostrou o serafim em silêncio e apresentou os estigmas como o meio para elucidar a visão. Depois foi obrigado a repetir duas vezes a descrição dos estigmas: após a aparição e no funeral do santo. Assim o biógrafo, por um lado, respeitava a separação entre os dois momentos do relato (visão do ser angélico, aparecimento dos estigmas) relatada por frei Leão; por outro lado, adiando a manifestação dos cravos de carne para um momento posterior, embora indeterminado, conseguiu manter a verossimilhança da versão de Elias, que situava a descoberta dos estigmas apenas no momento da morte de Francisco. Se o serafim tivesse falado, seria impossível que Francisco precisasse se preocupar em entender a mensagem do ser angélico; além do mais, o belo e taciturno serafim, de olhar bondoso e suave, mas que parecia pregado à cruz, permanecendo como figura enigmática e ambígua, justificava tanto o efeito tranquilizador operado em Francisco, como contava frei Leão, quanto o desgosto que Francisco teria traduzido nos estigmas, como afirmava Elias. O colóquio do anjo (não de Cristo) com Francisco, relatado por frei Leão e silenciado por Tomás, haveria de ser, porém, um detalhe não negligenciável

na história do santo, pois retornou após vários anos, exatamente com Boaventura, que qualificaria as palavras do serafim como “*arcana eloquia*”. O diálogo celeste, por outro lado, foi constantemente representado nas imagens, até o momento em que Giotto interveio para modificar radicalmente o relato pictórico da aparição em Verna.

No final da vida, Francisco se sentia cada vez mais acossado e oprimido pela Igreja preocupada em normatizar e aplainar um projeto de vida cristã (praticar a pobreza e o amor evangélicos) que, se fosse realmente posto em prática, teria sido revolucionário e perigoso para a própria estrutura eclesiástica. Sentia-se incompreendido por grande parte dos frades, e isso aumentava seu desalento: tendo a Ordem se multiplicado desmedidamente, nem todos os seus membros eram capazes de partilhar escolhas tão difíceis, homens por vezes de limitadas virtudes ou demasiada cultura, distantes dos puríssimos ideais de seu líder espiritual. Como Cristo, cada vez mais isolado à aproximação da cruz, Francisco, aos 44 anos, acompanhado de pouquíssimos companheiros, íntimos e participativos, se transferiu para Verna, como sabemos, para um longo retiro de solitária contemplação. Contava superar aquela profunda crise que o deixava quase desesperado; pedia continuamente a Deus que o iluminasse, que lhe indicasse como seria o final de sua vida. Com efeito, só começou a sentir que diminuía a escuridão em sua alma quando compreendeu que devia entregar os problemas da Ordem e de seu futuro à decisão de Deus, aceitando — escreve Tomás de Celano — que “se cumprisse totalmente a misericordiosa vontade do Pai celeste em si”: o biógrafo pensa no fundador como um outro Cristo tendo como fundo o monte das Oliveiras. Contudo, o santo gostaria de saber pelo menos o fim que lhe estava reservado, mesmo já seguro de que não se rebelaria. Um dia, depois de orar longamente, ele recorreu à tripla abertura dos Evangelhos, que mostraram a mesma passagem ou outra muito semelhante; o olhar se deteve “sobre a Paixão de Cristo, *mas apenas* na passagem em que ela é prenunciada”. Quando Tomás de Celano escrevia essa parte da obra, evidentemente já conhecia a continuação, sabia que dentro em breve iria narrar a aparição do serafim e dos estigmas. Construiu deliberadamente o episódio da tríplice abertura com citações evangélicas que se referem à agonia de Cristo segundo Lucas (22, 42-4). Cristo, no auge do sofrimento, roga ao Pai: “Afasta de mim este cálice”, mas compreende que deve aceitar todos os sofrimentos da iminente Paixão. Depois da visão do anjo, o Redentor se sentiu momentaneamente consolado; mas logo a seguir sucumbiu novamente a uma grande angústia, a ponto de exsudar sangue.

Francisco também está num monte, o monte de Verna; vê o serafim e encontra consolo no momento em que aceita todos os sofrimentos que ainda o aguardam antes da morte. A angústia leva Cristo a exsudar sangue; Francisco, dissolvendo-se a visão do serafim, sente tão próximo o monte das Oliveiras que torna visíveis os cravos de carne, cópia dos cravos da

cruz. É importante o modelo de referência introduzido por Tomás de Celano, porque é a chave de leitura para entender o significado do episódio seguinte, o dos estigmas, que segundo o biógrafo significaram por parte de Francisco uma identificação com Cristo, *de natureza mental e não física*. Francisco sentia o fracasso de sua vida e de seu projeto com uma dor muito mais temível do que os espasmos do corpo devastado: uma dor mais penetrante porque mais prolongada e mais profunda do que um suplício que chega ao fim com a morte iminente.

O milagre de Arles, já presente na primeira biografia de Tomás de Celano, aconteceu ainda em 1224: enquanto Antônio, o outro futuro santo da Ordem, pregava sobre o tema “Jesus Nazareno, rei dos judeus” aos frades reunidos no Capítulo, o frade e sacerdote Monaldo,

de grande fama, mas ainda mais famoso por sua vida virtuosa, [...] olhando para a porta da sala onde estavam reunidos, viu realmente o beato Francisco elevado no alto, com os braços estendidos em forma de cruz, no gesto de abençoar os frades. E todos os presentes, sentindo-se investidos pela consolação do Espírito Santo, por aquela alegria salutar que os preencheria, acharam *bastante crível* o relato da aparição e da presença do gloriosíssimo Pai.

A fascinante pregação de Antônio transporta os pensamentos do piedoso frade para aquele que seguiu o exemplo de Cristo, suscitando a imagem de Francisco com a cruz ao fundo; no final, todos os presentes aceitam o relato da visão como obra de mútua persuasão. Antônio, que inspira a visão de Monaldo, exerce uma sugestão semelhante à de Francisco em Greccio, quando, na missa de Natal, suas palavras tão intensamente evocativas levaram um homem virtuoso a crer que assistia ao despertar do Menino recém-nascido, provocado pelo santo. Nessa primeira biografia, Tomás de Celano “premia” novamente, após o milagre da carruagem de fogo, o piedoso fervor dos primeiros frades com uma excepcional bênção de Francisco, que se oferece aos companheiros em visão e não mais sob o véu do símbolo; contudo, a imitação de Cristo por parte de Francisco é mantida num plano espiritual, do “como se”.

A interpretação do milagre dos estigmas foi completamente diferente em São Boaventura. Cumpre ressaltar a importância da *Legenda maior*, pois seu autor, na intenção de sanar as fissuras e dissidências que abalavam a Ordem, obteve no Capítulo geral de Paris de 1226 a garantia de que essa biografia seria a única a transmitir a lembrança de Francisco, a única oficial e fidedigna. Ao mesmo tempo determinou-se, e com grande êxito, a destruição de todas as outras *Vidas* anteriores. Assim desapareceram centenas e centenas de manuscritos, e durante séculos o Francisco conhecido foi o de Boaventura e de Giotto, seu genial intérprete. Apenas no final do século XIX foram casualmente encontradas algumas cópias das biografias condenadas, e os historiadores começaram a descobrir incríveis discrepâncias entre datas e informações, dando origem a um debate que se mantém até hoje.

Voltemos aos estigmas: Boaventura quis impor uma identificação *física* de Francisco

com o Cristo crucificado, quis sugerir o Calvário e não o monte das Oliveiras. Ele também narrou o episódio da tripla abertura dos Evangelhos em Verna, porém com uma ligeira, mas decisiva diferença: o códice se abriu não na passagem que predizia a Paixão, e sim na passagem da própria Paixão em ato (“Aberto o livro por três vezes, Francisco deparou todas as vezes com a Paixão do Senhor”).

Segundo Tomás de Celano, após a leitura do texto evangélico, “o servo do Senhor, que estava repleto do espírito de Deus, entendeu que entraria no Reino dos Céus somente através de incontáveis tribulações e angústias”; já segundo Boaventura, “o homem de Deus compreendeu que, assim como havia imitado Cristo nas ações de sua vida, também devia se conformar a ele nos sofrimentos e nas dores da Paixão, antes de partir deste mundo”. Francisco, para poder sentir a aguda dor dos cravos, teve de receber a ferida do exterior. Dessa maneira ele está pronto para sofrer as dores de Cristo na carne, e não somente na alma. Boaventura então retoma o relato de Tomás (ou melhor, os relatos de Tomás, porque o primeiro biógrafo também narrou o episódio dos estigmas nas *Vidas* posteriores), tentando aprimorar a história, tornando-a mais simples e coerente. Com uma finíssima montagem de citações dos textos anteriores, Boaventura confeccionou um relato que, à primeira vista, parece não se distanciar deles, mas que é, na essência, totalmente diverso. Antes de mais nada, a figura que desce do céu em velocíssimo voo e envolta num clarão de fogo não é nítida, justamente por causa da luz que a envolve: de longe parece um serafim, de perto mostra ser o Redentor pregado na cruz (conservando, do aspecto angelical, apenas as asas). Boaventura foi o primeiro a pronunciar a palavra-chave “Cristo”, coisa que Tomás nunca se permitira, usando em seu lugar expressões complexas. Depois Boaventura faz coincidir a manifestação dos estigmas com o próprio momento em que o serafim se desvanece: “Desaparecendo, portanto, a visão deixou no coração de Francisco um ardor incrível, mas também *imprimiu* uma não menos incrível imagem deixando marcas na carne”. Com essa frase prepara-se a inversão do milagre: os estigmas não são mais produzidos pelo corpo de Francisco, mas pela aparição celeste. Na *Legenda menor*, composta para uso litúrgico, Boaventura usou uma comparação perfeita: “como se o selo se imprimisse na cera que o fogo derreteria”. Enfim, dividindo nitidamente a visão em dois momentos e em duas figuras, o último biógrafo ofereceu finalmente aos pintores uma versão mais fácil de ilustrar.

Ao fazer com que os estigmas assumissem a marca divina, Boaventura tornou aquela perfeição inatingível: de um lado, Francisco permanecia o santo a ser venerado, ainda mais por trazer na carne as feridas de Cristo, mas de outro lado, e precisamente por essa razão, os frades não eram obrigados a imitar o fundador, a permanecerem fiéis a suas incômodas palavras, a seu projeto de vida cristã. A santidade de Francisco tinha se tornado inacessível e inimitável. Os frades, mesmo continuando a prestar uma extrema devoção a Francisco, deviam seguir outros modelos, copiar a conduta de vida de outros homens de virtudes mais simples e condescendentes. A iniciativa de Boaventura foi uma operação política ditada pela

necessidade de acabar com a discórdia, mas transformou profundamente a herança espiritual de Francisco.

Para compreender todos os elementos do complexo relato dos estigmas, é preciso ainda fazer um último esforço: tentar entender por que apareceu em Verna não Cristo ou algum anjo, e sim uma complexa figura na qual predominavam os traços do serafim.

Quem são exatamente os serafins? São seres celestiais presentes apenas no Antigo Testamento; segundo a visão de Isaías (6, 2), entoam no templo os louvores de Javé, três vezes santo. Portanto, são anjos que pertencem a uma época anterior à vinda de Cristo sobre a terra e que, na Sagrada Escritura, não têm nenhuma ligação com o Messias: eles manifestam a grandeza do Eterno. Mas os serafins, segundo a ordem hierárquica dos coros angelicais efetuada por Pseudo-Dionísio na *Hierarquia celeste* (uma obra grega que, traduzida para o latim, a partir do século IX exerceu vasta e profunda influência no Ocidente), são os anjos mais próximos a Deus, seres flamejantes porque refletem sua ardente caridade. Na obra da criação, quando “o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus” (Jo 1, 1-2), há um projeto que não se conclui no sétimo dia: o Redentor tem a missão de reconduzir os homens pecadores ao céu e, ao mesmo tempo, de manifestar Deus Pai, tornando-o visível: por isso Cristo pode ser chamado, na obra de Pseudo-Dionísio, mas também no introito da terceira missa de Natal, de “Anjo de Grande Conselho” enviado pelo Pai às suas criaturas: enquanto anjo, Cristo é o mensageiro divino; enquanto homem, é capaz de comunicar à humanidade pecadora a vontade paterna. Tomás de Celano, o primeiro que se empenhou na difícil descrição da aparição em Verna e do surgimento dos estigmas, desenhou uma imagem complexa, mas penetrante (o ser celeste não era inteiramente um serafim e tampouco um homem crucificado), obrigando a si e aos biógrafos posteriores a uma incômoda fidelidade narrativa. O serafim que consola Francisco com sua beleza, mas ao mesmo tempo mostrando-se como crucificado, representa para o santo, segundo o primeiro biógrafo, a caridade do Pai criador que não abandona a criatura pecadora; por isso no serafim *transluz* algo do Verbo que *depois* se encarnou e se fez homem; mas ressalto que a visão celeste evidencia e exalta o componente divino do Pai e portanto do Filho, que são, com o Espírito Santo, um só. Em outras palavras: o Verbo, “Anjo de Grande Conselho” de Isaías 9, 5, anunciador e mensageiro do Pai, resplandece e fala através do aspecto incandescente e imaterial do serafim, espelho da ardente generosidade divina. Em Verna, Francisco não se dedicou a meditar sobre os vários momentos da Paixão; não tentou reviver as chicotadas, os espancamentos, os insultos, a dor dos cravos ou da coroa de espinhos, como, depois dele, faria todo um grupo de místicos e místicas especialmente atraídos pela identificação emocional com o suplício físico do corpo de Cristo. O coração de Francisco se sentia derreter e queimar diante da caridade divina que aceitara fazer um sacrifício pela humanidade, diante do amor do Pai que prefere perder o próprio filho e fazê-lo morrer em vez de abandonar o homem pecador. Naturalmente Francisco sabia que a Trindade é

composta de três pessoas iguais e distintas que são um único Deus, e ao falar de Pai e Filho como se fosse uma relação dentro de uma família humana, sei que não me expresso com exatidão teológica. Mas quero destacar quais eram os aspectos que a religiosidade de Francisco privilegiava no interior do dogma da Trindade.

Em Verna, Francisco está mergulhado nas trevas de uma crise profunda. Após um longo período de retiro espiritual, finalmente tem uma iluminação, entrevendo a solução: se Cristo, que é Deus, entregou-se à vontade do pai, não é o que ele, pequeno homem pecador, também deve fazer? Verna, o serafim, o colóquio angelical, podemos narrá-los dessa maneira.

Frei Leão, que compilou as confidências de Francisco, não diz que Cristo crucificado falou com o santo, pois evocar a carne supliciada do Redentor modificaria totalmente o significado da reflexão de Francisco. Frei Leão se refere, no entanto, a um serafim que simboliza o amor de Deus, de Deus Pai por sua criatura. Matthew Paris, no desenho dedicado ao episódio dos estigmas, representou um Cristo-serafim pregado na cruz escrevendo numa expressa didascália: *magni consilii Angelus*. O beneditino interpretou a visão como um sonho porque Francisco está deitado e dormindo serenamente, mas captou em cheio o significado da aparição.

Tomás de Celano viu no serafim o símbolo da dor espiritual e, ao mesmo tempo, do impulso de amor do Redentor que, no monte das Oliveiras, aceita a vontade do Pai; por isso o biógrafo pôde falar na dor e no amor do serafim, ser exclusivamente incorpóreo, e limitar-se a aludir à crucificação. Boaventura, pelo contrário, ao insistir explicitamente na semelhança entre o serafim e Cristo crucificado, com o qual, no decorrer do relato, o anjo se identifica, colocou a ênfase na dor humana, física e não divina do Redentor. É a premissa necessária para a identificação das chagas de Francisco com as de Cristo na cruz.

Segundo Tomás de Celano, o que se mostrou na aparição em Verna não foi uma figura nítida, capaz de ser reconhecida com a simples atribuição de seu devido nome — um santo, a Virgem ou Cristo —, e sim uma intuição; com finura e perspicácia, ele empenhou-se em traduzir em palavras uma difícil verdade; assim resultou a descrição de uma aparição complexa e contraditória, insatisfatória caso seu objetivo fosse contribuir para aumentar o culto e a devoção a Francisco. O relato de Boaventura, pelo contrário, é linear e claro: os frades podem utilizá-lo na liturgia para celebrar o fundador de sua Ordem; Giotto se baseia nele, conseguindo representar o episódio segundo uma fórmula que se tornaria estável e imediatamente identificável pelos fiéis. Tal foi a proeza, levada a bom termo, de Boaventura, mas com isso a aparição em Verna sofreu uma mudança completa de significado.

Francisco encontrou o serafim apenas dois anos antes de morrer, assim se preparando para o desfecho de uma existência curta, intensa e febril.

Suas condições de saúde tinham se agravado. As chagas aumentavam, os acessos de febre da malária se multiplicavam, o tracoma que contraíra no Egito piorava: a luz o incomodava cada vez mais e frequentemente era obrigado a encobrir todo o rosto com um capuz. Provavelmente, continuando a atender aos leprosos, havia se infectado com a doença, que agora, após um longo período de incubação, começava a se manifestar. As cabeças dos cravos de carne descritos por Tomás podiam, na verdade, ser excrescências leprosas. Se o corpo se desfazia, ulcerado e com frequentes sangramentos, ainda assim a conduta exemplar de Francisco, a força edificante no sofrimento tanto físico como espiritual, levavam os companheiros mais íntimos e afeiçoados a comparações de invulgar compromisso de fé: tinham a impressão de que o grande amigo refazia o caminho de Cristo.

Tomás de Celano certamente gostaria de citar alguma testemunha que tivesse visto os estigmas enquanto o santo estava em vida, ou de mencionar um trecho de algum diálogo revelador. Seu escrúpulo de historiador, porém, não lhe permitiu. O biógrafo, embora pesaroso, declarou que Francisco jamais disse ter os estigmas e nunca sequer mencionou tal palavra. Pelo contrário, sempre desencorajou energicamente qualquer comparação nesse sentido, e sobretudo foi categórico em impedir ilações fáceis sobre a origem das manchas de sangue que os companheiros viam em seu hábito. “*Curam habe de facto tuo!*” (isto é: “Cuida de tua vida!”), disse um dia o santo a um dos companheiros que o importunava com perguntas indiscretas; é o máximo que Tomás de Celano arrisca lembrar na segunda biografia, com vistas a reforçar a veracidade do relato dos estigmas; na primeira, pôde citar apenas uma testemunha ocular, obviamente inexpugnável: frei Elias.

Enquanto o cadáver era despido e preparado para o funeral, além de Elias estava presente frei Leão, o qual, vendo o corpo (segundo uma confidência colhida pelo cronista franciscano Salimbene de Adam), julgou ter diante de si “um homem crucificado recém-deposto da cruz”: frei Leão teve todo o cuidado em evitar a palavra “Cristo”. Podemos imaginar que, para Elias, aquela frase foi uma iluminação e um extraordinário conforto. Reconhecer nas chagas de Francisco morto os estigmas era, para ele, uma maneira de não ter de lembrar o fundador apenas como homem desencorajado, entristecido, martirizado; podia-se dar um outro significado aos sofrimentos físicos de Francisco, transformá-los no privilégio conferido por Deus de forma única e irrepetível. Decidiu, então, promover as chagas finalmente visíveis a estigmas, e divulgar o prodígio com a máxima repercussão possível, transmutando em admirado assombro o pesar dos frades diante do corpo morto e martirizado de Francisco.

Os companheiros que viam se repetir a vida de Cristo no santo, numa adesão literal à mensagem evangélica, deveriam relembrar os últimos tempos de Francisco como uma nova paixão, entendida por uns como sofrimento espiritual, por outros como espiritual e físico ao mesmo tempo e, com o passar do tempo, apenas físico: Tomás de Celano — já o dissemos — sustentou na *Primeira vida* a interpretação de uma dor exclusivamente espiritual e traduziu a

aparição do serafim como a do anjo que vem reconfortar Cristo no monte das Oliveiras, em seu momento de maior desorientação e solidão.

Assim, de um lado, Francisco no monte de Verna conseguiu vencer seu desespero sublimando-o no relato do serafim, que mencionou a frei Leão e aos poucos companheiros que o seguiram. Por outro lado, havia todos os outros frades que assistiam à rápida depauperação física do companheiro, ao aprofundamento de sua tristeza.

O passar do tempo uniu as chagas visíveis no cadáver de Francisco à visão de Verna, mas continuou evidente, na divergência das versões e na dificuldade do relato, a trabalhosa composição entre a interpretação que os frades deram à experiência de Francisco e o significado que ele atribuiu à súbita clareza alcançada no período de sua permanência no monte. Para a maioria dos frades, as marcas constatadas durante a cerimônia fúnebre foram reconhecidas como estigmas que explicavam *a posteriori* os sofrimentos de Francisco, que alcançaram um ponto extremo quando ele decidiu se retirar para Verna, renunciando aos companheiros e às pregações; para Francisco, o prodígio de Verna foi, pelo contrário, a solução de uma terrível crise espiritual.

De fato, ao escrever seu comentário ao episódio de Verna no duplo manuscrito de Francisco, frei Leão colocou o serafim e o efeito tranquilizador em primeiro plano: “após a visão, as palavras do serafim e a impressão dos estigmas de Cristo em seu corpo, [Francisco] compôs esses ‘Louvores’, que estão escritos no verso desta folha e escreveu-os de seu punho, rendendo graças ao Senhor pelo benefício a ele concedido”. Os estigmas de Cristo, que frei Leão mantém claramente separados do encontro angélico, devem ser entendidos não como a marca concreta daquilo que a visão deixara no corpo de Francisco, mas como referência à profunda transformação espiritual ocorrida com o santo após superar as dificuldades com que se debatia. Após a renúncia extrema de intervir na Ordem, na Igreja, nos companheiros, de conduzir o final da vida segundo seu próprio entendimento, o santo demonstrara que havia seguido o Mestre coerentemente até o fim. Por isso, frei Leão podia relacionar o versículo de Paulo com o amigo e escrever que Francisco, após o colóquio com o anjo e finalmente tendo conseguido se entregar a Deus, trazia os estigmas de Cristo.

Quanto à representação dos estigmas, a imagem e ideia que imediatamente se forma em nossa mente é a das feridas de Cristo impressas na carne do santo. É a vitória de Boaventura, que conseguiu impor *seu* Francisco, ajudado à distância de algumas décadas pela genialidade de Giotto, o pintor que soube, através de uma feliz fórmula iconográfica, traduzir e até aprimorar os conceitos do último biógrafo. A tradição iconográfica anterior a Giotto, ainda que se valesse de uma pluralidade de soluções, permanecera fiel à ideia do sofrimento espiritual, pintando constantemente Francisco no gesto de oração em colóquio com a aparição celeste, ora sem estigmas diante do serafim, ora com os estigmas nas mãos e pés,

mas *nunca* com o hábito rasgado mostrando a ferida no flanco.

Tomemos como exemplo a mais antiga pintura remanescente com a representação do prodígio de Verna: é obra de um outro Boaventura, o pintor Boaventura Berlinghieri de Lucca, datada de 1235; pode-se ainda vê-la no local a que foi destinada, a igreja de San Francesco em Pescia (fig. 6). O santo está ajoelhado e levanta os braços em gesto de invocação; para facilitar a leitura da imagem, as mãos e os pés já mostram a marca dos cravos, de cor negra, e não vermelha, justamente para dar a entender que não são feridas, e sim cravos de carne, como Tomás de Celano insistiu em especificar. O belo serafim acaba de descer do semicírculo do céu, totalmente envolto em asas. A cruz está ausente e a única alusão a ela é a disposição das mãos e dos pés do santo, marcada pelas cabeças negras dos cravos. O pintor ou, mais exatamente, o comitente da obra lembrou-se da interpretação de Tomás de Celano, pois a composição é construída quase como um decalque da representação usual de Cristo no monte das Oliveiras, como se pode ver comparando um detalhe da porta de bronze da catedral de Benevento (início do século XIII), que ilustra esse momento da Paixão (fig. 7). O anjo, na pintura de Berlinghieri, está ligado ao santo por meio de um rio de ouro que parece dividir a montanha ao meio. A faixa luminosa, por vezes substituída por raios isolados, indica a luz do paraíso e é o sinal convencional usado pelos pintores medievais para mostrar o contato entre Deus e os homens. Aqui ela faz referência ao colóquio íntimo em curso. A ausência da cruz e a indicação do diálogo mostram que frei Leão não foi esquecido: sua versão deve ter continuado a circular por transmissão oral ou em textos que não chegaram até nós. São precisamente as imagens que transmitiram com pungência esses dois detalhes, algumas delas mesmo depois que a *Legenda maior* de Boaventura veio a se impor. Mas, a certa altura, ocorre uma mudança total. Quem alterou decididamente a corrente iconográfica foi um pintor excepcional: Giotto.

Antes de mais nada, ele interveio em Francisco e no serafim. No contexto de Verna, foi a primeira vez em que o santo apareceu com o hábito rasgado e o flanco à mostra, para deixar claramente visível a ferida no lado direito do peito. O serafim assume claramente os traços de Cristo, e está pregado na cruz. Giotto, além do mais, traçou linhas douradas para unir os protagonistas da cena. Todas essas mudanças podem ser vistas no afresco da Basílica Superior de Assis, na qual o pintor e a Ordem comitente se mantiveram fiéis à ideia de que os estigmas foram produzidos pelo corpo de Francisco, embora com uma margem de ambiguidade introduzida justamente pela inovação das linhas de ligação, que instituem uma relação imediata entre Cristo-serafim e o santo. Essa fidelidade se percebe na escolha do percurso das linhas, que correm com um andamento retilíneo sem se cruzar. Explicando melhor: elas unem a mão direita de Cristo à mão esquerda de Francisco e assim por diante, sempre em relação especular. Isso significa que apenas o santo é pintado como ser real, dotado de corpo; Cristo-serafim é apenas uma visão aérea e imaterial, como se essa fosse a imagem do santo refletida pelo espelho em que ele próprio se olha. Giotto repetiu o mesmo

esquema na pintura proveniente da igreja de San Francesco em Pisa, e agora conservada no Museu do Louvre, em Paris (fig. 8), limitando-se a destacar mais os traços de Cristo crucificado e a apagar a presença do serafim. Porém, a partir do afresco da capela Bardi na igreja de Santa Croce, em Florença (fig. 9), Giotto entrecruzou as linhas (mais uma vez, para explicar melhor, uma linha une a mão direita de Cristo à mão direita de Francisco e assim sucessivamente). Os raios, portanto, provêm de Cristo, agora realmente percebido como presença de carne e osso, e como flechas penetram na pele do santo num percurso em diagonal. Mas, para disfarçar a inovação, Giotto colocou Francisco não de frente para a aparição, e sim de costas, como se o santo tivesse sido subitamente obrigado a se virar para trás, pela irrupção de uma luz sobrenatural. Dessa maneira, torna-se difícil para o espectador acompanhar a trajetória dos raios e apenas um olhar atento percebe a mudança de percurso.

A versão que permaneceu, a exemplo do afresco de Pietro Lorenzetti na Basílica Inferior de Assis, mostra que a fórmula inventada por Giotto se impôs, e sabemos que continuará de maneira incontestada. Os estigmas provêm de Cristo, os raios são da cor de *sangue* e como flechas agudas ferem Francisco que assim é divinizado, agora colocado frontalmente diante da aparição. Pietro Lorenzetti e todos os pintores subsequentes (fig. 10) também seguem Giotto no detalhe da ferida no flanco, visível por uma fenda no hábito, promovendo decisivamente, por meio desse detalhe, aquela identificação de Francisco com Cristo que fora apenas sugerida por Boaventura.

Francisco, como escreveu Dante, “no monte entre o Arno e o Tibre, em solidão,/ de Cristo recebeu o último selo” (Canto XI, 106).

7. O adeus

Depois de Verna e de um pequeno circuito de pregações em alguns vilarejos da Úmbria e das Marcas, retornou a Assis um Francisco exaurido. Não suportava mais a luz, nem sequer o tênue reflexo da chama que acompanhava suas longas noites de agitação febril. Foi morar “por cinquenta dias e mais” no convento de San Damiano; isolou-se numa pequena cela, onde passava a maior parte do tempo deitado em total escuridão.

Francisco sente que logo vai morrer, mas naturalmente não sabe quando; agora que a dor física ocupa grande parte de suas preocupações, precisa de coisas simples, mas às quais não quer renunciar. Pede paz e proteção, porque está fraco e sofre. Com grande liberdade mental, renuncia provisoriamente aos amigos com quem passou tantos anos; próximo do fim, permite-se recorrer a sua grande amiga. Não sabemos como as irmãs e Clara cuidaram do enfermo, e não estamos autorizados a pensar que a doença teria concedido súbitas intimidades ou extensas conversas. Ou melhor, a partir de um pequeno episódio que já mostraremos, pode-se crer que foram observados os silêncios e a distância impostos pela *Regra*, para que os frades evitassem os perigos e as situações ilícitas de um imprudente convívio feminino. Mas Clara deve ter se sentido muito reconfortada com a chegada de Francisco; o profundo entendimento espiritual de outrora entre a jovem e seu mestre não se ofuscara com os anos; pelo contrário, brilhava intenso e tranquilo.

As “filhas de Francisco” desejavam aproveitar sua presença e, encorajadas por frei Elias, pediam insistentemente que o hóspede fizesse uma pregação. E, num dia em que se sentia melhor, Francisco as atendeu. Ergueu os olhos ao céu numa muda oração. Depois espalhou cinzas no chão, fazendo um círculo em volta de si; então espargiu o restante sobre a cabeça. Permaneceu longo tempo em silêncio; por fim recitou o “Miserere”⁵ e, para surpresa geral, foi embora. As irmãs irromperam num pranto desatado.

Francisco se despedira delas e da vida, perto de retornar às cinzas, naquela terra sugerida pelo círculo traçado no chão. Deus havia dito a Adão pecador: “Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó retornarás” (Gn 3, 19). Talvez Francisco tenha se lembrado de Cristo, de sua muda pregação diante da adúltera; renunciando a julgá-la, o Salvador se pusera silenciosamente a traçar marcas no pó do chão (Jo 8-11). Francisco, que dos quatro Evangelhos prefere justamente o de João, teria se inspirado nessa passagem ao pensar que, desde Adão, é a terra que acolhe os pecados dos homens.

Porém, no silêncio, no escuro de seus olhos apagados, Francisco não ouvia apenas seus

males. Tinha a força de continuar a ver, pela vontade, o esplendor da criação, de sentir gratidão por um mundo tão belo.

Um dia, feliz por alcançar a certeza de ter ganhado o Céu pelos sofrimentos, continuou suas meditações em voz alta: “Em louvor a Deus, para minha consolação e edificação do próximo, quero compor um novo ‘Louvor ao Senhor’ dedicado a suas criaturas, das quais nos servimos todos os dias, sem as quais não podemos viver, nas quais, porém, a espécie humana ofende muito o Criador. Todos os dias mostramo-nos ingratos por essa graça tão grande, pois não louvamos como devemos a nosso Criador e dispensador de todos os bens”. E, sentando-se, concentrou-se em reflexões e depois disse: “Altíssimo, onipotente, bom Senhor...”. É o início do maravilhoso “Cântico das criaturas”, composição merecidamente famosa, uma das primeiras poesias escritas não mais em latim, e sim em italiano. Segundo a *Legenda perusina*, de onde extraímos o trecho que será nosso guia para estas últimas páginas, Francisco compôs os versos e também a melodia para acompanhá-los. Depois mandou chamar frei Pacífico, “que naquele século era chamado de ‘rei dos versos’ e gentilíssimo mestre de canto”, para que saísse com um pequeno grupo de frades a lembrar a salvação de Cristo e louvar a Deus. Deu-lhes também instruções precisas.

Francisco não podia mais viajar e pregar pessoalmente. Então concebeu uma outra maneira de chamar a atenção e prender a imaginação dos ouvintes. Um dos frades, que falava bem em público, exortaria o auditório como de praxe. A seguir, o coro dos frades devia entoar o cântico “como menestréis de Deus”, porque, dizia Francisco, “o que são os servos de Deus senão Seus menestréis que devem comover o coração dos homens e elevá-lo à alegria espiritual?”.

Ele considerava a natureza bela e bondosa, dádiva generosamente concedida ao homem a fim de se servir dela para viver. Com o cântico, que na verdade intitulara de “Irmão Sol”, Francisco respondia silenciosamente à tétrica concepção cátera de um mundo onde o espírito era sufocado pelo mal e pela matéria. Como de costume, não polemizava e não atacava o interlocutor, mesmo sendo um herege; confiava em convencê-lo com a força cativante do exemplo, das palavras cheias de alegria e de amor:

*Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória, a honra
E toda a bênção.*

*Só a ti, Altíssimo, são devidos;
E homem algum é digno
De te mencionar.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Com todas as tuas criaturas,
Especialmente o senhor irmão Sol,
Que clareia o dia*

E com sua luz nos alumia.

*E ele é belo e radiante
Com grande esplendor:
De ti, Altíssimo, é a imagem.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Pela irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste claras
E preciosas e belas.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo irmão Vento,
Pelo ar, ou nublado
Ou sereno, e todo o tempo
Pelo qual às tuas criaturas dás sustento.*

*Louvado sejas, meu Senhor
Pela irmã Água,
Que é mui útil e humilde,
E preciosa e casta.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo irmão Fogo
Pelo qual iluminas a noite.
E ele é belo e jucundo
E vigoroso e forte.*

*Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã a mãe Terra,
Que nos sustenta e governa
E produz frutos diversos
E coloridas flores e ervas.⁶*

O hino louva os quatro elementos: Fogo, Ar, Água e Terra, componentes essenciais de todas as formas de vida, inclusive a humana, segundo as crenças medievais. Se Francisco pudesse ter visto a miniatura na lateral do começo do Evangelho de João num manuscrito de meados do século XI (fig. 11), creio que a consideraria próxima de sua poesia. Cristo está sentado no céu, mas com os pés apoiados na terra, para lembrar sua vinda entre os homens e seu sacrifício redentor (vemos, com efeito, os ídolos que caem quando João Batista batiza os primeiros convertidos). Ele é adorado pelos anjos no céu e na terra; sob a borda da esfera estão, com as respectivas legendas, o Mar (um homem segurando um peixe), a Terra (uma mulher com uma criança), o Ar e o Fogo (o primeiro com o disco da Lua na mão, o segundo com o do Sol); o versículo inicial do Evangelho de João que encima a primeira página (*In principio erat Verbum et Verbum erat apud Deum et Deus erat Verbum*) constitui claramente

uma ótima oportunidade para uma representação da criação — como destaca a frase central: “Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (*Omnia per ipsum facta sunt et sine ipso factum est nihil*).

Para Francisco, a mais bela das criaturas, a mais amada, é o Sol, pela luz que o faz se assemelhar a Deus, *sol de justiça*. Dizia:

De manhã, quando nasce o sol, todos os homens deveriam louvar a Deus que criou esse astro, por meio do qual nossos olhos são iluminados durante o dia. E no final da tarde, quando desce a noite, todos os homens deveriam louvar a Deus por aquela outra criatura: o irmão Fogo, por meio do qual os nossos olhos são iluminados durante a noite.

As palavras de Francisco, já quase totalmente cego, são apaixonadas, demonstrando uma alma generosa que é capaz de continuar a amar a luz sem poder vê-la, capaz de amar a alegria da lembrança.

Inicialmente o cântico se fechava com o louvor à criação, mas Francisco acrescentou uma estrofe quando soube que o prefeito de Assis e o bispo (que, naquele ínterim, tornara-se o agressivo e polêmico Guido II) estavam em guerra a golpes de excomunhões e banimentos:

*Louvado sejas, meu Senhor,
Pelos que perdoam por teu amor,
E suportam enfermidades e tribulações.*

*Bem-aventurados os que as sustentam em paz,
Que por ti, Altíssimo, serão coroados.⁷*

Para Francisco, que privilegiara o amor ao próximo, a paz e a concórdia, assistir àquele ódio se desfraldando era uma dor insuportável. Novamente concebeu uma espécie de espetáculo: depois de pedir que o bispo e o prefeito de Assis se reunissem no pátio do claustro do palácio episcopal, mandou que seus frades cantassem diante daquele público o “Cântico do Irmão Sol”, complementado com a nova estrofe do perdão. As palavras, a melodia, as circunstâncias da composição, comoveram profundamente os dois antagonistas, que pediram mútuas desculpas.

Francisco, mesmo gravemente enfermo, nem sempre permaneceu em Assis. Pela solicitude ansiosa dos frades que não se resignavam em vê-lo piorar, foi obrigado a fazer pequenas viagens e submeter-se a diversos tratamentos. Sobretudo frei Elias, que atendia continuamente ao doente, mas também o cardeal Ugolino insistiram para que Francisco se deixasse tratar docilmente e o enfermo, por obediência e depois de alguma relutância, aceitou. Os médicos aplicaram seus remédios, experimentais, dolorosíssimos e, sabemos, inúteis. Para tentar deter o mal dos olhos, um cirurgião foi à ermida de Fonte Colombo, perto de Rieti. Submeteu Francisco a uma cauterização com ferro ardente na região entre as orelhas e as têmporas, obviamente sem anestesia; acreditava que assim interromperia o fluxo

contínuo de humores dos pobres olhos do doente. Enquanto os companheiros fugiam, não conseguindo presenciar a intervenção que parecia uma tortura, Francisco se dirigia ao irmão Fogo com palavras gentis e afetuosas; invocou sua cortesia e suportou as queimaduras com serenidade.

Em abril de 1226, foi enviado a Siena para outros tratamentos; ali se sentiu muito mal, soltou golfadas de sangue e os companheiros tiveram certeza de que ia morrer. Pediram-lhe uma lembrança e um adeus, e Francisco ditou um *Testamento* de poucas palavras, exausto pela doença e pelo sofrimento: “Em memória de minha bênção e de minha última vontade, que os frades sempre se amem e queiram bem uns aos outros e respeitem sempre a santa Pobreza, nossa senhora. Sejam sempre fielmente submissos aos prelados e a todos os clérigos da santa mãe Igreja”. Para Francisco, na escala dos valores, em primeiro lugar vinham o amor caridoso e o estado de pobreza: apenas assim os frades poderão sempre receber prontamente o deserdado, o pobre, o leproso, e partilhar com facilidade e afeto sua vida, porque já é a deles. Depois se preocupa em proteger os irmãos; recomenda obediência à Igreja para que não caiam nas rígidas malhas de sua estrutura e de seus preceitos.

Francisco não morreu em Siena, e conseguiu retornar no final do verão de 1226 para sua cidade, parando antes no eremitério de Celle, perto de Cortona, e depois em Bagnara. Foi provavelmente em Celle, durante um breve período de melhora, que ditou o segundo e mais longo *Testamento*. Poucas páginas, complexas e trágicas, nas quais recapitula sua vida e sua experiência, reafirmando plena fidelidade à sua primeira *Regra*, ao trabalho manual, à assistência dos leprosos, obrigando a si e aos frades ao mesmo respeito: como se pudesse recomeçar desde o início e confiar, como os irmãos que está prestes a deixar, num longo futuro com novos projetos. Reivindica a originalidade de sua obra desejada por Deus, e não por uma Igreja pela qual tem respeito, mas da qual também guarda silenciosa distância. Declara-se disposto a honrar todos os sacerdotes, inclusive os indignos e em pecado, “porque, do Altíssimo Filho de Deus, nada mais vejo corporalmente neste mundo a não ser seu santíssimo corpo e sangue que apenas os sacerdotes consagram, que apenas os sacerdotes ministram aos outros homens”. Os padres são os únicos que podem assegurar aquele contato “físico” com a divindade cuja necessidade é tão imperiosa em Francisco, e nisso ele é um autêntico homem de sua época. Mas, como guia e ponto de referência, a Igreja está ausente: “E depois que o Senhor me concedeu alguns frades, ninguém me mostrava o que devia fazer; mas o próprio Altíssimo me revelou que devia viver segundo a forma do Santo Evangelho. E eu, com poucas palavras e simplesmente, mandei escrever e o senhor Papa o confirmou a mim”. Exatamente porque percebe a proximidade da morte, quando não poderá mais lutar e defender a primeira *Regra*, ele se dobra a grandes concessões, na esperança de salvar pelo menos uma parcela do espírito desse documento. O mesmo Francisco que se recusava a punir e corrigir os frades insurgentes à pobreza e simplicidade originais, pois, dizia, o próprio magistério se fundava no Evangelho e não no poder (“Se não consigo com as exortações e

com o exemplo, não quero me transformar em carníفة para sorrir e açoitá-lo, como fazem os governantes desse mundo”), agora se vê obrigado a ordenar — mas quem sabe com quanta amargura — que o frade culpado seja entregue pelos companheiros a seu superior, que deverá “vigia-lo com grande severidade como se fosse um prisioneiro acorrentado, dia e noite, de modo que não possa de maneira nenhuma lhe fugir das mãos”, no aguardo da sentença.

Mas não havia mais tempo. Este segundo *Testamento* era um documento oficial e, como bem sabia Francisco, o último.

Que o ministro geral e todos os outros ministros e guardiões sejam obrigados por obediência a não acrescentar e a não retirar nada destas palavras. E sempre tragam consigo este texto junto com a *Regra*. E que em todos os Capítulos que fizerem, ao ler a *Regra*, leiam também estas palavras. E a todos os meus frades, clérigos e laicos, ordeno firmemente e por obediência que não acrescentem explicações e comentários nem à *Regra* nem a estas palavras, dizendo: “Assim devem ser entendidas”; mas, como o Senhor quis que eu dissesse e escrevesse a *Regra* e estas palavras com simplicidade e franqueza, com a mesma simplicidade e sem interpretações deveis compreendê-las e santamente observá-las até o final.

À medida que Francisco dita suas palavras, percebe-se que sua preocupação aumenta; passa do “eles” ao “vós”, de um futuro distante para o presente imediato, dos frades futuros a seus frades presentes, crendo poder contar com sua afeição obediente.

Não foi assim. Quatro anos após a morte de Francisco, dois anos após a canonização, Gregório IX, com a bula “Quo elongati”, de 28 de setembro de 1230, retirou ao *Testamento* o valor de texto vinculante e complementar à *Regra*. O pontífice, o ex-cardeal Ugolino, nomeado protetor da Ordem desde 1220 e certamente muito ligado ao santo, afirmou que os frades não eram obrigados a observar as últimas vontades de Francisco e tentara aplinar as violentas dissensões internas da Ordem, divergentes sobretudo ao problema da pobreza. Os frades, de fato, haviam se dividido entre os rigoristas, que desejavam a mais estrita observância da *Regra* nos indivíduos e nas comunidades, e os mais moderados, que consideravam que a Ordem poderia ao menos possuir bens. As divergências entre os rigoristas e seus adversários, entre Espirituais e Conventuais, como viriam a se chamar propriamente apenas a partir de Clemente V (morto em 1314), perdurarão durante séculos, com dilacerações e custos altíssimos: alguns franciscanos pagarão a defesa de suas ideias com a prisão perpétua e até com a morte.

Não permitiram que Francisco morresse em Siena nem em Celle ou Bagnara. Seu corpo logo se converteria em valiosíssima relíquia e devia pertencer a Assis, descansar entre seus muros e lá distribuir milagres às futuras multidões de peregrinos que viriam orar sobre sua tumba, atraídos pela fama do santo e pela compulsiva esperança de conforto pessoal.

Assim, em pequenas etapas, decidiu-se pelo regresso a Assis. O enfermo gostaria de rever sua Porziuncola, mas nem nisso foi atendido. Os habitantes de Assis temiam que, se Francisco morresse durante a noite, os frades se apropriariam secretamente do corpo e o

levariam para outra cidade. Temeriam Perúgia e seus odiados habitantes? As míseras moradas dos frades nas cercanias da igreja eram totalmente indefesas e indefensáveis. Quem poderia excluir a hipótese de uma incursão para se apropriar de Francisco vivo ou morto? Melhor então que o doente ficasse alojado no palácio do bispo, e que os guardas vigiassem-no atentamente todas as noites, fazendo a ronda em torno de todo o edifício.

Francisco agora ficava sempre acamado, assistido, mas com crescente impaciência, pelos companheiros; mesmo os que o amavam sinceramente eram levados a esquecer o amigo, seus terríveis sofrimentos, e a ver apenas um corpo que só a morte tornaria extraordinário. Foi assim que “um frade, homem espiritual e santo” pôde se permitir certo dia o gracejo: “Francisco, a que preço vais vender teus trapos a Deus? Pensa quantos dosséis e panos preciosos e tecidos de seda serão postos sobre este teu pobre corpo, que agora está coberto apenas de aniagem e farrapos!”.

Francisco não conseguiu morrer logo. Para encontrar um pouco de alívio em seu espírito, para se infundir um pouco de coragem, fazia que os companheiros cantassem frequentemente o “Cântico do irmão Sol”, dia e noite. A cantiga lhe fazia companhia no silêncio que envolvia a cidade adormecida; os guardas obrigados a ficar de vigia por sua causa — pensava Francisco — também ficariam contentes em ouvir aqueles sons e vozes.

Mas Elias não estava nem um pouco contente com os repetidos coros. O moribundo era um homem público, já com fama de santidade, o fundador da Ordem. Francisco não devia se sentir livre para gerir seu próprio fim. Por que não levava em conta que seu passamento num futuro próximo iria ser descrito e refletido, momento a momento? A morte devia ser edificante e exemplar.

Dois anos antes, Elias tivera um sonho que pressagiava o fim próximo do companheiro já muito doente, justamente dali a dois anos: portanto, queria ser o organizador dos últimos dias de Francisco e por isso sugeriu uma outra conduta, lembrando-lhe suas responsabilidades. Os moradores que veneravam o moribundo já como santo poderiam ficar desconcertados com aqueles cantos, quase escandalizados: “Como é possível que ele esteja tão alegre e pense em se divertir estando à beira da morte? Melhor faria se se recolhesse e pensasse na morte!”. Francisco teve um último impulso de vitalidade e respondeu inflamado. Não devia absolutamente se preparar para morrer, porque, muito antes do sonho de Elias, meditara dia e noite sobre seu fim e agora se sentia pronto; portanto nada de compunção ou lágrimas:

Irmão, deixa-me em paz! Deixa-me regozijar no Senhor e cantar Seus louvores que me alegam em meio a minhas dores. Por graça e ajuda do Espírito Santo, sinto-me tão estreitamente unido a meu Senhor que, por Sua misericórdia, consigo muito bem alegrar-me com o Altíssimo!

Então, depois de saber pelo médico que realmente lhe restava pouco tempo de vida, Francisco mandou chamar frei Ângelo e frei Leão para que cantassem novamente seu

poema, ao qual nesse meio-tempo havia acrescentado mais uma estrofe dedicada à morte:

Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã a Morte corporal,
Da qual homem algum pode escapar.

Ai dos que morreram em pecado mortal!
Felizes os que ela achar
Conformes à tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda não lhes fará mal!

Louvai e bendizei a meu Senhor,
E dai-lhe graças,
E servi-o com grande humildade.

Os dois frades, entre lágrimas, obedeceram. Francisco estava prestes a abraçar em paz sua última “irmã”, e o “Cântico das criaturas” estava deveras concluído.

Sentindo-se agonizar, o doente pediu para ser reconduzido ao local onde começara sua verdadeira vida, junto com os frades, na Porziuncola. Finalmente foi atendido. Além de Clara, havia outra grande amiga que queria rever, Jacoba de Settesoli, uma nobre romana, viúva de Graziano Frangipani. Mandou que lhe escrevessem para vir imediatamente e, prevendo a proximidade do funeral, que trouxesse velas e pano cru de cor cinzenta para fazer a mortalha. Mas também pediu a Jacoba que trouxesse aqueles docinhos que tantas vezes lhe preparara em Roma: os *mostaccioli*, à base de amêndoas, farinha e mel. Francisco se imaginava vestido de cinza no caixão (como os cistercienses transalpinos, observa a *Legenda perusina*) para que todos se lembrassem que um santo era também um homem, fadado a se tornar pó e cinzas, como todos.

Enquanto os frades ainda procuravam um mensageiro para levar a carta, milagrosamente Jacoba bateu à porta. Espanto e incerteza. Podiam deixá-la entrar, embora por vontade de Francisco fosse proibida a entrada de mulheres? Claro que sim, respondeu Francisco: para frei Jacoba, como ele a chamava familiarmente, não havia nenhuma proibição.

Depois tudo se desenrolou como prevê a piedosa *Legenda* de um santo. Ao clamor do milagre dos estigmas, ao pranto de Clara e das irmãs durante o funeral solene, sucederam-se o sepultamento em San Giorgio, o imediato florescer dos milagres na tumba e, dois anos depois, em presença do pontífice Gregório IX, a faustosa cerimônia de canonização. Nesse ínterim, frei Elias mandara começar a construção da morada definitiva, uma grandiosa basílica dupla, cujas paredes, entre a metade do século XIII e início do século XIV, recobririam-se totalmente de pinturas.

De Porziuncola conservou-se a minúscula igrejinha, mas perdida no interior da gigantesca Santa Maria degli Angeli, que se eleva sobre ela, engolfando-a. Nem a casa da vida nem a casa da morte, para onde o corpo do santo foi levado já em 1230, respeitaram a pobreza e a humildade de Francisco.

Melhor lembrá-lo em sua fresca simplicidade, sorrindo para a amiga que lhe traz o docinho desejado e afetuosamente lhe dá coragem no difícil adeus.

5 Salmo 51, um dos salmos penitenciais. Seu texto começa com as palavras *Miserere mei, Deus* (Senhor, tende misericórdia de mim). (N. T.)

6 Trad. frei Edmundo Binder, em *São Francisco de Assis: escritos e biografias de são Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Ed. Vozes, 7a edição, 1996.

7 Trad. frei Edmundo Binder, em *São Francisco de Assis: escritos e biografias de são Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano*. Ed. Vozes, 7a edição, 1996.

Nota bibliográfica

Os textos franciscanos que citei em minha tradução podem ser lidos, na versão italiana (um pouco livre), em: *Fonti francescane, Scritti e biografie di san Francesco d'Assisi. Cronache e altre testimonianze del primo secolo francescano. Scritti e biografie di santa Chiara d'Assisi*, Movimento francescano Assisi 1978. Para os trechos de Chrétien de Troyes e da Távola Redonda, ver: Chrétien de Troyes, *Romanzi*, Sansoni, Florença, 1962; *I romanzi della Tavola Rotonda*, ed. J. Boulanger, vols. I-III, Mondadori, Milão, 1981.

Quem quiser ler os textos franciscanos em latim pode consultar:

Bonaventurae, *Legenda maior s. Francisci*, in *Analecta Franciscana*, vol. x, Ad Claras Aquas prope Florentiam, Ex Typ. Collegii s. Bonaventurae 1926-41, pp. 557-652.

Bullarium Franciscanum Romanorum pontificum constitutiones, epistolas, ac diplomata continens..., ed. G. I. Sbaraglia (Joannis Hyacinthus Sbaralea), Roma, 1759, reimp. Anast. Assis, Porziuncola, 1983.

Sancti Patris Francisci Assisiensis, *Opuscula*, ed. K. Essser, Coll. S. Bonaventurae, Grottaferrata (Roma), 1978.

Helias, *Epistola encyclica de transitu s. Francisci*, in *Analecta Franciscana*, cit., vol. x, pp. 523-8.

Legenda trium sociorum, édition critique, ed. Th. Desbonnets, in “Archivum Franciscanum Historicum”, LXVII (1974) pp. 38-144; o texto da *Legenda* se encontra às pp. 89-144.

Les Livres Du Roy Modus et de la Royne Ratio, ed. G. Tilander, Société des Anciennes Textes Français, Paris, 1932, vols. I-II.

Sacrum commercium sancti Francisci cum domina Paupertate, ed. S. Brufani, Edizioni Porziuncola, Assis, 1990.

Scripta Leonis, Rufini et Angeli Sociorum s. Francisci, ed. crítica e trad. ingl. de R. B. Brooke, Clarendon Press, Oxford, 1970.

Speculum perfectionis, ed. crítica P. Sabatier, University Press, Manchester, 1928.

Testimonia minora saeculi XIII de s. Francisco Assisiensi collecta, ed. L. Lemmens, Ad Claras Aquas, Typ. Collegii s. Bonaventurae, 1926, *Collectanea philosophico-theologica*, vol. III.

Thomae de Celano, *Vita prima sancti Francisci*, in *Analecta Franciscana*, cit., vol x, pp. 3-117.

Thomae de Celano, *Vita secunda s. Francisci*, *ibidem*, pp. 129-268.

Para a bibliografia referente a todos os aspectos aqui tratados, remeto a: *Francesco e l'invenzione delle stimmate. Una storia per immagini e parole fino a Giotto ed a Bonaventura*, Einaudi, Turim, 1993, e também a: A. Bartoli Langeli, *La realtà sociale assisana e il patto del 1210 in Assisi al tempo di san Francesco*, Atti del v Convegno Internazionale di Studi Francescani, Assis, 13-16 de outubro de 1977; Società Internazionale di Studi Francescani, Assis, 1978, pp. 273-336; G. Basetti-Sani, *La cristofania della Verna e le stimmate di san Francesco per il mondo mussulmano*, Il Segno, Negarine di San Pietro in Cariano (Verona), 1933; M. Bigaroni, *La Chiesa di S. Giorgio in Assisi ed il primo ampliamento della cinta medioevale*, Pubblicazioni della Biblioteca Franciscana, Chiesa Nuova, Assis, 1990; J. Dalarun, *Francesco: un passaggio. Donna e donne negli scritti e nelle legende di Francesco d'Assisi*, com prefácio de G. Miccoli, Viella, Roma, 1994; Nicolangelo d'Acunto, *Il vescovo Guido oppure i vescovi Guido? Cronotassi episcopale assisana e fonti francescane*, in "Mélanges de l'École française de Rome, Moyen Age", 108 (1996-2), pp. 479-524; F. Gabrieli, *San Francesco e l'Oriente islamico*, in *Espansione del francescanesimo tra Occidente e Oriente nel secolo XIII*, in Atti del vi Convegno Internazionale di Studi Francescani, Società Internazionale di Studi Francescani, Assis, 12-14 de outubro de 1978, Assis, 1979, pp. 108-22; R. Manselli, *Assisi tra impero e papato in Assisi*, cit., pp. 349-57; G. Miccoli, *Francesco d'Assisi, realtà e memoria di un'esperienza cristiana*, Einaudi, Turim, 1991; W. Schenkluhn, *San Francesco in Assisi: Ecclesia Specialis*, Edizioni Biblioteca Franciscana, Milão, 1994; M. Vommaro, *I miracoli di san Francesco nella trilogia celanense*, Tese, Università di Tor Vergata, Roma, 1995; B. Zanardi, *Il cantiere di Giotto. Le storie di san Francesco ad Assisi*, introdução de Federico Zeri, notas histórico-iconográficas de Chiara Frugoni, Skira, Milão, 1996.

Tais referências não significam adesão incondicional de minha parte às teses de cada autor, mas reconhecem uma dívida em relação a eles, pois em todas as contribuições encontrei pelo menos temas de reflexão e meditação que me auxiliaram na redação deste trabalho.

Copyright © 1995 by Giulio Einaudi editore s. p. a., Turim
Copyright do prefácio © 1999 by Hachette, Paris

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Vita di un uomo: Francesco d'Assisi

Capa

Mariana Newlands

Foto de capa

São Francisco pregando aos pássaros, Giotto di Bondone, afresco, c. 1296-97.

Basilica Superior de São Francisco de Assis, Itália/ The Bridgeman Art Library/ Getty Image

Preparação

Vanessa Barbara

Revisão

Ana Luiza Couto

Marina Nogueira

ISBN 978-85-8086-068-9

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br